UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
CAMPUS SOSÍGENES COSTA
PORTO SEGURO - BAHIA

MESTRADO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS

JAIRO VIANA DE CASTRO

DO RIO JEQUITINHONHA A BEIRA MAR: APRENDER E ENSINAR COM O REISADO ITAGIMIRIENSE.

Porto Seguro - Bahia
2020

JAIRO VIANA DE CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnicas Raciais Mestrado Profissional da Universidade Federal do Sul da Bahia, *Campus* Sosígenes Costa, Porto Seguro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Joceneide Cunha dos Santos

Porto Seguro - Bahia
2020

JAIRO VIANA DE CASTRO

DO RIO JEQUITINHONHA A BEIRA MAR: APRENDER E ENSINAR COM O REISADO ITAGIMIRIENSE

Trabalho de conclusão de curso apresentado na forma de Memorial ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnicas Raciais, Mestrado Profissional da Universidade Federal do Sul da Bahia, *Campus* Sosígenes Costa, Porto Seguro, com vistas à obtenção do certificado de conclusão.

Eunápolis (BA), 03 de Fevereiro 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Joceneide Cunha dos Santos
Universidade Estadual do Estado da Bahia (UNEB)

Prof. Dr. Cristiane Batista
DCIE - UESC
CAD 745191657

Prof.ª Dr.ª Cristiane Batista da Silva Santos
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Prof.ª Dr. Hamilton Richard Alexandrino F. dos Santos
Universidade Federal do sul da Bahia (UFSB)

Porto Seguro - Bahia
2020

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia - Sistema de Bibliotecas

C355r Castro, Jairo Viana de, 1985 -
Do Rio Jequitinhonha a beira mar: aprender e ensinar com o reisado itagimiriense. / Jairo Viana de Castro. – Porto Seguro, 2020.
104 f.

Orientador: Joceneide Cunha dos Santos
Memorial Descritivo (Mestrado) Universidade Federal do Sul da Bahia. Campus Sosígenes Costa. Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais.

1. Reisado. 2. Saberes. 3. Foliões. I. Santos, Joceneide dos. II. Título.

CDD:371.38

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

Dedicatória

À Clarice Jesus de Castro o melhor pedaço de mim, seu sorriso proporcionou energias e inspirações.

Agradecimentos

Mesmo diante de toda dificuldade enfrentada e além das provocações estabelecidas, a chuva me acompanhava em cada inda e vinda, lavando cada incerteza, o que se projetava como obstáculo eu sempre olhava como esperança, pois chuva é fartura. Logo assim, o sentimento sempre foi de paz, sentia Deus Próximo de mim, um Salve de agradecimento, também para São Sebastião, Cosme e Damião, Nossa Senhora da Conceição, santos e santas sagrados para o catolicismo popular.

A minha filha Clarice, pelas tardes e sorrisos, momentos de estudos e brincadeiras se entrelaçavam mesmo cheio de leituras, estava sempre disponível para alegramos juntos. Aos meus Pais Jonas e Otelina (dona preta) pela dedicação e apoio na minha caminhada.

A minha família pelo apoio, em especial a minha esposa Georgea Jesus Silva Viana, meus irmãos o meu muito obrigado, em especial as irmãs: Jariane, Alécia e Ana Maria, e Jackson (irmão). Aos colegas e amigos da UNEB e da UFSB, em especial Maria Aparecida (Cida) colega Unebiana.

Agradeço a cada folião e foliona, por sempre estarem disponíveis para me receber nas suas casas, vivemos muitas tarfularias, pois nossa sonoridade adentrou escolas, Universidades, igreja, vindos dos terreiros de Umbanda, nossas cores, sabores e cantos, demonstraram sua beleza.

O meu obrigado para duas lideranças das folias de Reisado Itagimiriense, a Dona Maria Conceição Rodrigues (Mãe Ceicinha) por sempre me receber no centro de Umbanda São Jorge, nossas entrevistas eram regadas por sorrisos, mulher de vasto conhecimento e grande fé no orixá Oxossi.

Também sou grato a Dona Maria Silva Souza pelo o seu acolhimento e simplicidade que é sua marca, sempre perguntava por mim ao encontrar com meu pai. Em sua casa de Umbanda Ogum, tive a vivência de folião e pesquisador.

Sou grato pela orientação da professora Joceneide Cunha dos Santos, pela sua dedicação com seus orientados e proporcionado um excelente desenvolvimento educacional no extremo sul da Bahia, amizades e vivências descreve esse caminho.

Agradeço a todos Itagimiriense pelo apoio, especialmente os foliões e folionas: Gabriel Bispo, Gino, Manoel Morais, Manoel Abreu, Nega, Bia, Miúdo, Aparecido, Nilo e Juninho.

Não se faz folia de Reisado apenas com um folião, a coletividade grupal é nossa existência.

Contradança de Folias de Reisado de Itagimirim-Bahia.
Apeia moço para descansar

Ô a primeira vez que eu vim vadiar...
Na ladeira desceu um moço, ele é vem
cansado. Olha besta dele como vem suada.
A peia moço para descansar, tem café
coado para nós tomar, eu não quero café não,
sua dona.
Eu tano mais os meninos e os meninos
tano mais eu, se haver revolução, nem os
meninos corre, nem eu.

Resumo

Esse estudo traz os elementos das Folias de Reisado do sul da Bahia, pensando esses saberes como possibilidade de ensino para sala de aula. A Sonoridade da ancestralidade negra e indígenas que convergiu nos Festejos de São Sebastião em Itagimirim-Bahia. Com uma pedagogia própria os foliões e folionas nos convidam a sentir e ouvir os batuques, cantos e o ritmar das danças. O audiovisual viabiliza adentrar e captar a dinâmica dos aprendizados e ensinamento desses saberes dos movimentos da festividade e do culto afro-brasileiro do Reisado Itagimiriense. O documentário tornou-se uma estratégia para ensinar as relações étnicas e raciais, descrevendo a religiosidade e, o convívio com as diferenças socioculturais segundo Munanga. O Reisado, com sua musicalidade que comunica resistência, sempre contestando a mentalidade colonial, como nos afirma Bhabha sobre o lugar da cultura. Estar nas folias de Reisado é um caminho para contrapor uma mentalidade subjugadora, os próprios instrumentos das folias afirmam e preservam os saberes grupais. No cenário de disputas de memórias, espaços, lugares e identidades culturais. Levar o reisado para a escola é trabalhar com o moderno e a tradição oral, a ecologia dos saberes que são incorporados no universo das vivências, como descreve Hampáte Bâ. Os argumentos para essa pesquisa terão como base as vivências socioculturais do Reisado Itagimiriense e também a metodologia etnográfica participativa e da história oral. As diferentes visões de mundo, de cultura, através do movimento sagrado dos foliões de Reisado.

Palavras-Chave: Reisado. Saberes. Foliões.

Resumen

Este estudio trae los elementos de las Folias de Reisado del sur de Bahía, pensado este conocimiento como una posibilidad de enseñanza para el aula. La sonoridad de los ancestros negros e indígenas convergieron en las festividades de São Sebastião en Itagimirim-Bahía. Con sua propia pedagogía,los juerguistas nos invitan a sentir y escuchar los tambores y las canciones, el ritmo de los bailes. Y, el audivisual permite ingresar y capturar la dinámica, el aprendizaje y la enseñanza de este conocimiento, los movimientos del festival y el culto afrobrasileño de Reisado Itagimiriense. El documental se ha convertido en una estrategia para enseñar relaciones étnicas y raciales, describiendo la religiosidad y viviendo com diferencias sociocuturales según Munanga. El Reisado, com su musicalidad que comunica resistência, siempre cuestiona la mentalidad colonial y, como nos dice Bhabha, sobre el lugar de la cultura. Estar en las vacaciones de Reisado es una forma de contrarrestar una mentalidad subyugante, los mismos instrumentos de las vacaciones afirman y preservan el conocimiento del grupo. En el escenario de disputas de recuerdos, espacios lugares e identidades culturales. Traer la realeza a la escuela es trabajar com estos dos la tradición moderna y oral y la ecologia de los conocimiento que se encarnan en el universo de experiencias, como lo describe Hampáte Bâ. Los argumentos para esta investigación se basarán em las experiências socioculturales de Reisado Itagimiriense y también en la metodología etnográfica participativa y la história oral. Las diferentes visiones del mundo, de la cultura, a través del movimiento sagrado de los juerguistas de Reisado.

Palabras clave: Reisado. conocimiento. Juerguistas

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1.....61
Turma matutina do 2º ano do Ensino Médio
Aula cedida pelo Professor de Matemática. Colégio Estadual Loíde Alcântara Neves.
Fonte: Jairo Viana de Castro.

Fotografia 2.....61
Crianças de 11 a 12 anos, no Centro de Ogum grupo de reisado presente.
Foto na comunidade Itagimiriense, realizando contradança.
Fonte: Jariane Viana de Castro.

Fotografia 3.....72
Bumba (grande tambor) das folias Reisado.
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019.

Fotografia 4.....72
Caixa (pequeno tambor) das folias Reisado de Itagimirim-Bahia.
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019

Fotografia 5.....73
Triangulo
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019

Fotografia 6.....73
Agogô
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019

Fotografia 7.....74
Pandeiro percussivo musical
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019

Fotografia 8.....74
Viola clássica oito cordas. Arquivo pessoal.
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019

Fotografia 9.....75
Gaitas harmônicas. Das folias Reisado de Itagimirim-Bahia**.**
Fonte: Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador. 2019

SUMÁRIO

1. **Memorial da Folia de Reisado Itagimiriense**.....12
1.1. Apresentação: de folião a pesquisador..... 12
2. Leituras realizadas nos componentes: pós-colonialidade, decolonialidades, gênero e ensino de história. 15
3. Mulheres nas folias: das lavouras às cozinhas, ao movimento do cortejo nas ruas, avenidas de casa em casa..... 19
4. Estágio Residência: tocando realizei o ritual de passagem.....21
5. I Seminário das Folias de Reisado de Itagimirim na escola.....27
6. Metodologia em sala de aula: Leitura e análise dos elementos das folias Reisado.....28
7. Oficina/aulas: Estratégias para ensinar os saberes das folias de Reisado Itagimiriense em sala de aula.....28
8. O desdobrar da oficina aula: ensinar e aprender com as folias de Reisado Itagimiriense.....30
Considerações.....36
Referências.....37
11. **Anexo I (fotografias das vivências na oficina aula**) 40
12. **Anexo II -Artigo**.....41
13. Introdução.....42
14. Tambores e batuques, festa e devoção 49
15. Mulheres negras, rurais e urbanas das folias de Reisado.....57
16. Saberes das folias de Reisado Itagimiriense.....64
17. Tafularia: comunicações de resistência na musicalidade do Reisado.....68
18. Cantorias e batuques: a musicalidade que encanta e faz dançar.....70
19. Contradanças: movimento e sonoridade dos ritmos de devoção viva.....77
Considerações.....81
21. Lista de entrevistados/Registros.....83
Referências.....84
23. **Anexo III – Roteiros de documentários**.....87
24. Roteiro do Documentário.....88
25 O começo: Tambores e Silêncio**.**.....89
26. Entrevistas.....90
27. Localidade de produção..... 92
28. Parte Técnica.....93
29. Ideias: o argumento do roteiro fílmico.....93
30. Projeto de Documéntario.....94
31. Cronograma para Produção de Documentário.....99
32. Edição e montagem do documentário.....100
33. Link do documentário das folias de Reisado de Itagimirim-Bahia confeccionado.....102
34. Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.....103

1. MEMORIAL DA FOLIA DE REISADO ITAGIMIRIENSE.

1.1. Apresentação: De folião a pesquisador

Sendo selecionado para o programa profissional de pós-graduação em Ensino e Relações Étnicos-Raciais, da Universidade do Federal do Sul da Bahia com o intuito de continuar com a pesquisa sobre o festejo de São Sebastião Itagimirim-Bahia, iniciada na graduação no curso de História da Universidade do Estado da Bahia, Campus de Eunápolis. E sendo a proposta do programa direcionar a pesquisa para a educação básica possibilitando o desenvolvimento de uma atuação/intervenção no espaço escolar, identificou-se a existência de um silêncio e ocultação dos saberes do Reisado na cidade de Itagimirim, conhecimentos construídos historicamente com as memórias da oralidade de negros e indígenas, diante da demanda local e nacional no que diz respeito ao Ensino Étnico-Racial.

Os conhecimentos dos grupos populares não foram transportados pela escrita, ou não foram classificados como conhecimentos científicos e aspectos culturais. Infelizmente, esses saberes não fazem parte dos currículos escolares do sul da Bahia, não atribuindo a esses foliões os valores culturais como artesões musicais, criadores e difusores de saberes e possuidores de habilidades. Porém as leis 10.639/03 e 11.645/08 contribuíram para inserir o art. 26-A na Lei de Diretrizes e bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), determinando o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos bancos escolares públicos e privados.

Pretende-se refletir as possibilidades discursivas que potencializem aprendizagens significativas com os saberes das Folias de Reisado de Itagimirim nos currículos escolares, evidenciando elementos que impulsionou/impulsiona as identidades geracionais do grupo de Reisado. Para isso, fez-se necessário pensar e construir um material didático que contribua na formação de identidades, mostrando as diferenças religiosas, importantes para o conhecimento do alunado onde esse poderá ter acesso à fonte, fazendo inferência sobre ela.

Os foliões e folionas entrevistados sempre sinalizaram que são oriundos de Cachoeirinha e de cidades do Nordeste do Estado de Minas Gerais tais como: Almenara, Pedra Azul, Salto da Divisa e seu distrito denominado Sobradinho. A fronteira mineira com extremo sul baiano é interligada pelo Rio Jequitinhonha, nas margens desse Rio, havia muitas comunidades ribeirinhas com alguns desenvolvimentos como a freguesia de Nossa Senhora da Cachoeirinha que em seu ápice econômico e cultural recebeu imigrantes de diversos lugares,

com o fim do lugarejo os moradores migraram para localidades no entorno ou mais afastados do Rio.

Seguindo o curso do Rio na década de sessenta do século XX, muitos desses foliões passaram a residir na comunidade de "Manga Velha[1]", que posteriormente passou a se chamar Itagi e depois Itagimirim, tornando-se ponto de pouso para tropeiros que faziam comércio entre Minas Gerais e o Extremo Sul da Bahia.

Conforme citado, o povoado que originou Itagimirim surgiu como um local de parada dos tropeiros, devido também à proximidade com o rio limoeiro. Homens que transportavam mercadorias foram atraídos pelas águas cristalinas do riacho, solos férteis e riquezas naturais em abundância. Afirma-nos Guerra (2004) que o início da povoação surgiu durante o ciclo madeireiro, por volta de 1930:

> Baseando em depoimentos, dois foragidos da justiça estabeleceram-se em abertura em meio à mata, ocasionando pela extração de madeira e fizeram um barracão para fins comerciais. Fornecendo aos homens que trabalhavam na exploração da mata: gêneros alimentícios, utensílios e ferramentas. Posteriormente, tornou-se ponto de pouso para tropeiros que faziam comércio entre Minas Gerais e o extremo sul da Bahia. (GUERRA, 2004. p. 01 site IBGE) [2]

Deparando-me com a história de Itagimirim, algumas perguntas e lacunas surgiam nesta historiografia. De onde vinham esses dois foragidos? De que justiça em pleno 1930 eles fugiam? O que fizeram para contrariar a mentalidade da época?

Com essas problemáticas e o desejo de investigar, no ato de estudar história percebi que também fazia história, pois sendo um folião de Reisado e agora historiador. Diante dessa linha/ideia fui incentivado pela orientadora à possibilidade de analisar a musicalidade, seus saberes e a historiografia dos foliões e folionas de Reisado no Sul baiano e Itagimiriense, afim de que surgisse um trabalho de final de curso de mestrado sobre Festejo de São Sebastião, seus elementos como meios de ensinar a história da cultura afro-brasileira.

Essa pesquisa também busca entender o surgimento, o silêncio dos espaços escolares diante de um festejo de um santo, São Sebastião [3]e/ou um orixá, Oxóssi. O Santo citado este

[1]Em meados dos anos 40 do século passado o comércio cresceu, momento que já existia uma rua, parte da atual Avenida 13 de maio, concomitante ao declínio da exploração de madeira veio à interrupção do ritmo de crescimento do povoado, por volta de 1947 marca-se a chegada do primeiro médico em Itagimirime a instalação da primeira farmácia, na atual Praça Castro Alves, segundo dados do IBGE, em 1952 concentrava-se uma grande feira que atraia gente de diversas localidades aos sábados. Itagimirim- Bahia – IBGE BA- Histórico. Sigla de Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

[2]Página inicial da história da cidade em 24/05/2019 https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itagimirim/historico

[3]O Santo de devoção pelos foliões e folionas, adeptos do catolicismo popular, não é o padroeiro da cidade, seus rituais convergem com rituais dos adeptos da religião afro-brasileira Umbanda, e liderança nas folias de Reisado

que não é padroeiro da cidade, no entanto, alguns santos católicos também cultuados na Umbandista faziam/faz cultos com devoção viva, onde o profano e sagrado estão latentes. De onde vem essa sonoridade que une esse povo nas folias de Reisado em louvor a São Sebastião?

Lembro-me que no caminhar dos anos presenciei o Reisado em diversos momentos, mais especificamente no ano de 1998, quando comecei a entender um pouco mais o que seria o Reisado, possivelmente, porque engajei na manifestação. Assim como outros meninos e meninas, fiquei maravilhado com as cores e movimentos dos foliões e seus instrumentos manuseados por homens e mulheres.

Nesta perspectiva esta pesquisa objetiva propor uma epistemologia decolonial para o ensino de História e relações étnicas e raciais, utilizando os elementos e saberes das folias de Reisado, analisando a sonoridade e comunicação dos povos da oralidade, adentrando os espaços escolares com esses conhecimentos dos foliões e folionas os artesões da tradição oral, bem como refletir sobre as possibilidades de uso de um documentário feito com essas memórias para a educação básica.

Mediante essa importante análise das letras das contradanças, bem como através das narrativas que se pretende montar um documentário mostrando os aprendizados e, os elementos, os saberes e a sonoridade devocional dos festejos em cortejo a São Sebastião que acontece às janeiras na cidade de Itagimirim-Ba.

O Memorial foi divido em oito tópicos, no primeiro tópico descrevo sobre história de Itagimirim a partir dos depoimentos dos foliões sobre o Reisado e também endossado com texto de autores locais, como descritos acima.

No segundo tópico faço uma revisão bibliográfica, destaco as leituras realizadas nos componentes: pós-colonialidade, decolonialidades, gênero e ensino de História, leituras significantes para pensar o Reisado no cotidiano escolar, os saberes e elementos como material didático contemporâneo que descreve a tradição oral, o envolvimento com o meio ambiente nas relações de sociabilidade cultural e econômica.

No terceiro tópico abordo o movimento das mulheres nas folias: das lavouras às cozinhas, a partir dos depoimentos das folionas sobre o Reisado, faço uma revisão bibliográfica sobre as questões de gênero.

No quarto tópico descrevo as técnicas e métodos para coletar os áudios e vídeos das folias de reisado, bem como a revisão bibliográfica de autores que discorrem sobre

tem suas devoções ligadas a Oxóssi. Neste sentido, nas folias de Reisado a uma socialização cultural organizada por pessoas de religiões distintas.

documentário, apresento alguns documentários assistidos que, foram fundamentais para os caminhos metodologias para confeccionar o roteiro e a edição do audiovisual.

No quinto tópico relato o desdobramento do I Seminário com foliões e folionas, professores e alunos para escolher quais áudios e vídeos deveriam compor o primeiro documentário das folias de Reisado Itagimiriense.

No sexto tópico descrevo as estratégias para utilizar o material colhido das folias de Reisado Itagimiriense em sala de aula, tais como: resultado da pesquisa, fotografias, e o audiovisual.

No Sétimo tópico descrevo como foi trabalhar os elementos das folias de Reisado em sala de aula, através de resultados da pesquisa, entre eles: as fotografias e o como o documentário possibilitou o envolvimento do alunado e o conhecimento sobre o Reisado e seus elementos, bem como a relação com história de origem de Itagimirim-Bahia.

No oitavo tópico e para ir finalizar a escrita do memorial, apresento a maneira como foram divulgados os conhecimentos dos saberes do Reisado em quatro aulas. As estratégias e os saberes das folias de Reisado Itagimiriense em sala de aula foram fundamentais, pois o alunado teve acesso à história do Reisado, os elementos negros e indígenas presentes na prática cultural citada, o desdobrar do ensinar a aprender com as folias de Reisado Itagimiriense, bem como sobre a História da Cidade.

2. Leituras realizadas nos componentes: pós-colonialidade, decolonialidades, gênero, ensino de história e festividade.

Nas ecologias dos saberes, Boaventura (2007) apresenta um pensamento abissal e também caracterizado por uma linha que determina os conhecimentos verdadeiros e falsos, segundo Boaventura (2007) “os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis (...)” ficando assim descaracterizado como uma epistemologia, e não conseguindo constituir como um conhecimento para o ensino escolar. No diálogo com vários saberes, como propõe o autor acima descrito, aponto a possibilidades de os saberes das folias de Reisado serem utilizados no ensino escolar.

Os saberes das folias de Reisados sendo ensinados a partir da educação de tradição oral caracterizam no pós-colonial que é possíveis devidos suas reconfigurações com a diferença culturais moderna, o que o autor, indo-britânico Homi K. Bhabha (1998) a chama

do “entre lugar” ao tratar sobre o transcultural que não seria o novo horizonte e nem o abandono do passado ao falar sobre as identidades que estão sempre em construção. Criando e recriando, com seus elementos grupais. Ensinar através das folias de Reisado é uma possibilidade de formar o sujeito no entre lugar, entre a educação da tradição oral e moderna, de uma geração a outra nos movimentos socioculturais. Nesse sentido esse trabalho evidencia o Reisado que, mantém e/ou reconstrói seus ensinamentos utilizando das tradições orais e dos elementos inseridos no caminhar do tempo.

Descrevendo o direito à diferença, a partir das festividades de comunidades negras rurais evidenciando os usos e costumes ali presentes, a dinâmica de criação e recriação cultural afro-brasileira, refletindo sobre o papel das festas e comemorações religiosas, Glória Moura (2005), descreve:

> “Nas festas, os valores que a comunidade reputa essenciais e que condensam esse saber são constantemente reafirmados e renegociados, constituindo, assim, um *currículo invisível* por meio do qual são transmitidas as normas do convívio comunitário. Sem uma intenção explícita, esse *currículo invisível* vai sendo desenvolvido, dando às crianças o necessário conhecimento de suas origens e do valor de seus antepassados, mostrando quem é quem no presente e apontando para as perspectivas futuras”. (MOURA, 2005, p. 70)

As comunidades formadas por grupos étnicos e raciais com suas festividades, ao socializar seus conhecimentos e, saberes memorizados com as crianças e jovens, criam ecos de ensinamentos e aprendizagens, através dos sons, das cores e das musicalidades que atraem as pessoas por onde o cortejo movimenta.

A cidade e seus caminhos socioculturais estão sempre em disputas por: cores, sabores, cheiros, espaços e sonoridades. Para compreender essas trajetórias e conflitos buscou entender as colonialidades do poder e saber; descrita por Anibal Quijano (2005) efetivando que, “(...) a tais raças foi negada toda possível participação nas decisões sobre a organização social e política. (...)”. Porém em suas análises da dinâmica social percorrida pela “descolonização social e descolonização do poder”, para o autor a ideia decolonial vem tomando fôlego na América Latina e conquistando espaços.

Nas Folias de Reisado Itagimiriense os aprendizados acontecem na maior parte com as vivências grupais, com a tradição oral, o diálogo com a reflexão associado às práticas e as vivências são também fatores fundamentais para “descolonização das mentes”. Neste sentido o líder Amílcar Cabral este “(...) o grande líder e mártir da independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau –, como “Africanização dos Espíritos”, afirma que somente com a descolonização da cultura, podemos libertar da mentalidade do colonizador.” Assim, como os

ensinamentos e aprendizagens das folias de Reisado usam as vivências das festividades e o cotidiano, para preservar suas memórias e saberes ancestrais, resistindo e lutando. Nestes ideais, como folião, professor e pesquisador proponho as epistemologias das folias de Reisado para o ensino na educação básica e assim contribuir para uma descolonização do pensamento.

As sonoridades musicais das Folias de Reisado encantam os olhos atentos das crianças e adultos. Comumente elas são convidadas para entrarem nas residências e lá evidenciam suas experiências, bem como o jeito de ser de todos ali presentes. Esses movimentam o ritmo do batuque dos tambores, alegrando as vivências no festejo, impulsionando os saberes devocionais, aprendendo e ensinando a situar na sociedade que aceitam e que rejeitam suas vivências culturais. Esse movimento um contínuo a ensinar e aprender na perspectiva apontada por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2012):

> É sabido que aprender-ensinar-aprender, processo em que mulheres e homens ao longo de suas vidas fazem e refazem seus jeitos de ser, viver, pensar, os envolve em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências de viver. Tratar, pois, de ensinos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder. (SILVA, 2012, p. 501)

O ensino da história e cultura dos negros no Brasil, segundo Munanga (2010) possibilita a formação de identidades, bem como a luta contra os preconceitos raciais e o reconhecimento das diferenças. Para contribuir para uma sociedade em que todos possam viver dignamente, expressando seus saberes religiosos e culturais as suas gerações futuras. Neste sentido Hampate Bá (2010), referencia que:

> Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem. Pode-se afirmar que existe a civilização dos ferreiros, a civilização dos tecelões, a civilização dos pastores, etc. Limitei-me aqui a examinar os exemplos particularmente típicos dos ferreiros e dos tecelões, mas, de um modo geral, toda atividade tradicional constitui uma grande escola iniciatória ou mágico-religiosa, uma via de acesso à Unidade, da qual, para os iniciados, é um reflexo ou uma expressão peculiar. (HAMPATE BÁ, 2010, p. 191- 192).

Passando de uma geração a outra a memória oral dos saberes das Folias de Reisado em movimento com seus batuques, cantos e danças têm um encanto constituindo aprendizado e vivência, uma beleza e uma magia que envolve a meninada. A música para os foliões é uma arte que nasce do silêncio dos sentimentos, nas dores e nas alegrias das vivências no cotidiano, nos encontros e desencontros da vida, da fé, da festa e do festejo. Nas mazelas e milagres feitos e sentido por homens e mulheres.

O poder das palavras torna-se necessárias para os grupos que utilizam a oralidade para manter suas memórias vivas, como no caso das folias de Reisado, manter seus saberes e o movimento desses elementos usando as memórias e vivências com a sonoridade dos cantos e dos instrumentos no cortejo ao Santo e/ou ao Orixá.

Como objetiva esta pesquisa identificar os saberes do Reisado, apontar alguns elementos desse Reisado como estratégia para um ensino de História que inclua as Relações Étnicas Raciais, bem como das festividades religiosas. Para isso inicialmente se propõe, analisar os elementos das folias de Reisado para serem ensinados no ensino fundamental II, assim como a memória e história de um povo. O autor Jadir de Moraes Pessoa (2007) nos seus escritos de "aprender e ensinar com as festas populares" e o encanto da transmissão de saberes e suas pedagogias evidência:

> "(…) quando uma criança está em uma roda de Congo olhando como se toca uma "casaca", com a convicção de que, assim que lhe for dada ocasião, saberá fazer o mesmo som, ou quando outra criança, não mais do litoral capixaba, mas do interior de Goiás, abstrai-se do conjunto da cantoria de uma Folia de Reis e se fixa nos movimentos do folião que bate a "caixa", igualmente com a certeza de que um dia também repetirá a mesma cena, o que ocorre, nos dois casos e em uma infinidade de outros semelhantes, é uma "situação de aprendizagem" (…)" (PESSOA, 2007, p. 04).

As Folias de Reisado surgiram como instrumento de pertencimento popular de conhecimento de aprendizagem e ensino subalternizado. Ao estudar os lugares de memória e sonoridade de bairros negros e periféricos de São Paulo, José Carlos Gomes (2017), descreve as potencialidades dos saberes musicais negros. Os lugares e os conhecimentos a maneira como são colocados dentro de uma sociedade que, inferioriza outras formas de expressões culturais, segundo o autor:

> As descontinuidades de imagens, objetos e sons do passado estão no cenário urbano, inscritos nos corações e mentes, nos silêncios, sons e cores, resistindo aos apagamentos materiais e simbólicos. A cidade é aqui entendida como "um discurso, uma linguagem", mas o direito à expressão não é igualitário, encontra-se em disputa hegemônica e contra-hegemônica. (SILVA, 2017, p. 184).

Os movimentos estão nos passos corporais, nos modos de vida no respeito à natureza, no querer viver feliz. Mesmo que silenciados e invisíveis nos currículos escolares, as folias de Reisado conseguiam manter seus saberes devidos seus aprendizados e ensinamentos, passados na observação e inserção de meninos e meninas. Sendo assim, as culturas sociais populares da oralidade sempre se escrevem nas mudanças da modernidade, através de seus conjuntos de experiências de saberes, na formação das identidades.

É na memória coletiva que constituem os aprendizados de meninas e meninos nas folias de Reisado, Para Michel Pollak "os elementos constitutivos da memória individual e coletiva (...) são os acontecimentos vividos pessoalmente, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer". As folias de Reisado são constituídas na coletividade, neste sentido não existe folia com apenas um folião, mas sim foliões e folionas. De uma geração a outra, os elementos significativos, vão constituindo dentro dos rituais e assim, conseguem manter a festividade sempre viva e presente, na magia das palavras cantada e dançada nas folias sagradas.

3. Mulheres nas folias: das lavouras às cozinhas, ao movimento do cortejo nas ruas, avenidas de casa em casa.

As folionas vieram do ardo trabalho nas lavouras rurais, e assim nas zonas urbanas foram trabalhar nas cozinhas de outras residências, mas no batuque das folias elas exerciam suas alegrias e afetos, batucando e dançando pelas ruas e avenidas.

Na entrevista com dona Maria Silva[4], hoje liderança na folia de Reisado, descreve os seus ensinamentos para tornar-se foliona, a importância da coletividade familiar nesse processo, onde seu irmão há ensinou os toques instrumentais do Reisado, para poder ajudar sua mãe. Segundo D. Maria Silva 62 anos: "Minha mãe saia com jeguinho de carga, os foliões andado a pé (...) cantando Reis, meu pai tinha roça e farinheira, aula era pouca para meus filhos estudar, por isso mudei para Itagimirim".

A vivência de mulheres está viva e presente nas atividades das folias de Reisado do extremo sul da Bahia. Logo assim, fez necessárias as leituras de obras sobre, gênero e interseccionalidade.

[4]Entrevista realizada em 10-06-2018 com a foliona e liderança das folias de reisado Maria Souza Silva, em sua casa de Umbanda Ogum.

Trago as análises de Leila Gonzalez (1979) sobre a mãe preta "(...) a função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente". Na força de mulheres negras que sempre acolhe e são sensíveis para com seus filhos de sangue ou não, passado assim os saberes das memórias, através dos cantos, danças e sociabilidade grupais, assim a folia de Reisado caminhou e movimentou no tempo ou na cultura Itagimiriense, baiana e brasileira. Leila Gonzalez Afirma, que a mulher negra descrita como (ela) garante a ordem cultural "(...) ela passa prá gente esse mundo de coisas que agente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa a gente entra na ordem da cultura (...)" a semente cresceu e fortaleceu e a cultura negra disputa espaço, com sua sonoridade que incomoda os "senhores" mesmo estando na periferia. Por está em uma cidade de pequeno porte do nordeste Brasileiro, as folias de Reisado dessa localidade foram silenciadas e ocultadas.

Os diversos ofícios ensinados e aprendidos pelas mulheres negras da região, rurais e urbanas remontam ao século XIX. E tornaram-se importantes para construir estratégias para manter as folias de Reisado na atualidade. A pesquisadora Jamilly Bispo Laureano (2017. P.7) cita que "o comercio realizado entre a vila de Belmonte e a província de Minas Gerais pode ter contribuído para profissionalização das mulheres belmontenses cativas, que exerce o oficio da costura (...)". Esse ofício é um dos que contribuem para a existência dos reisados, aponto também a força das folionas com as habilidades para a agricultura, caça na água e terra, manejo com animais, o lavar, o cozinhar e o arrumar, e a costurar. O trato com a terra e com os animais possivelmente também remonta aos Oitocentos.

Angela Davis (1981) descrevendo as vivências das mulheres negras, em outra realidade da América, menciona os estupros que era uma opressão ostensiva. A mulher escravizada não era vista como "frágil" ou "dona de casa". Possivelmente como em Belmonte essas mulheres possuíam diversos ofícios. Os homens eram reconhecidos como trabalhadores, diferentemente das mulheres, e também exerciam o posto de "chefe de família". Assim essas mulheres eram muitas vezes subjugadas. Os homens eram impostos como "provedores" em uma sociedade que os mantinham como mãos de obra escrava.

As lutas e conflitos foram significantes, pois, impulsiona essa luta na crença "na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário", Para Suely Carneiro (2003) "os valores expressos pela luta antirracista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos". Mulheres fortes e determinadas a resistir para sobreviverem com

direito a ser feliz e viver de amor. As folionas aqui apresentadas, Marias, Negas e Conceições vista como trabalhadoras do mundo rural e urbano, também extrapolavam esses limites tocando, rezando e batucando nos cortejos e contradanças no calendário das janeiras.

Descolonizada a mulher negra começa a sentir seus sentimentos, Bell Hooks (1994) destaca que: "A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas". A vivência com amor próprio faz a mulher protagonizar em seus sentimentos internos e externos, a maneira para decidir um mundo de emoções. Nas folias de Reisado como um lugar de brincadeiras, encontros, de esquecer um pouco as cicatrizes e envolver no dançar e cantar, momento de alegrias, afetos e folias; a vivência no reisado permite talvez ela viver em comunhão e vivenciar vários sentimentos.

4. Estágio Residência: tocando realizei o ritual de passagem...

Os reisados educam os foliões e folionas nas vivências das palavras faladas através: dos cantos e das danças, nos movimentos, nas memórias e nas identidades dos grupos desta região do sul baiano. Observando os métodos didáticos dos foliões de Reisado, para transmitir os saberes para as crianças e jovens dos grupos, os ensinamentos para confecção dos instrumentos, para memorizar os cantos, as danças e as sonoridades e as habilidades dos batuques, dos saberes importantes para manter os elementos grupais.

Assim ao vivenciar essas expressões, da escola de iniciação chamada reisado, realizei um ritual de passagem de folião e pesquisador, neste caminhar transcrevi essas vivências para o letramento (memorial, artigo e roteiros fílmico), para as imagens em movimento (o documentário) e as imagens estáticas (as fotografias).

A pesquisa etnográfica proposta ocorreu em um espaço de tempo de 10 a 20 de janeiro de 2018, por conta das festividades sagradas e profanas na comemoração de São Sebastião. Porém essa análise vem desenvolvendo e se desdobrando nos últimos cinco anos, tendo como resultados produzidos artigos e trabalhos monográficos. As observações realizadas de forma etnográfica e participativa no primeiro momento constituíram em um trabalho científico de dentro para fora. Seguindo o raciocínio etnográfico de Stéphane Beaud e Florence Weber (2015).

> "O etnógrafo não é somente um tradutor destes universos e um navegador entre eles; ele é igualmente um instrumento de conhecimento submetido à experimentação às vezes arriscada, às vezes penosa, (...)" (BEAUD; WEBER, 2015. P. 185-186).

No envolvimento da pesquisa e do reisado, participei e observei, vivi o folião e o pesquisador em determinados espaços e lugares e percebi as demonstrações da religiosidade. As expressões descritas acima, sobre as folias de Reisado, foram coletadas devido à estratégica metodológica desenvolvida ao vivenciar as pedagogias da tradição oral como folião de Reisado, o que possibilitou assim perceber e transcrever os diferentes aspectos que constituiu essas formações de identidades negras.

O artefato[5] no qual esta pesquisa possibilita é um documentário sobre o movimento afro-brasileiro das folias de Reisado em louvor a São Sebastião em Itagimirim-Bahia, em foco as sonoridades negras. Os tambores, as gaitas, os pratos de esmalte, os agogôs e as violas que estão presentes nos cortejos. Romarias de cores, as vibrações, os silêncios, as alegrias e a fé, o sagrado e profano exalam saberes/ conhecimentos pelas casas, ruas, ladeiras e avenidas, do Rural ao Urbano.

No calendário das Janeiras[6], os reisados estão magicamente organizados e ocorrem as nossas sociabilidades e festividades, remodelando alguns modos de vidas. Aprendendo e ensinando as crianças e jovens: os cantos, as danças e as habilidades que envolvem cultura de Reisado. Sendo folião de Reisado, compreendi os saberes levados ou carregados, no meu jeito de ser e no modo de vida, esses transmitidos pela memória e um sentimento de identidade coletiva e familiar.

Refletindo sobre os conhecimentos/currículos escolares, foi identificado que as Folias de Reisado são transmissoras de saberes e devem adentrar as salas de aula. Com esses objetivos, apresentam-se os elementos das Folias de Reisado. Esses saberes estão contidos nos cotidianos e nas sociabilidades dos foliões e folionas, os quais são aprendidos e ensinados os saberes das memórias e identidades carregadas ao longo do tempo. Que saberes e habilidades essa manifestação propicia para serem usados em sala de aula, quais elementos trazem?

Assim, o audiovisual corresponde um gênero que permite unificar os conhecimentos/saberes populares da oralidade para o letramento. Fazendo um caminho de ida e vindas e de trocas de saberes dos espaços não escolares com o escolar. Colhendo sonoridades e imagens, pode se identificar as pedagogias de aprender e ensinar no Reisado Itagimiriense. As epistemologias do Festejo do Reisado e, os fazeres e saberes com a prática

[5]Utilizo a palavra artefato em crítica à nomenclatura "produto final". Este pensamento surgiu de uma professora negra em uma mesa de qualificação de mestrado, da UFSB organizada pelo programa de Ensino e Relações Étnicos Raciais. O povo negro sempre foi tratado como produto. E como um negro e, neto e filho de folião de Reisado, endosso e resinificou o nome de um dos nossos trabalhos final da pesquisa. Estudo este que carrega a memória o sentimento de identidade. A história da população Itagimiriense, de negros, negras e indígenas.

[6] O festejo em devoção ao Santo São Sebastião que ocorre em 20 de janeiro, fecha o ciclo do calendário de comemoração aos santos, ocorre após o dia de Santos Reis, que se comemora em 06 de janeiro.

e, para a prática é uma estratégica para o Ensino das Relações Étnicas e Raciais, da história social cultural.

Levar a sonoridade e as memórias das folias de Reisado para os bancos escolares proporciona um conhecimento com base na diversidade cultural e sonora. O Reisado, com seus movimentos, aponta para um ensino que garante o convívio coletivo, aprendizados da natureza, a musicalidade os conhecimentos da ancestralidade que formará as identidades e assim unificada com as diferenças em torno de suas manifestações.

Na tendência do documentário contemporâneo, nas palavras de Sheila Schvarzman (2007) é: "A questão central, portanto, é saber como o documentário fez e faz da alteridade o sujeito das imagens (…)", para entender essa relação com outro durante e após as filmagens, as sensibilidades nos modos de viver de homens e mulheres, que são os sujeitos das imagens. E dessa maneira tentamos proceder para a construção de um material didático que possibilitasse o enriquecendo do leque cultural, com uma diversidade afro-brasileira incluindo a religiosa no combate no racismo na escola.

Para nortear nas escritas do roteiro foi necessário debruçar sobre algumas leituras tais como: o artigo a relação do cinema com a História, e a pintura, os primeiros registros das cinematografias, dos autores Ângelo Bento e Jairo V. De Castro (2011), contribuindo assim para pensar a possibilidade na estrutura do documentário. O texto "escrevendo um documentário" de Barrry Hampe (1997) com as escritas claras e objetivas para a composição de um roteiro, descrevendo desde a pesquisa, planejamento e estruturas, essas leituras também foram importantes para inserir outras informações pertinentes na escrita do roteiro que tem relação direta com a proposta, para além das entrevistas, foram utilizadas fotografias dos lugares mencionados pela pesquisa.

As escritas de Sérgio Puccini (2009) relatando sobre a "Introdução ao roteiro de documentário" fundamentaram a organização das imagens audiovisuais, pensarem etapas, processo de maturação da ideia, tratamento e estruturas discursivas. Dentre outras escritas, o que é cinema de Jean-Claude Bernardet, (1985) primeiros passos e, também nos dizem que o audiovisual reproduz o movimento da vida. Esses textos foram fundamentais para construção da linha do tempo do documentário,

Quais falas e personagens iniciariam e, como o roteiro teria uma conclusão. Com essas leituras trabalhei com as pessoas mais idosas entre eles e elas: Jonas Almeida de Castro, 73 anos, Maria Conceição Rodrigues, 69 anos, Maria Silva, 60 Anos e Nega, 60 anos. Com uma grande e longa vivência no Reisado. Assim eles contaram as suas trajetórias no Reisado, com

suas histórias, memórias, os saberes do Jequitinhonha a Beira mar, seus ensinamentos nas folias de reisado, e a nova geração de foliões: Genivaldo da Silva Bomfim, 41 anos, Gabriel Bispo dos Santos, 17 anos e Jairo Viana de Castro, 34 anos, bem como esse encontro de aprendizados.

Assistir alguns documentários fílmicos tornou-se uma maneira de enriquecer a feitura dos roteiros, dentre os audiovisuais destaco:

Documentário: Santiago	Ano: 2007	Duração: 80 min
Apesar do personagem, João Salles [7]abandona o filme em 1992. Quando retoma o filme em 2005 e ele próprio que vira personagem. Narrado em primeira pessoa, na voz do irmão, Fernando Moreira Salles (apresentado em inglês no festival em Paris, com narração de Fernando Alves Pinto), o processo do filme passa a fazer parte dele e aparece, sobretudo, como uma autocritica ao sei modo de conduzir o filme em 1992 e ao fato de na época não ter percebido a relação de poder ali presente. Ao poder do documentarista se somava o poder do filho do patrão. Em uma das cenas mais reveladoras e afirmativas, Salles é chamado de "maravilhoso Joãozinho" por Santiago. Cena que na época João Salles pede a Santiago para repetir sem mencionar seu nome e que hoje é parte do filme. Durante as filmagens a hierarquia deveria ser apagada, hoje ela é tema de do filme.		

Outro documentário que destaco intitula-se:

Documentário: Dos Grilhões aos Guizos	Ano: 2017	Duração: 80 min
Por mais de oitenta anos, congadeiros e moçambiqueiros, vestidos com suas roupas brancas, fitas coloridas cruzadas no peito e chapéus, tocam seus instrumentos pedindo licença pelas ruas da cidade de Piedade do Rio Grande (MG) em devoção à Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito. Dos Grilhões aos Guizos - Festa de Maio e as narrativas do passado retrata a memória, a ancestralidade e a identidade negra em Minas Gerais, por meio de um importante patrimônio cultura: a festa de Congada Moçambique de Piedade, conhecida carinhosamente como "Festa de Maio". Gravado entre 2014 e 2016, o filme expõe, através de narrativas embasadas na tradição oral, a relação entre a memória da escravidão à liberdade, indo do passado escravocrata, onde grilhões embalavam festas negras e construíam resistência por meio de cantos, ritmos e rituais, até a conquista da liberdade, representada pelos guizos dos congadeiros-moçambiqueiros de Piedade.		

[7] http://www.revistacinetica.com.br/santiagocezar.htm. Acesso em 17/02/2020 as 22h59 minutos.

Mais que uma conexão sonora entre passado e presente, o som das correntes dos povos escravizados é relido de forma festiva e em tom livre, através deste instrumento musical característico da Festa.

No entanto o documentário tem poucas legendas, dificultando as habilidades: perceptuais, visuais, que envolve as diferentes compreensão e decodificação do objetivo do audiovisual, pois a legenda é um texto poético e interativo para o letramento social do contexto escolar, logo assim a legenda no documentário do Reisado deverá está em local estratégico, qualificando assim como material didático.

O vídeo documentário Nadir da Mussuca	2016	Duração aproximada: 26 min
Nadir Maria dos Santos, ou simplesmente Nadir da Mussuca[8], é um nome que sintetiza narrativas culturais de Sergipe no que ele tem de mais rico e complexo na sua rede identitária. Personalidade da comunidade quilombola Mussuca, do município sergipano de Laranjeiras, essa mulher, negra e artista, transcende seu território de cantora do Samba de Pareia, do São Gonçalo e do Reisado, e se faz presente em espaços onde sua presença ilumina, e apresenta traços de uma cultura brasileira híbrida com forte teor ancestral da formação afro-brasileira. Dessa forma, Dona Nadir pertence ao seu lugar de origem, a Mussuca, porém a sua grandiosidade histórica e artística a coloca como sendo uma artista que pertence não só ao estado de Sergipe, mas que merece ser vista e reconhecida em todo o Brasil. Nessa perspectiva, o documentário NADIR DA MUSSUCA tem o propósito de ser uma via que possibilite outros públicos, além do presencial, a conhecer e a se interessar pela rica história afro-sergipana contada, nesse episódio, através das manifestações tradicionais que Nadir integra e também pelas suas particularidades religiosas e pessoais.		

Como pretendemos no documentário das folias de Reisado, apresentar a vivência afro-brasileira, através dos depoimentos individuais dos foliões e folionas, porém a coletividade e sociabilidade grupal prevalecerão no decorrer das cenas do documentário.

[8] Documentário sobre Maria Nadir dos Santos, liderança da comunidade quilombola Mussuca, Sergipe. Pesquisa, roteiro e direção: Alexandra G. Dumas. 15 de mai. de 2016. Acesso em 19 de setembro 2019. https://www.youtube.com/watch?v=eG-X3Cx77iw

O audiovisual sobre o cotidiano dos Malinke [9]:

Documentário: A magia da tradicional música Malinke		
Festival, Música, dança e vida cotidiana doa Malinkes e Baro, Alta Guiné. O baterista Mansa Camio explica os costumes de sua cultura.		

Para o povo Malinke a vivência cotidiana é baseada no ritmo do corpo através dos cantos, das danças e dos instrumentos percussivo, entre eles o tambor é bem presente em suas sociabilidades grupais.

Sendo assim, deve-se embarcar no cortejo festivo, observando cada detalhe e participando do envolvimento da organização e composição, nos desdobramentos e demonstrações da religiosidade, um movimento sagrado. As lideranças iniciam as visitas aos foliões e folionas reafirmando/articulando o convite, para ensaios e apresentações.

Através das folias de Reisado Itagimiriense foi possível elaborar um documentário com entrevistas descrevendo a manifestação da memória cultural popular, seus batuques e a arte de rua, o processo de ensino-aprendizagem de saberes, além de desenvolver um material didático para o ensino de história em salas de aulas do ensino fundamental II, enriquecendo os recursos didáticos para o ensino de história do externo sul baiano.

Munido de equipamentos de filmagem, captei as imagens em movimento e os sons produzidos por foliões e folionas de Reisado, demos o passo para uma pesquisa e produção de documentário sobre esses modos de vidas, um patrimônio cultural ressignificados na arte tradicionais afro-brasileiras e indígenas, nos cortejos aos reinos negros, no cultuar as divindades.

Os "cortejos de coroações de reis negros", segundo Marina Mello Morais (2002) é uma prática da África Centro-ocidental, do reinado do Congo e que o rememora. Essa rememoração foi disseminada para os lugares que os povos do continente africano foram exilados. O hábito de se pedir esmolas era muito comum desde o período colonial, como descreve a autora citada e Martha Abreu (1999) e tinha como objetivo a realização das festas das irmandades ou para o financiamento dos benefícios aos irmãos carentes, dentre outros objetivos.

O cortejo das folias de Reisado, também é uma forma de esmolar como descrito acima, geralmente os moradores recebem o terno de reisado, socializam algum gênero alimentício, ou qualquer outro financiamento que deverá ser utilizado no ápice da festa o dia

[9]Publicado em 1 de maio de 2008, por Hans-Jorg Heinrich. Acesso em 01/06/2019 às 14h:59 minutos. https://www.youtube.com/watch?v=kcJf0JAlzTQ

do santo, especificamente vinte de janeiro com danças, cantos, batuques e comidas sendo coletivamente confraternizados.

Como não existia um material denso sobre o Reisado de Itagimirim, além da minha pesquisa de final de curso; tive que produzir um material, um artigo que subsidiou a produção do roteiro e documentário. Foram confeccionados através da auto etnografia e entrevista oral: 21 arquivos de vídeo e áudio resultando em 890 minutos de filmagem, 600 fotografias, este acervo registra a memória viva e presente das folias de Reisado do extremo sul da Bahia.

5. I Seminário das Folias de Reisado de Itagimirim na Escola.

Em parceria com o Colégio Municipal Othoniel Ferreira dos Santos, (Instituição que conclui o ensino fundamental I e II) junto à diretora, as professoras e a Secretária Municipal de Educação de Itagimirim - Bahia realizou-se o I Seminário das Folias de Reisado de Itagimirim[10]. Em 10 de novembro de 2018, uma tarde de sábado: foliões, folionas, pesquisador, professoras adentraram o espaço escolar para pensar quais contribuições e possibilidades poderiam propor com os elementos do Reisado; que contribuíssem com a educação básica, através: de fotos, de vídeos, dos cantos e das danças. Estes instrumentos e a musicalidade desses elementos poderiam ser analisados e desdobrar em materiais didáticos para o Colégio Municipal.

O Seminário na escola teve também, dentre os diálogos levantados: o pensar sobre as novas gerações de foliões, bem como as maneiras de buscar contribuições financeiras para organizar e executar as festividades em comemoração a São Sebastião.

Como professor Licenciado em História, propus uma oficina com quatro ou oito horas na Semana da Consciência Negra para o ano de 2019. Com o objetivo de elencar os saberes e conhecimentos das Folias de Reisado na educação básica.

A escolha do alunado/ turma convidada para compor a temática e realizar inferência com fonte/ conhecimento e saberes apresentados na oficina, foram pensadas e norteadas com seguinte objetivo: uma ou duas turmas do 9º ano do ensino fundamenta II, que não tiveram contato com as folias de Reisado no espaço escolar.

[10]I Seminário realizado pelo neto e filho de folião de Reisado. O movimento cultural afro-brasileiro de Reisado se inicia e consegue convergir às culturas indígenas, negras e migrantes do "Rio Jequitinhonha do território baiano a Beira Mar". https://radar64.com › noticia › cultura_40125. Publicado em 16/11/2018 às 08h49.**Cultura - RADAR 64.**

Segundo Átila S. S. Guimarães (2018) “Percebe-se que não basta ter somente uma postura militante de combate subitâneo a toda manifestação de racismo, neste sentido no espaço escolar, mas necessário possibilitar materiais didáticos que desenvolva no aluno, mudanças de percepção ou olhar inverso ao costumeiro que os africanos e seus descendentes da diáspora são representados”. E dessa forma confeccionei um material didático da folia de Reisado. Abordando os elementos e saberes de negros e indígenas que constituem o Reisado, o canto, a dança e dentre outros já mencionando no texto.

6. Metodologia em sala de aula: Leitura e análise dos elementos das folias Reisado.

Incentivar os alunos a tornarem-se disseminadores de valores e atitudes antirracistas; investigar sobre as habilidades com instrumentos percussivos e suas sonoridades; possibilitar o conhecimento das folias de Reisado da Cidade, histórias familiares e lugares de migrações dos avôs e das avós, dos pais e das mães; conversar em roda de bate-papo com o folião e pesquisador. Leitura da poesia: **A meninada e seus tambores**, (própria autoria), com narrativas que elencam a relações: com o Rio, com as vivências grupais e familiares; a natureza, o cantar, o dançar, os sons e cores para as relações Étnico-Raciais.

Leitura e análise das letras das contradanças das folias Reisado Itagimirim catalogadas, no qual terá a inferência dos alunos e alunas com a fonte. Exposição das fotografias dos foliões e folionas. Leitura fílmica do documentário: DO RIO JEQUITINHONHA A BEIRA MAR: A DEVOÇÃO VIVA DA FOLIA DE REISADO. Confecção escrita (redação) da vivência da oficina.

7. Oficina/aulas: Estratégias para ensinar os saberes das folias de Reisado Itagimiriense em sala de aula.

Nosso intuito era socializar a experiências da pesquisa sobre os aprendizados e ensinamentos das folias de Reisado, na sala de aula. Possibilitando com os saberes populares do Reisado no documentário, um material didático para combate ao racismo escolar, já que as vivências socioculturais nesse movimento são de negros e indígenas, diante dos variados conhecimentos; a musicalidade e a agricultura, transmitidas por homens e mulheres pretas, para impulsionar as identidades grupais.

As epistemologias populares, destacamos o canto, a dança e os toques instrumentais, toda uma musicalidade e resistência com a prática sociocultural, saberes das folias de Reisado na escola.

Tendo o material catalogado como desenvolver ensinamentos com os conhecimentos do Reisado Itagimiriense junto ao alunado.

A oficina/aula teve como tema: Folias de Reisado Itagimiriense musicalidade e saberes de negros e indígenas. A oficina junto ao documentário tonou-se fundamenta para o alunado, e assim conheceram a história de origem da cidade, os saberes e elementos das folias de Reisado da cidade de Itagimirim. Dialogaram com os elementos negros e indígenas presente na manifestação dos Reisados.

Na impossibilidade de desenvolver a proposta com uma turma do 9º ano do ensino fundamental II, por estarem na semana de provas. Logo assim, direcionamos ao Colégio Estadual Loíde Alcântara Neves, localizado na Rua São Domingos, centro da cidade de Itagimirim-Bahia, em uma turma de 2º ano, após o diálogo com o professor de matemática que cedeu algumas aulas para realizar a oficina em uma turma com nove meninas e doze meninos.

Sendo assim, todo o material coletado no decorrer da pesquisa, entre eles: Áudio e vídeo, fotografias e transcrição de vivências e musicalidades, os quais foram suporte para analisar os cotidianos do movimento sagrado dos foliões e folionas. Tornaram-se fundamentais para desenvolver a oficina um grande acervo e material didático que adentrou o colégio Estadual.

Caminhamos no sentido de colocar na roda de conversas os saberes coletivos transmitidos pelos discentes, assim, as perguntas foram construídas para que os alunos abordassem os históricos familiares que relacionasse as histórias do Reisado e do surgimento da cidade, o contado com a musicalidade percussiva, bem como as habilidades individuais com instrumentos musicais, os conhecimentos prévios sobre as folias de Reisado.

8. O desdobrar da oficina aula: ensinar e aprender com as folias de Reisado Itagimiriense

No turno matutino, cheguei ao espaço escolar para observar, bem como ter um contato com o alunado do 2º do ensino médio. O colégio está localizado no centro da cidade de Itagimirim, é de pequeno porte, contendo dois pavilhões separados por um pátio. Quando adentra o espaço cinco salas à esquerda, sendo uma sala de multimídias, cinco salas do lado direito, sendo uma biblioteca e uma cozinha. À frente a secretaria e sala dos professores, dois banheiros laterais para meninos e meninas.

Nos murais do espaço escolar, observou-se cartazes colados, em referência as atividades ocorridas na semana anterior. Em conversa em sala com aluno informou que os cartazes foram confeccionados pela sua turma de 2º ano matutino, para a Semana da Consciência Negra, ocorrida nos dias que antecederam a nossa oficina. Em conversa o professor que nos cedeu suas aulas, para realizar a oficina, afirmou que desde o ano 2015 realizam o evento da Consciência Negra no colégio, ele descreve com a expressão de felicidades que os alunos e alunas do colégio engajam na organização do evento escolar.

As turmas fazem cartazes, preparam comidas como acarajé, enfeita a escola, segundo o mesmo, os alunos pedem emprestados às vestimentas de religiões de matriz africana, de sua casa de candomblé em um bairro da cidade. Porém na escrita desses cartazes há textos como a "consciência humana", não contribuindo assim para uma educação antirracista.

Agora transcrevo um trabalho situado na realidade periférica de alunas e alunos na Vila Maria da Conceição, nome que titula a escrita, onde a professora Carla Moura (2018, p 60) aborda; "Refletimos ainda sobre a importância de conhecer e narrar a própria História e de se autodenominar para disputar com as representações racistas, que estruturam as relações sociais (...)" com essa reflexão afirmo que os alunos e alunas ao serem apresentados ao contexto histórico de suas origens e demandas contemporâneas, se afirmam e executa ações que tem a possibilidade de problematizar as ações antirracistas.

Então abrimos a aula com seguinte tema: Folias de Reisado Itagimiriense: musicalidade e saberes de negros e indígenas. Objetivando incentivar os alunos e alunas a conhecer os saberes e elementos, bem como a história de origem da cidade de Itagimirim. Logo após, lancei perguntas para a turma tais como: Quem sabe a história da origem da cidade de Itagimirim/Ba? Quem sabe tocar instrumento percussivo musical? Quem conhece as folias de reisado da cidade? Quais conhecimentos têm sobre o Rio Jequitinhonha? Perguntas que serviram de norte para descrever os elementos e conhecimentos sobre o movimento

sagrado das folias de Reisado.

Diante das primeiras perguntas, teve-se certo silêncio, sendo rasgado quando um aluno destacou a construção da BR 101, como um marcador no período de emancipação política da cidade de Itagimirim, uma aluna lembrou: “meu avô tocava viola e triângulo e que ele participava das folias de Reisado”, e um aluno destacou “toco violão e teclado”.

Narrei que meu olhar para as folias de Reisado é marcado por uma vivência e por uma pesquisa, já que sou neto, filho e folião de Reisado, assim a musicalidade, as danças e saberes são identidades e memórias familiares.

Trago ao texto as considerações sobre obra de Nikolai Leskov. O narrador, por Walter Benjamim assim descreve: “(...) A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores (...).” Ao transcrever minhas memórias de folião, bem como de uma coletividade de foliões e folionas, trago a experiência e conhecimentos para uma epistemologia da educação básica.

Ao expressar que sou egresso do ensino médio do Colégio que ministro a oficina/aulas, e como Itagimiriense lado a lado com alunos e alunas, apontado que a confecção do conhecimento se dar a partir de uma coletividade de diálogo, e que os saberes populares locais necessitam adentrar os espaços escolares, fazendo uma ligação entre oralidade e letramento, e não uma hierarquização de saberes. Evidenciando os caminhos e memórias e história de um povo, aqui foliões e folionas, refuta-se a historiografia tradicional, e ocupamos e lutamos pelo lugar de existir e poder falar.

No bate papo, descrevi e dialogamos com trechos da pesquisa, sobre migrações, diversidades raciais, o impulsionar de identidades proporcionada pelo Reisado, culturas da região. Os fluxos econômicos e culturais através das canoagens no Rio Jequitinhonha, os tropeiros e as estradas percorridas por dentro das matas, as duas maneiras de transportes de mercadorias.

Destacando os trânsitos de mercadorias e pessoas no território do Rio Jequitinhonha a Beira Mar. A importância do Porto de Belmonte, para cidade do Rio de Janeiro e Salvador, quais a práticas para escoar as riquezas locais, surgimento dos vilarejos como cachoeirinha, bem como os saberes dos negros e indígenas, os conflitos e estratégias para manter seus saberes grupais.

Para as discutimos as diferenças e as desigualdade raciais, pontuamos conceitos tais como: memória, identidade, racismo e antirracismo. Lançamos perguntas sobre as folias de

Reisado, apresentamos o contexto histórico do Reisado, através da apresentação dos elementos pesquisados, os caminhos e movimentos do Reisado em um espaço, tempo e suas convergia com outras culturas do extremo sul Baiano.

As letras transcritas dos cantos foram fundamentais para compreender e analisar o movimento da cultura negra, no território que denominamos através da pesquisa de Do Rio Jequitinhonha a Beira mar, a relação com os rios, matas, os modos de sobrevivência utilizando o ambiente natural através das duas caças: da terra e da água e, também os saberes da agricultura e naturais, para plantar e colher nos roçados.

Rendeu uma boa discussão, e geraram alguns questionamentos, dois alunos destacou que a identidade estava relacionada às nossas ancestralidades, uma aluna pontuou os elementos que nos acompanham as identidades familiares, as memorais são lembranças dos acontecimentos vividos.

Abordamos os acontecimentos que podem ser incorporados nas vivências, fazendo sempre uma ligação com a memória e identidades dos grupos sociais que participamos dentre eles: família, escola, Reisado e sindicatos. Com caminhar das discussões, uma aluna destacou que os racismos fazem negar as religiões de matriz africana. Nesta abertura salientamos que as lideranças femininas das folias de Reisado Itagimiriense são da Religião Umbanda, assim como grande maioria dos foliões, mas que dentro do grupo também há adeptos de um catolicismo com marcas das culturas negras e indígenas.

Problematizamos o silêncio e ocultamento para com os saberes das folias de Reisado, como uma expressão e isso ocorrem possivelmente em decorrência de uma ligação entre os Reisados com as religiões de negros e negras, pessoas que se denominam foliões e folionas e os elementos que são rejeitados dentro da construção historiográfica local.

Um aspecto fundamental é pensarmos o que os alunos falaram e alguns possíveis significados, interligando em suas falas que o silêncio e ocultamento para com os saberes das folias de Reisado e o não reconhecimento do ensinamento da tradição oral por estar ligados às marcadas da cultura negras.

Uma aluna descreveu a história de um filme assistidos pela turma, segundo ela “as humilhações sofridas pelos negros e negras. Um homem foi enganado e levado para trabalhar como escravo, mesmo sendo livre, somente porque ele era negro, e não conseguiu prova suas acusações”, o nome do filme 12 anos de escravidão. Outra aluna descreveu “o desrespeito para com as religiões de pessoas negras”.

O professor de matemática que nos cedeu às aulas esteve presente em sala, como convidado e também participou com perguntas e opiniões, assim relacionou o racismo com as desconfianças sofridas ao entras em lojas, "no olhar dos seguranças os negros sempre são caracterizados como os ladrões, que vão levar algo sem pagar, por isso estão sempre bem seguros quando entram em shoppings". Descrevo um relato parecido nas escritas da autora Carla Moura[11] (2018, p 69) sobre suas experiências de sala de aula, e as respostas dos alunos e alunas durante a sua aula sobre patrimônio da comunidade e feminismo negro, "Não houve dificuldades em compreender que, por exemplo, ser perseguido pelo segurança do supermercado, era uma experiência social compartilhada entre todos os alunos negros (...)".

Não podemos pensar que essa situação que acontece do nordeste a sul do Brasil, mediante as situações cotidianas de racismo na estrutura social, seja normalizada, estes acontecimentos devem ser debatidos com práticas antirracistas, em primeiro lugar levantas as vozes diante das humilhações raciais sofridas, demonstrando sempre a impaciência para com os agressores envolvidos na malha de mentalidade branco-violenta.

Durante os diálogos e levantamentos sobre os casos de racismo, incrementamos em meio aos discursos a seguinte pergunta o que é antirracismo? Para uma aluna, mesmo que as pessoas desrespeitem seus usos e maneiras tais como: os cabelos crespos ou cacheados fora do padrão da moda, as vestimentas, é manter seus gostos independentes dos julgamentos, respondendo a altura para a falta de respeito.

Na oportunidade das falas, analisamos a contradança "cabelo preto cacheado" transcrito, música que os foliões e as folionas descrevem os cabelos cacheados e/ou crespos, as alunas ficaram supressas pela a contradança de Reisado, valorizar os cabelos cacheados. "As alunas destacaram que hoje estão na moda os cabelos cacheados e crespos e tem com produtos especifico para o tipo de cabelo". Destaquei a presença feminina no Reisado, liderando e participando das contradanças engajadas nos cantos, batuque e na construção do ritmo e palavras versadas nas cantorias.

Logo, assim se percebe o e envolvimento de mulheres na construção da musicalidade, do ato de sair das cozinhas para sala de estar. A professora Atila Guimarães em sua escrita sobre o uso da musicalidade como material didático, bem como suas narrativas das memórias de infância, e assim descreve o universo humano relevado pelas canções:

[11]Carla de Moura. AS MARIAS DA CONCEIÇÃO. Por um Ensino de História Situado, Decolonial e Interseccional. Porto Alegre, BR-RS, 2018.

> "A música sempre fez parte do cotidiano de quase todas as culturas, é uma fonte preciosa de informações sobre os seres humanos e suas relações sociais, através delas podemos perceber aspectos subjetivos de quem interage com ela, assim como representações simbólicas (re) produzidas na sociedade. Logo, é uma construção social e histórica que serve para comunicação e para transmissão de conhecimentos, técnicas, valores e crença de um povo (..)". (GUIMARÃES, p. 40.)

Ao trabalhar os materiais catalogados das folias de Reisado Itagimiriense em sala de aula, revelamos histórias e memórias de um povo, saberes e elementos tão pertencentes a nós, que nos foram negados através do racismo estrutural, silenciado e ocultado as epistemologias populares e ancestrais, como forma de negar nossa identidade, porém no caminhar do antirracismo e na disputa por espaços, cores, sabores e saberes nossas expressões deixaram vestígios, para ouvi-las e observa-las, as sonoridades dos pretos e pretas.

No decorrer da atividade iniciamos nossa exposição de fotografia do cortejo da folia de Reisado, habilidades de mulheres, homens e adolescentes com os instrumentos, as aprendizagens, encontro de gerações, as folias, cortejos e rituais sagrados e sociabilidades.

Encerrando as fotografias, iniciamos em seguida a exposição do documentário, DO RIO JEQUITINHONHA A BEIRA MAR: A DEVOÇÃO VIVA DA FOLIA DE REISADO para realizamos discussões e inferências junto ao alunado, apresentando a sonoridade rural e urbana de resistências e afetividade do Reisado, a diversidade religiosa, étnicas e raciais. Convidamos a sentir nossa percussão com a musicalidade negra e indígena

Mostrou-se esclarecedor e muito produtivo, assistimos o documentário confeccionado com os foliões e folionas Itagimiriense filmado entre os anos de 2014 e 2018. Descrevendo origens, as rotas culturais no Rio Jequitinhonha, a contradança: cantos e danças, o lado sagrado, a confecção de instrumentos, as fases de observação e aprendizados. O leque de saberes que compõem os elementos das folias de Reisado com sua sonoridade nas ruas e avenidas, a sociabilidade das folias de Reisado Itagimiriense.

Neste sentido é de grande importância apresentar as folias de Reisado como um movimento sociocultural de negros e indígenas, mulheres e homens que constituiriam e impulsionaram identidades e saberes. Uma maneira de demonstrar a importância dos grupos silenciados e ocultados do extremo sul da Bahia, os indivíduos que formaram a sociedade desse território de identidades e memórias, os fluxos e rotas culturais e econômicas, o movimento sagrado.

Foram solicitados a confecção escrita de uma redação sobre a vivencia na oficina aula: aprender e ensinar com o reisado Itagimiriense. Embora curta, a Oficina abriu possibilidades e discussões para o patrimônio sociocultural do extremo sul baiano, bem o uso do material

didático elaborado com os conhecimentos do Reisado, em destaque a fotografia a abaixo.

Turma matutina do 2º ano do Ensino Médio

Fotografia -01. Aula cedida pelo Professor de Matemática. Colégio Estadual Loíde Alcântara Neves.
fonte; Jairo Viana de Castro. Ano 2019.

Assim apresentou uma aluna em suas escritas: “Itagimirim e a história do Reisado. Os movimentos culturais mais presentes no município são, as danças, a capoeira e o Reisado que, traz alegrias nas residências cantando e tocando. Uma cidade pequena mais de povo hospitaleiro, rica em cultura no Reisado”.

A intencionalidade da oficina que também o documentário contribuiu, foi sensibilizar os alunos e alunas para os conhecimentos e aprendizagens com os elementos do Reisado, os saberes de negros, e assim contribuir para um respeito para com o outro e um posicionamento antirracista. Valorizando as brincadeiras e alegrias do viver coletivo do Reisado.

No entanto, a maior certeza é que alterei o cotidiano dos alunos e alunas. O que deveria ser uma semana de revisão de aula de matemática ganhou lugar a vivências ocultadas e silenciadas das folias de Reisado. Espero que leve para suas vidas o melhor dos objetivos da proposta, alegrias e descobertas marcaram esses quatro encontros.

CONSIDERAÇÕES

Divulgar os aprendizados das folias de Reisado nas escolas faz-se necessário devido a tantos brasileiros dentre eles os Itagimirienses que negam ou desconhecem suas histórias e assim possibilitar as novas gerações conhecer um movimento cultural, que expressa e impulsiona a identidade, memória histórica de um povo, suas religiões e religiosidades populares que os espaços escolares não ensinam. Por isso, a importância de conhecer essas manifestações e suas lutas de resistência e estratégias.

Desse modo, os saberes e memórias captados em fotos e filmagens no período da festividade Itagimiriense de Reisado são fundamentais e necessárias para propor um recurso didático pedagógico para os alunos do ensino fundamental II e ensino médio, sobretudo da cidade de Itagimirim, e das escolas da Costa do Descobrimento e das cidades do Vale do Jequitinhonha. Mas que pode ser usado por qualquer professor que objetiva trabalhar com imigrações, festividades e contribuir para uma educação antirracista evidenciando a brasilidade e também a riqueza sociocultural para os alunos dessa localidade, seja nos modos de vidas, nas brincadeiras e na maneira de pensar, viver e participar da sociedade, a qual o indivíduo pertence. Através dos conhecimentos, anseios, alegrias e também, das dificuldades sociais, que por muitas vezes é distanciado dos currículos escolares.

Levar os materiais didáticos das Folias de Reisado para o colégio municipal Loíde Alcântara Neves, foi de grande importância, pois os alunos tiveram a oportunidade de dialogar com a história e saberes da cidade por um viés sociocultural, mesmo com colégio necessitando de reformas, os alunos e alunas movimentaram o lugar com suas identidades e disposições, uma vez que participaram ativamente em cada detalhe da oficina. Apesar do curto tempo a energia e curiosidades para o conhecimento educacional, me fizeram sair da escola com alegria e a certeza de dever cumprido.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta. **Cultura popular***:* um conceito e várias histórias. In: Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Martha Abreu & Rachel Sohiet (orgs). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. FRAGA, Walter Filho - Uma história do negro no Brasil. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALBERTI ,Verena. **Alguma estratégia para o ensino de história e cultura e afro-brasileira.** Ensino de história e cultura afro-brasileira e indígenas/ Amilcar Araujo Pereira, Ana Maria Monteiro (org) –Rio de Janeiro. Pallas 2013. Pg 27/56.

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. – 3 ed. – Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.

BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence. **O raciocínio etnográfico**. A pesquisa sociológica/ Serge Paugam, (coordenador); tradução de Francisco Morás. –Petrópolis RJ: Vozes, 2015 – (coleção Sociologia).

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. - / considerações sobre obra de Nikolai Leskov. Editora Brasiliense.

BERNARDT. Jean-Claude . **O que é Cinema**. Editora Wolfgang Knapp. Jornalismo/Clóvis Rossi _ primeiros passos. 1985.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de lima reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1998.

Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis -1944- ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. recurso digital.

CASTRO. Jairo Viana de. SANTOS, Angelo Bento Leite dos. **A PELÍCULA E A PÉROLA: RELAÇÃO DO CINEMA E A HISTÓRIA NO FILME MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA**. / laboratório de ensino de história- *campus* XVIII da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2011

Conselho Nacional de Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CONSELHEIROS: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora), Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino Pinto de Ângelo e Marília Ancona-Lopez. Brasília-DF, 10 de março de 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 30, pp. 05 - 12, 2011. FELINTO, Renata Aparecida; SILVA, Salomão Jovino da. Especialização em Política de promoção da igualdade racial na escola. Módulo 3 – Educação e relações étnico-raciais: ações e intervenções. Unidade 1. **Sons e ruídos, música e identidades**UNIFESP- São Paulo. 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1983, p. 223-244.

GUIMARÃES. Átila Silva Sena. **CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR** / Orientador (a): PROF. Drº Wilson Roberto Mattos. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTORIA, Campus I. Salvador. 2018.

LAUREANO, Jamilliy Bispo. **ENTRE O MUNDO DO TRABALHO E OS RITOS SACRAMENTAIS**: A VIVÊNCIA DAS MULHERES E HOMENS ESCRAVIZADOS NA VILA DE BELMONTE (1867-1888). Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XVIII, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História. 2017.

JUNGE, Peter. HUG, Alfons. **Arte da África**. Centro cultural Banco do Brasil -Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo. 2003/2004.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário** – NUPPAG – núcleo de pesquisa e produção Audiovisual em Geografia – IGCE UNESP/Rio Claro. 1997.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição Viva**. Capítulo 8 - Pgs. 167- 212. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478. _____.**Vivendo de amor**. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-egenero/4799-vivendo-de-amor Acesso: março de 2018.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Conferência foi transcrita e traduzida por moniqueaugras. A edição é de dora rocha. *Estudos históricos, rio de janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.*

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina**. Buenos Aires. 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e Diversidade cultural**. Cadernos Penesb10/ Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas/ _ Revista do programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira faculdade de educação – UFF. 2010.

MOURA, Glória. **O Direito à Diferença**. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MOURA, Carla de. **AS MARIAS DA CONCEIÇÃO.** Por um Ensino de História Situado, Decolonial e Interseccional. Orientador: Fernando Seffener. Dissertação (Mestrado

Profissional) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação Ensino de História. Porto Alegre, BR-RS, 2018.

NICHOLS, Bill. **Introduction to documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Revista Crítica de Ciências Sociais,* 78, Outubro 2007: 3-46.

SERGIO, Puccini. **Introdução ao Roteiro de documentário**. Doc On-line, n.06. Agosto 2009, www.doc.ubi.pt, pp. 173-190. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. 2009.

1 SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E. **Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil**. - Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

2 SILVA, Salomão Jovino da. **As culturas musicais dos retornados, ou brasileiros da Costa atlântica africana.** Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2017

3 SILVA. José Carlos Gomes da. **Territorialidades negras na cidade de São Paulo: lugares de memórias, sonoridades, tempos e pessoas**.Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 20

2SILVA, Salomão Jovino da. **As culturas musicais dos retornados, ou brasileiros da Costa atlântica africana.** Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2017.

PESSOA, Jandir de Morais. **Aprender e ensinar nas festas populares** – Proposta pedagógica. Salto para o futuro / TV escola SEED - MEC – Boletin 2, abril 2007.

3 SILVA. José Carlos Gomes da. **Territorialidades negras na cidade de São Paulo: lugares de memórias, sonoridades, tempos e pessoas**. Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2017.

SIMSON . Olga R. de Moraes von .**O SAMBA PAULISTA E SUAS HISTÓRIAS**.(Textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista.). Centro de Memória/UNICAMP

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista:** história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: editoria UFMG, 2002.

SCHVARZMAN, SHEILA. **Tendências e perceptivas do documentário contemporâneo: um olhar histórico retrospectivo**. - sobre fazer documentários/ vários autores – São Paulo: Itáu cultural, 2007. 124 p

SCOTT, Joan**. Gênero: uma categoria útil para análise histórica . -**tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila. - Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses.Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. Capítulo 7 - Pgs. 139- 166. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010

11. ANEXO I (FOTOGRAFIAS DAS VIVÊNCIAS NA OFICINA AULA)

12. ANEXO II – ARTIGO

Introdução

Convidamos o leitor para ouvir e sentir os toques de nossa percussão: Bumba (grande tambor) e caixa (pequeno tambor) que batucam pela cidade, no chocalhar do pandeiro e na harmonia das gaitas. Que dá o compasso para os movimentos corporais da nossa contradança, no ritmo em samba de roda/contradança. Fazemos nossa arte de rua, de casa, do rural e do urbano, com beleza e musicalidade coreográfica que encanta e atrai as pessoas. Com fundo religioso os foliões caminham pelo rural e o urbano em cada rua e avenida, seus cantos, batuques que encantam o público fazendo rememorar os costumes de seus ancestrais.

Nas idas e vindas de analisar, a história e memória de um povo, no festejo de São Sebastião, com método da história oral, estava fazendo e buscando a história da minha família. Na procura e confecção, nas observações dos aprendizados e ensinamentos do Reisado, nas entrevistas, nas brincadeiras, no silêncio da sala de casa, ouvindo, lendo e relendo minhas fontes que, trilhei o percurso dessa trajetória.

Para analisar a musicalidade, dos ternos de Reisado expressos: no batucar, dançar, cantar e festejar; buscou-se o método etnográfico. Ele deu amparo para a observação, e/ou anotações, a chamada etnografia participativa. Seguindo o raciocínio etnográfico de Stéphane Beaud e Florence Weber (2015) que descreve que: "O etnógrafo não é somente um tradutor destes universos e um navegador entre eles; ele é igualmente um instrumento de conhecimento submetido à experimentação às vezes arriscada, às vezes penosa, que a pesquisa representa para ele. (...)". Outro método utilizado foi o da história oral que constituiu em coleta de entrevistas individuais. Ressalta-se que foram usadas as proposições de Verena Alberti (2005) para a feitura da história oral. Essa metodologia foi fundamentalmente importante, durante e após os cortejos festivos.

Realizado um total de oito entrevistas, os foliões foram ouvidos individualmente em seus cotidianos. Nessas entrevistas serão destacados os aprendizados, bem como as fases que eles ocorreram, seja enquanto crianças e/ou adolescentes. Buscaram-se informações desde o ato de observar, até ao participar manuseando os instrumentos das folias de Reisado, junto aos adultos. Extraindo assim as contribuições para o ensino de história das religiões e religiosidades do sul e/ou extremo sul da Bahia.

Sendo neto e filho de folião de Reisado. Meu painho e minha mainha me ensinaram vários saberes: o plantar, pescar, caçar, o manejo com animais, o matar o animal para alimentação, o cozinhar, e sendo filho de lavadeira o lavar.

O conhecimento pode incorporar no universo das vivências, não somente nos gestos ou ações, respeitando uma composição de proibições e obrigações ligadas à sua atividade, que constituiu códigos de comportamento em relação à natureza e aos semelhantes, nas palavras A. Hampate Bá (2010) sobre o artesão tradicional descreve:

> "Os caçadores, os pescadores e os agricultores não correspondem a castas, mas sim a etnias. Suas atividades estão entre as mais antigas da sociedade humana: a "colheita" (agricultura) e a "caça" (que compreende "duas caças", uma na terra e outra na água) representam também grandes escolas de iniciação, pois não há quem se aproxime imprudentemente das forças sagradas da Terra Mãe e dos poderes da mata, onde vivem os animais. A exemplo do ferreiro de alto forno, o caçador, de modo geral, conhece todas as "encantações da mata" e deve dominar a fundo a ciência do mundo animal. " (HAMPATE BÁ, 2010, p. 192).

A minha escola de iniciação foi se constituindo no ato de observar e ouvir a palavra falada, em que vários elementos e saberes predominaram o aprendizado e domínio das atividades coletivas, logo assim formando uma identidade sagrada, pois os saberes divinos se materializaram nas expressões corporais, no modo de vida, no cantar e dançar da musicalidade das folias de Reisado, no movimento do cortejo a São Sebastião que propicia alegria e encanto.

Meus avôs migraram para essa região, vindos do nordeste de Minas Gerais aqui se estabeleceram. Agricultores, carpinteiros, ferreiros e lavadeiras, foliões e folionas[12] de Reisado que tiveram pequenas propriedades de terras, no lado baiano. Esses migrantes incluindo homens e mulheres negras e, também de ancestrais: malinkés [13]e aimorés[14]

[12]Para se referir as mulheres que participam das folias de Reisado, utilizaremos a palavra "folionas", mesmo que, sejam uma palavra dicionarizada que, traz os seguintes significados: Folionas é o plural de foliona. Diz-se da mulher que gosta de foliar. Etimologia (origem da palavra foliona). De folião. Verbo intransitivo. Fazer parte de foliar; estar em folias; realizar muitas brincadeiras. E também a forma como os foliões de Reisado de Itagimirim descreve a mulher/mulheres que participa das festividades. https://www.dicio.com.br/foliona/, https://www.dicio.com.br/foliar/

[13]Os malinkés (ou mandingas, em português) são grupo étnico africano pertencente ao grupo mandé, do nordeste da África, da região das fronteiras da Guiné, Mali, Senegal, Gambia, Burkina Faso, Guiné-Bissau, Nigéria, Mauritânia, Costa do Marfim e sul do Marrocos. Descendentes do Império de Mali, que teve como poderoso rei mandinga Sundiata Keita, os Malinkes são comerciantes ou agricultores, e em sua maioria vivem na zona rural, longe da costa e de difícil acesso às rodovias ou ferrovias. Informações extraídas do acesso a revista eletrônica. Oralidade, Cosmovisões, Cultura popular e Afrikanidades, acesso em 29/05/2019 as 05h:52 minutos. https://terreirodegrios.wordpress.com/musica-da-africa-mandinga-ou-malinke/.

[14]Os Aimorés "Transmitiam suas histórias de pais para filhos, principalmente à noite, ao redor do fogo ou depois das comidas. (...) eram excelentes caçadores, descobrindo com rapidez a pista dos animais ou atraindo-os através

contribuíram para a formação de uma sociedade do atual sul e extremo sul baiano, nas proximidades do Rio Jequitinhonha[15]. Rio que no período colonial era fronteira entre as capitanias de Ilhéus e Porto Seguro, conhecido também como Rio Grande de Belmonte.

Os canoeiros, tropeiros e foliões no sul baiano foram importantes para o desenvolvimento social, cultural e econômico, pois às navegações de canoagem através do Jequitinhonha e os caminhos pelas matas eram rotas de mercadorias e de trocas culturais do Porto de Belmonte na Bahia a Minas Gerais.

Sendo guardiões de seus costumes socializados na coletividade, estes povos mantiveram e preservaram através dos seus corpos e alma, uma memória viva e presente no cultuar, nos rituais, modos de ser e viver. Mesmo que ressignificadas tais identidades culturais ou lapidadas com saberes indígenas, negros alguns deles migrantes, nesse "entre lugar" tornando-se um "espaço" de construção de uma coletividade uma nova ideia de sociedade no lado baiano, segundo Bhabha (1998):

> "O afastamento das singularidades de "classe" ou "gênero" como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão a identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial e a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originarias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre -lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. " (BHABHA, 1998. p. 19-20.)

Os foliões encontram no Reisado uma expressão e maneira de aprender e ensinar seus saberes guardados nas memórias[16]. Sendo assim comunicam seus conhecimentos, com a

---

da imitação de seu grito. Usavam o arco e fecha, não só para caçar como também para pescar (...). Acreditavam em espíritos maus e na sobrevivência da alma depois da morte. A lua era o grande espírito do bem, que protegia a todos. Eles acreditavam que os botoques os ajudavam a ouvir e a falar melhor". Albani Galo Diez. Segredos da Bahia – São Paulo: FTD, 1998.

[15] Na Região das minas, onde hoje se localiza o estado de Minas Gerais, muito ouro foi explorado e mandado para Portugal, no início do século XVIII. Também em regiões do atual estado de Minas Gerais, foram encontradas minas de diamantes. Da Bahia, desde o início da colonização, partiram várias expedições á procura das riquezas minerais (...), contudo, essas expedições contribuíram para o povoamento do sertão baiano, pois abriram caminhos, expandiram a criação de gado e a agricultura de milho, feijão, mandioca e algodão. Albani Galo Diez. Segredos da Bahia – São Paulo: FTD, 1998.

[16]Quando nossos mais velhos vieram das Áfricas, nada trouxeram consigo. Na face e no corpo, as cicatrizes rituais de iniciação e de identidades grupais eram os únicos invólucros dos que traziam por dentro, a alma africana. Naquele sopro divino sobreviveram todos os hábitos de suas culturas ancestrais, apesar da provação suprema da travessia do calunga, daquele atlântico inferno. Vieram guardadas as devoções aos espíritos ancestrais, as formas de representação do mundo, a memória das terras de Aruanda. Estas foram as únicas ferramentas para operar a resistência e a reconstrução de suas humanidades. Foi preciso juntar os cacos e refazer

musicalidade, o batuque, o festejo e a devoção, formando identidades culturais com poder da palavra falada. Os saberes transmitidos por esses grupos, seja no cotidiano ou nos momentos festivos, desenvolvem uma pedagogia de educar e formar identidades com suas práticas coletivas da oralidade popular dos ternos de Reisado.

As folias de Reisado tornam-se uma maneira encontrada, por esse povo no sul baiano para afastar-se e contestar uma ideia de sociedade colonial que silenciava e ocultava os povos que eles subjugavam inferiores. No movimento de devoção viva, os foliões e folionas se desprendem da mentalidade e ideias que tentam colonizar, suas memórias e identidades presentes e atuantes.

Os diversos caminhos e, disputas de memórias e espaços que o Reisado percorreu para contrapor o pensamento imposto e a maneira que constituiu seus próprios instrumentos para preservar seus saberes grupais, foram e é um modo de contestação diante da lógica que apropriou as produções populares, nos diversos sentidos. Podemos compreender essa refutação nas descrições de Anibal Quijano, (2005) sobre a colonialidade do saber, para o autor:

> "Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. (QUIJANO, 2005. p. 127)

A réplica apresentada, pelos Foliões de Reisado diante do despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade, foi manter suas manifestações culturais nas ruas, nas casas, no rural e urbano, formando identidades, com saberes importantes ao grupo e, tem potencial epistemológico. Para referenciar nossa arguição da pesquisa e possibilidade de aprender e ensinar nas relações étnicas e raciais evidenciadas nos escritos de Petronilha Beatriz, (2007), e a razões históricas ou as dificuldades e importância em trabalhar os saberes das folias de Reisado no ensino fundamental II, em uma perspectiva das religiões e religiosidades afro-brasileira e do catolicismo popular do sul da Bahia, Para a autora:

---

um novo pote. Cada um dos sobreviventes, caco de suas Áfricas originária, teve que se colar a outros fragmentos de outras Áfricas particulares e a outros cacos da nova terra. E mais as colas, tintas e o forno tiveram que inventar a partir das sobras disponíveis nesta terra de escravidão. O novo pote resultante, quartinha-de-santo, era uma nova África em sua particularidade de exílio. Uma obra nova de uma arte antiga. Peter Junge. **Arte da África**. /Museu etnológico de Berlin - curadoria/ Alfons Hug – co-editor e organizador – Centro cultural do Banco do Brasil – Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, 2003 -2004.

> Nós, brasileiros oriundos de diferentes grupos étnico-raciais – indígenas, africanos, europeus, asiáticos –, aprendemos a nos situar na sociedade, bem como os ensinamos a outros e outras menos experientes, por meio de práticas sociais em que relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar. Deste modo, construímos nossas identidades – nacional, étnico-racial, pessoal –, apreendemos e transmitimos visão de mundo que se expressa nos valores, posturas, atitudes que assumimos, nos princípios que defendemos e ações que empreendemos. (SILVA, 2007. p. 491)

Conforme nossas atitudes, posturas, valores que empreendemos a situar em nossa sociedade que formulamos contestações para expressar nossos modos de vidas e conhecimentos ancestrais em meio à sociedade e porque os saberes religiosos afro-brasileiros não são tolerados para o ensino da história das religiões em detrimento do cristianismo protestante ou mesmo católico.

Para contribuir na inserção dessas temáticas ausentes na escola ou pouco abordadas, construiremos um material didático para instrução de história religiosa, cultural e regional, para que possibilite um ensino que abarque as relações étnico-raciais. Sobre a educação e diversidade cultural, Kanbegele Munanga (2010) descreve sobre o reconhecimento das diferenças e luta contra os preconceitos raciais, para o autor:

> As heranças culturais africanas e indígenas constituem uma das matrizes fundamentais da chamada cultura nacional e deveriam, por esse motivo, ocupar a mesma posição das heranças européias, árabes, judaica, orientais etc. juntas, essas heranças constituem a memória coletiva do Brasil, uma memória plural e não mestiça ou unitária. Uma memória a ser cultivada e conservada por meio das memórias familiares e do sistema educacional. (MUNANGA 2010, p. 49-50)

As diferentes visões de mundo, de cultura e religião dos povos que formam a sociedade brasileira, devem ser estudadas em salas de aulas de maneira igualitária, abrangendo assim múltiplos saberes/conhecimentos da "herança nacional", na perspectiva regional e/ou local. Por isso faz-se necessário significativo o estudo das folias de Reisado Itagimiriense, a dinâmica histórica, social, cultural e econômica expressa nas memórias e saberes festivos dos povos populares do sul e/ou extremo sul da Bahia.

Voltando a historicizar o movimento de Reisado no sul da Bahia. Se fastando um pouco das margens do rio, muitos desses foliões passaram a residir na comunidade de "Manga Velha[17]", que posteriormente passou a se chamar Itagi e depois Itagimirim. Tornou-se ponto

[17]Em meados dos anos 40 do século passado o comércio cresceu, momento que já existia uma rua, parte da atual Avenida 13 de maio, concomitante ao declínio da exploração de madeira veio à interrupção do ritmo de

de pouso para tropeiros que fez comércio entre Minas Gerais e o sul da Bahia, alguns moradores antigos, como o Itagimiriense Carlos Kahê (2002) afirma que:

> Encravada no seio daquela floresta, Itagimirim estava longe de ser um dos melhores lugares do mundo. Porém, no início dos anos 50, muito orgulhava os seus moradores, atraía famílias de longe pelo clima aprazível e, naturalmente, pela forte concentração de riqueza natural: ipê e jacarandá. Pela manhã era impossível não sentir a fragrância e frescor que a mata liberava para o vale do limoeiro e o pequeno córrego da prata. (KAHÊ 2002, p.33)

A beleza dos cantos e das danças era observada pelos olhares atentos sejam por pessoas que estavam próximas às rodas de contradança ou nas janelas e portas das pequenas residências. A cultura popular e seu sincretismo com expressões eruditas, abordado por Marta Abreu (2003) quando escreve "é possível construir uma nova perspectiva da cultura popular ou tradicional a partir dos conflitos, intercâmbios e sincretismos com as chamadas culturas das elites, industriais, culturais e as modernidades". Esses olhares ou aspectos múltiplos ao adentrar a manifestação cultural preservam seus movimentos no caminhar do tempo.

Quando saiam às ruas para expressar as devoções os grupos de Reisado na sociedade Itagimiriense, faz das suas manifestações religiosas um momento para pedir proteção e chuvas em seus roçados. Momento que também se caracterizou como descanso e divertimento no evento cotidiano. O cortejo a São Sebastião é lugar de memórias compartilhadas, segundo Ecléa Bosi (1994, p. 54) "[...] A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo". As crianças que iniciam nos aprendizados das folias de Reisado, ocupam um lugar na coletividade social, desenvolvendo suas habilidades, memorizando os saberes importantes para seu modo de vida, estas relacionadas nos lugares e pessoas que conviveu.

Quando menino muitas vezes meu pai me levou para as folias de Reisado nas casas de amigos e parentes. Em virtude dessa vivência tive o interesse de estudar o Reisado. Analisando e abordando os festejos de São Sebastião, através do movimento da manifestação cultural de Itagimirim, como criadores de saberes e transmissores desses conhecimentos formadores de identidades e também apontando a possibilidade dessas expressões como saber pedagógico para as escolas da localidade.

---

crescimento do povoado, por volta de 1947 marca-se a chegada do primeiro médico em Itagimirime a instalação da primeira farmácia, na atual Praça Castro Alves, segundo dados do IBGE, em 1952 concentrava-se uma grande feira que atraia gente de diversas localidades aos sábados. Itagimirim- Bahia – IBGE BA- Histórico. Sigla de Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Dessa forma, evidenciou as expressões de fé, festa e festejo, além dos modos de vidas e sonoridade dos grupos de Reisado, como "estratégia para o ensino de história e cultura afro-brasileira". Segundo Verena Alberti (2013):

> "(...) é importante identifica como as línguas e manifestações culturais desses povos são parte daquilo que vivemos hoje. Mapas, dicionários, documentários, entre outros, permitem a sedimentação desses conhecimentos. Se a esse aprendizado pudermos acrescentar atividades extraclasse qualificadas, é ótimo. (…) " (ALBERTI, 2013. p. 43/44)

As representações coletivas de uma sociedade de tradição oral são repassadas por meio da observação do aprendiz, e da inserção do mesmo, no contado com instrumentos ou conjuntos de obrigações e atividades determinantes para a continuidade de um grupo social, como no evidencia J. Vansina (2010), em seu texto nos diz:

> Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuções-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. (VANSINA, 2010. p 13)

Neste sentido o dom da palavra, guardada pelos artesões populares têm as possibilidades de preservar as sabedorias ancestrais: segredos, atividades e representações sagradas e profanas, importantíssimas para sobrevivência saudável do grupo, de forma física ou espiritual.

O festejo de São Sebastião, dos ternos de Reisado tem um potencial para formação de identidades, para a sociedade do sul da Bahia. Suas atividades precisam ser estudadas nas práticas escolares, pois essas atividades e saberes culturais envolvem grandes quantidades de pessoas. Seja aprendendo ou ensinando os saberes que as memórias festivas expressam. O lúdico, o aprendizado com a prática e para a prática das vivências, através do batucar, dançar, na devoção, no festejo, nas memórias passadas e repassadas, no viver em sociedade. Dialogando com os escritos de Michel Pollak, (1989) sobre memórias coletivas e sentimentos de identidades, descreve:

> "(...) a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre

> coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc." (POLLAK, 1989.p 7)

A memória dos Saberes que os foliões evidenciam em suas devoções, no batucar diz muito sobre as práticas de uma ancestralidade que formou a sociedade contemporânea no sul da Bahia. Onde as religiões de matriz africana e o cristianismo Católico convergiram nesta localidade, demonstrando em uma convivência harmoniosa e conflitante; no festejo as São Sebastião os pontos de convergência dessas religiões eram nítidos, logo assim contribuindo a história e memória da popular na cidade Itagimiriense.

A musicalidade das folias Festiva de Reisado, assim como: as danças, os cantos, e os batuques dos instrumentos percussivos constituíram e formavam a conjuntura dos saberes popular. Dessa forma, ao analisar o Reisado e a comunicação das memórias musicais, organizadas e executadas por: homens e mulheres, adolescentes, crianças e idosos que aprendem, ensinam, criam e recriam suas expressões e modos de viver, faz-se necessário e importante estarem nos bancos escolares.

14. Tambores e batuques, festa e devoção.

No decorrer dos cortejos festivos tive a oportunidade de analisar as dificuldades e os conflitos dos povos que habitam o extremo sul da Bahia: os agricultores, as lavadeiras de roupa do Rio Limoeiro e do Córrego da Prata, as costureiras, os pedreiros, os vaqueiros e os pescadores etc. Que tentam sobreviver juntos e manter as suas expressões culturais seja nas zonas urbanas ou rurais.

As relações entre essas duas zonas apropriam nas necessidades do: plantar, colher, vender e estocar mantimentos, fatores que contribuíram para as migrações, circulação de mercadorias que geravam aglomerações sociais. Resultando assim no surgimento e desenvolvimento de pequenas cidades e, na confluência do urbano e do rural, segundo Roberto Lobato Corrêa (2011), as distinções e aproximações resultam:

> "A confluência entre o urbano e o rural estava também presente no ritmo da vida da pequena cidade, que dependia do ritmo das atividades agrícolas. O período da colheita significava abundância e recursos monetários, período de festas e comemorações. A entressafra significava um período no qual a vida econômica e social caracterizava-se por um declínio sazonal. " (CORRÊA, 2011. p. 8)

Nesses lugarejos urbano-rurais, as demandas e encontros, sejam festivos ou políticos, criam aspectos diversos na vida cultural e econômica desses locais. A vida no campo e suas plantações, criações de animais, também correspondem com o ritmo na pequena cidade. As farturas nas colheitas rurais levam sentimento de alegria e a circulação na localidade urbanizada.

Em 1962, quando ocorreu a emancipação política de Itagimirim, havia terreiros e casas de rezas no perímetro rurais e urbanos da cidade, nesses espaços eram construídas as folias de Reisados. Essas pessoas, foliões, rezadores e candomblecistas resistem nessa cidade empobrecida contra o desconhecimento de suas vivências religiosas e culturais que descartam os saberes locais; bem como suas riquezas. Dessa forma, mantiveram e/ou mantém pequenos grupos no poder como coronéis e fazendeiros de grande poder aquisitivo. Esses foliões lutam por moradias, escolas, saúde, dignidade, pelo plantar e colher e por suas vivências culturais.

Os adeptos das folias de Reisado em louvor a São Sebastião têm os seus valores e regras para desenvolver os seus cortejos. Sejam as rezas cantadas ou ladainhas, assim como os toques e vibrações dos instrumentos para cada situação e musicalidade. Com toques lentos ou rápidos a depender do momento religioso, os símbolos e os códigos são apropriados por crianças e jovens, bem como as condutas e o respeito, sendo assim fixados em suas aprendizagens.

As famílias dos foliões valorizam e mostram a importância de algumas devoções católicas realizadas por negros e pardos, tais como as quermesses em comemoração a São João, padroeiro da cidade, Santa Luzia, padroeira de um bairro da cidade e São Sebastião comemorado pelas folias de Reisado. Para cultuar esses santos, vários ensinamentos nas rodas são passados no campo da musicalidade, aprendem-se as letras e o como são cantadas (ritmo) das músicas. Bem como também são passados os toques do bumba e dos pratos, triângulo e gaitas, no toque do agogô, pandeiro, no vibrar da caixa percussiva (pequeno Tambor).

No assobio, nas palmas das mãos, nos pés que tocam o chão com movimentos rápidos ou devagar, assim o corpo cria a arte e o movimento do batucar, do cantar e do dançar. A musicalidade negra, indígena e migrante nas Folias de Reisado comunica a resistência desses povos. Que teve que recriar suas expressões de fé, da festa e do festejo, na maneira de andar, falar, cantar, batucar, cozinhar, costurar, pescar e nas diversas expressões e movimentos dos corpos. Expostos a julgamentos e lugares sociais atribuídos, surgindo signos de identidades nas fronteiras que foram expostas todas essas conjunturas de modos de vidas ancestrais.

Durante os festejos, bem como todo o processo de organização e que antecede, os valores socioculturais dos grupos são transmitidos às crianças e jovens que estão envolvidos e inseridos nas várias atividades. As vivências dos seus antepassados são evidenciadas através das memórias que referenciam modos de ensinar, uma maneira de unir passado e presente assim como as diversas pessoas: os vizinhos, os amigos e familiares.

A memória se constituiu em uma conjuntura, criada social ou individualmente, quando se trata da memória herdada, tem ligações estreitas com a memória e o sentimento de identidade. Fronteiras de pertencimento aos grupos e, das continuidades dentro do tempo, nas palavras escritas por Michel Pollak (1989), ou seja, que os diferentes elementos que formam os indivíduos são efetivamente unificados, o autor descreve:

> " (…). Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si. " (POLLAK, 1989. p.5)

A maioria dos foliões sejam mulheres ou homens que formaram/forma suas identidades com os diferentes elementos e saberes do festejo, seguem o Reisado por que os batuques impressionam e proporcionam um encanto no movimento dos corpos, no ritmar musical dos instrumentos. Sendo assim, as crianças geralmente entre sete e dez anos de idade querem manusear algum instrumento, mesmo impedidos e proibidos de seguir os cortejos, sua aprendizagem e ensinamentos se construíam na observação.

Assim as memórias ancestrais herdadas, inserem os indivíduos as expressões coletivas, aonde a dinâmica e as experiências vão conduzindo-os a desempenharem atividades mediante suas atribuições e essas aprendizagens memorizadas ao longo do tempo. Que ficam latentes nos festejos; nos valores e tradições que são ensinados aos mais jovens e socializados aos adeptos e visitantes. Conhecimentos nas rodas de conversa e contradança, nas salas de estar, nas cozinhas dos terreiros ou nos salões de rezas, muitas vezes dividindo os saberes sobre o festejo e os alimentos.

A linguagem e signos fundamentais para as estratégicas, resistência e lutas são transmitidos às crianças e jovens com as linguagens musicais no movimento dos corpos nas danças, nos cantos das rezas e contradanças, nas estórias de bichos, aventuras, assombrações do lugar. No corte e costura, na quadra da lua para plantar, na culinária e nos modos de vida em geral que constituiu a folias de Reisado. As brincadeiras herdadas dos indígenas e negros

dessa região; valores e experiências didáticas, transmitidos aos mais jovens, os representam e despertam a manter suas identidades.

O movimento sociocultural, apropria, cria e recriam significados e elementos nas folias de Reisado e também "sincretizar com as culturas industriais, eruditas como a modernidade" como descritos por Marta Abreu (2003), "As festas religiosas são local privilegiado para pensar o exercício da religiosidade popular, os acontecimentos sociais, lugar de estudo da história cultural," um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, sua relação dinâmica, criativa e política com os dos povos indígenas e negros e suas riquezas de saberes. Entre eles as memórias dos saberes, negros e indígenas que convergiram e resistiram disputando: lugares, memórias, sons, cores e espaços socioculturais.

Conforme as entrevistas realizadas com oito participantes das festividades no culto a São Sebastião, compreende-se que os entrevistados têm ponto de recordações, descrevendo os lugares dos acontecimentos e das lembranças. Lugares coletivos das memórias, das fases e idades em que os participantes eram engajados nos percursos e trajetórias do cortejo festivo, espaços sagrados e divertidos para formação das identidades, na cronologia do tempo vivido e recordados, nos espaços físicos e culturais, como aborda D. Maria Theodora Conceição 69 anos de idade, foliona de Reisado, relatando o seguinte:

> Conheci o festejo com doze anos de idade, quando saia com meus pais. (...). Antigamente a gente morava em Cachoeirinha-Ba onde hoje é a barragem. De lá o percurso ia para Itapebi-Ba. Itagimirim-Ba que não era emancipada, era uma roça, só tinha mesmo essa pracinha Castro Alves, tinha, mas não era calçada e nem nada. Então nós ia para Itapebi, de lá vinha pra aqui (Itagimirim). Neste tempo eu era pequena papai me colocava eu montada na cangaia, com os panicus cheios de comida pra dá os foliões, eu no meio, pequena, mas já no meio, ai agente vinha pra aqui acampava três a quatro dias daqui passava em Gabiarra-Ba. A pé andando, andando nessa cidade tudo, passava em União Baiana descia e saia em cachoeirinha. (...)" (Sr.ª Maria Theodora Conceição, 69 anos de idade)

Na entrevista descrita, de D. Theodora, a importância dos saberes e elementos das folias de Reisado ficam latentes nos movimentos corporais e nas expressões do falar, demonstrando significado para formação da identidade cultural e religiosa de uma geração. Engajada nos cortejos desde os 12 anos participava dos giros/percursos do cortejo festivo, e demais atividades cotidianas do grupo. Na fala da foliona entrevista e após a transcrição foi feita a leitura e análise das trajetórias dos ternos de Reisado durante o cortejo.

Moradora da comunidade de Cachoeirinha-Ba, nas margens do Rio Jequitinhonha, os foliões que eram canoeiros e tropeiros, com a caravana sagrada e festiva destinavam para

cidade de Itabepi, em direção a Beira mar. Saindo do Rio passavam em Itagimirim lugar afastado 30 quilômetros da margem do Rio Jequitinhonha, depois em Gabiarra, em União Baiana. Seguindo a fronteira ao norte de Minas Gerais com a Bahia, retornavam às margens do Jequitinhonha atravessavam de canoas, pois ainda não tinha ponte e, retornava para Cachoeirinha.

Homens e mulheres negros e povos indígenas Aimorés, eram alguns dos grupos étnicos e/ou raciais que povoaram a comunidade de Cachoeirinha. E ainda migrantes das cidades de Pedra Azul, Almenara e Salto da Divisa, todas são cidades do Vale do Jequitinhonha mineiro, bem como pessoas oriundas de cidades baianas da região. [18]

Esses indivíduos impulsionaram a formação das identidades no sul da Bahia através das suas memórias e dos saberes religiosos dos seus ancestrais. Segundo D. Maria Theodora Conceição descendente desses "primeiros" habitantes de Cachoeirinha, os católicos e umbandistas conviviam no povoado com suas lutas e labutas cotidianas, seja nos roçados, plantando: milho, feijão e mandioca. Como também, criando gado, carneiro, galinha, pescando e caçando Dessa forma, lutavam pela terra, contra a lógica colonial que existia na mentalidade da sociedade da época.

Nos relatos de D. Maria Silva foliona de 65 [19]anos que se – tornou uma guia espiritual Umbandista, uma liderança nas folias de Reisado. Dominando os cantos, as danças e toque dos tambores, do pandeiro, do agogô, do prato de esmalte e da viola. O encanto e a beleza de suas lembranças, seus sentimentos de identidades em suas memórias é, "quando um terno de Reisado batuca seus tambores na porta de uma casa, a resposta do canto pelas gaitas, ou nas vozes trovadas das mulheres".

Ela ainda nos descreve que, as mulheres circulam dentro dos grupos com diversos afazeres e atividades, sempre acompanhadas das crianças. Arrumam os salões, matam os animais, às vezes com ajuda dos homens, costuram as vestimentas das folias, e as roupas cotidianas, preparam as comidas, dentre elas: a farofa de feijão, o arroz, a galinhada; matam porcos e carneiros, assam os chimangos e, biscoitos de goma de mandioca, os bolos de puba, o mingau e pamonha de milho, o peixe assado ou na moqueca.

Entre essas diversas atividades, algumas mulheres encontravam tempo para dominar: o canto e o toque dos instrumentos e danças, saberes e vivências para toda uma vida. Os

[18] Indicação de Leitura sobre a região pesquisada Othoniel Ferreira dos Santos. Itagimirim: Minha vida é aqui. – Othoniel Ferreira dos Santos, - Goiana: Kelps, 2017.
[19] Entrevista realizada em 10-06-2018 com a foliona e liderança das folias de reisado Maria Souza Silva, em sua casa de Umbanda Ogum

homens tinham as atividades de: fazer e criar os instrumentos musicais, organizar os foliões, aprender e ensinar, aos mais novos. Eles convidam os vizinhos dos povoados e comunidades à beira dos rios e mar ou afastadas, preparando as paradas de descanso, dormida e alimentação durante a trajetória do cortejo.

Em suas escritas/ou poesias sobre as vivências de um povo marcado pelo: Crer, festejar e Labutar no Camamuzinho-BA, Cristiane B. da Silva Santos (2009) descreve, as migrações do sul baiano, e o Rio de Contas, o ato religioso e o cacau na canoa sendo o labor cotidiano, suas palavras sinalizadas em seu texto traz um outro olhar para as mulheres do sul da Bahia, descrevendo:

> "Portadoras de muito axé preservaram a cultura de origem africana através das religiosidades afro-brasileiras e fizeram de suas casas um espaço público acolhedor e agregador das pessoas da comunidade, de fora, das roças de cacau próximas ou até mesmo de longe. Desse modo, as memórias e os relatos em torno de ambas são sempre num tom de respeito e saudosismo. (...) O que a ficção regional esqueceu de tematizar fora do âmbito das Gabrielas, foram as mulheres plurais simples, guerreiras, mães, negras que atendem pelo nome de Marias, Rosas, Mães, comadres, mulheres comuns e nas suas singularidades e contextos, incomuns. Estas se aproximam dos eixos marginais da sociedade. (...)" (SANTOS, 2009. p. 136-138).

Mulheres que fizeram dos seus modos de vidas, saberes que eram passados e repassados aos meninos e meninas aos seus redores, seja no labutar das vivências diárias ou, no decorrer da organização dos festejos, bem como durante os cortejos e ritmar das sonoridades.

Transcrevendo uma existência das migrações, que protagonizou a labuta e luta de mulheres e homens negros, dos orixás/santos da cachoeira do cristal as margens do Rio de Contas na microrregião sul baiano.

Os grupos sociais que formaram as sociedades coletivas nesses lugarejos seja na beira do Rio Jequitinhonha ou nas comunidades afastadas, desenvolvem maneiras, processos e articulações para as convivências com as diferenças culturais e religiosas. Os significados, devoções, as memórias culturais expressam no movimento corporal, nos saberes, nas almas. Trocadas nesses choques das identidades, nos acontecimentos criados e recriados, como as foliais de Reisado que convergiram às culturas de pretos, pretas, indígenas e migrantes. As relações memorialísticas de poder se conflitam na indiferença nas constantes disputas por espaços e territórios.

Desde sempre movimentam seus tambores, batuques, devoções e festejos que, estavam presentes nos corpos negros e indígenas. Nos aldeamentos forçados, nos lugarejos a beira de

rios, nas zonas rurais para o urbano, uma malha de saberes, magia e encanto que vai e vêm sem fronteira de tempo ou lugares estabelecidos nas contemporaneidades políticas, através das linguagens, comunicações ancestrais vivas e presentes.

Em um relato de Maria Maria Conceição de 69 anos de idade, participante ativa das folias de Reisado, costureira, líder terreiro de umbanda. Nascida na cidade de Itapebi–Ba, descreve que sua mãe sendo liderança no termo de Reisado na época, também alfabetizou as pessoas de várias faixas etárias em Itagimirim, seja no espaço escolar ensinando o letramento ou no espaço do terreiro passando os saberes religiosos e festivos do labutar, do canto, da dança e do batuque. Demonstrando assim a ligação da oralidade com o letramento, também do ensino escolar, que segundo ela:

> "Minha mãe já morava aqui em Itagi quando vendeu a fazenda, Lá morava eu e Milton meu primeiro marido, eu casei na Igreja de Nossa Senhora em Itabepi, morei lá, me casei tive meus filhos, O quarto e quinto filho que nasceram aqui em Itagimirim, mas os dois mais velhos nasceram lá na pedreira (fazenda) e já cresceram de pequenininho já me ajudando em minhas tradições. E mamãe aqui (Itagimirim) ela chegou ainda dar aula, aqui ela ensinou um bocado de tempo também, ela era professora muito boa. Ela era uma alfaiata costurava roupa de casamento, terno de noivo, roupa de noiva ela fazia do vestido a grinalda, fazia tudo, ela era muito inteligente também eu falo hoje que eu herdei a inteligência da minha mãe e alegria do meu pai. Mamãe não era chegada em festa não, mas era papai mesmo, tocava viola, tocava violão e era sanfoneiro, farras minhas eu aprendi com ele, eu pequeninha ele já me colocava nas farras para cantar. Meu pai era o alegre da festa minha mãe era mais rígida o negócio dela ela ensinar tudo dava aula do que precisava. "Eu visto de baiana, de indígena, gosto de dançar. " (Maria Conceição, 69 anos de idade, foliona)

As vivências compreendem com saberes das folias de Reisado socializadas com seriedade, a alegria e o respeito, e como esses importantes conhecimentos estiveram presentes na formação dos signos de identidades Itagimiriense. Nas palavras da entrevistada ficam evidentes algumas das diversas atribuições de mulheres e homens para organização e execução do festejo. Segundo D. Maria T. Conceição, a sua mamãe ficava na organização, como as de arrumações dos salões e na costura das vestimentas dos foliões. Essas obrigações foram passadas para ela, além dos cultos e saberes do terreiro de rezas, as preparações da alimentação para início e término das festividades.

No depoimento, ao recordar as lembranças e aprendizados de seu pai, ela descreve que os homens ficam engajados de tocar e afinar os instrumentos, definir os pontos de paradas no percurso do cortejo, definir os foliões que participarão do giro, montando acampamentos ou

pernoitando em alguns lugarejos rurais ou urbanos, durante a trajetória do cortejo. A depoente, que teve uma iniciação nos cortejos de Reisado, como esteve presente desde os12 anos aprendendo as atividades, obrigações da casa de reza, às vezes com sua mãe, outras vezes com seu pai. Teve suas identidades e memórias formadas nos aprendizados dos saberes dos ternos de Reisado, e sua geração de mulheres conseguiu dominar os cantos e toques dos instrumentos nos cortejos.

O caminhar e a sonoridade dos tambores religiosos afro-brasileiros davam forçar e energia para as mulheres seguirem suas ideias de socializar saberes e religiosidade diante da comunidade, neste ponto Itagimirim/Camamuzinho – Bahia interliga nos ritmos e vibrar do movimento feminino, assim Cristiane B.Silva Santos (2009) descreve:

> O ritual simbólico que confere poder a essas mulheres negras veio do interior de suas casas de santo, terreiro, e se estendeu à comunidade porque suas ações não se limitavam às práticas religiosas. Antes, estas serviam como caminho para que, conscientes da pobreza e das limitações em volta, atuassem como solidárias e generosas: curando, plantando, colhendo, pescando, vendendo, doando. (SILVA SANTOS, 2009. p. 134)

Neste estudo, os relatos orais das mulheres entrevistadas apontam que, mesmo tento atividades de certas maneiras distintas, entre feminino/masculino. As formações de identidades se consolidam na aprendizagem e ensinamentos, ancorados na continuidade das memórias das identidades dos homens/ mulheres dos grupos das folias de Reisado. A autora Joan Scott (1989) em seu texto sobre o gênero: como categoria útil para análise histórica, descreve:

> "(...) às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido. A linguagem é o centro da teoria lacaniana; é a chave de acesso da criança à ordem simbólica. Através da linguagem é construída a identidade de gênero. (...)" (SCOTT, 1989.p. 15)

As relações sociais entre mulheres e homens no passado, não deve ser estudada de forma separada, "Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico". Mas isso não significa que mulheres e homens tenham o mesmo comportamento diante dos elementos e saberes aprendidos, no entanto a mesma capacidade de dominar as experiências e memórias dos ternos de Reisado.

Rompendo a linha das fronteiras, as relações de poder entre mulheres e homens no festejo. Elas também estão dentro do percurso do cortejo e não somente nos salões de rezar esperando o retorno da bandeira sagrada, se os ternos de Reisado é o sagrado que se movimenta. A presença feminina nos cantos, nas danças, nos tambores e seus batuques dos cortejos estão ativamente presente e engajadas nas atividades coletivas.

De olhos e ouvidos atentos, as crianças e os jovens internalizam cada movimento, estão sempre misturadas e prontas para ajudarem os adultos em cada tarefa, sempre de forma descontraída e natural aprendendo diversos detalhes para execução do festejo.

As pessoas iletradas trazem uma riqueza de detalhes de suas vivências por meio da oralidade. Lembranças dos acontecimentos que caminham em um mundo paralelo ao dos letrados. A memória que carrega a história de um povo e suas experiências humanas, além de ser um método usado antes do surgimento da palavra escrita, para guardar e resguardar as expressões sagradas e profanas de grupos ou sociedades e suas formas de organização.

A memória é um fenômeno móvel a partir da materialização na sociedade, segundo Michel Pollak (1989, p. 2) a memória mesmo que seja individual é constituída em um espaço coletivo, de acordo com as concepções de Maurice Halbwachs a memória é algo coletivo e submetido a mudanças constantes.

Nas folias de Reisado é um espaço que somente é constituído de saberes coletivos, mesmo que cada folião e foliona tenham suas habilidades e características, os tocadores de gaitas, bumba, caixa, pandeiro e etc, esse necessita da coletividade para serem folias de Reisado, pois um folião não vadia e nem expressa sua fé somente na individualidade.

15. Mulheres negras, rurais e urbanas das folias de Reisado.

As folionas e foliões têm/tinham tarefas distintas nas organizações das festividades, atividades essas, com mesmo grau de importância. As mulheres cuidam das atividades internas, como: as confecções das vestimentas; arrumam os salões, separam os animais para o abate, e os diversos preparos de mantimentos para elaboração das alimentações. Os homens entravam nas matas e pegavam as madeiras para confecção dos instrumentos musicais, criavam: os tambores grandes e pequenos, os pandeiros e a taquara para fazer as gaitas. O ferreiro folião ficava encarregado do agogô de ferro, além de articular em coletivos os tocadores e locais de paradas e acampamentos durante a trajetória do cortejo.

No entanto as tarefas das mulheres folionas não se resumem apenas na organização dos salões ou no cozinhar, no lavar e no limpar, ou mesmo nos ensinamentos para meninas e/ou meninos como forma de educação. As folionas precisam dominar a batida dos tambores, os cantos e as danças nos salões, e afinar os instrumentos. Criadas para liderar a mulheres negras de religião afro-brasileira e baiana desenvolvem muito bem o movimento da cozinha para a sala de estar.

As mulheres negras e folionas eram e são importantes para perpetuar valores culturais e saberes sejam pelas histórias, cantigas, e brincadeiras conhecimentos armazenados nas memórias e transmitidos pela oralidade. Para Lélia Gonzalez (1983.p 226) a consciência dominante tenta apagar o que não foi escrito, assim a autora apresenta " (...) já a memória a gente considera como o não-saber que conhece esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita o lugar da emergência da verdade dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Ao explicita esse epistemologias ocultada pela consciência, evidência um memória que incluem e está ativamente revivida na cultura negra.

Neste sentido meninos e meninas são criados para liderar e manter a cultura popular e religiosa, encantados, alegres ou obrigados a observar e desenvolver habilidades no manusear dos instrumentos nas folias de Reisado, eles engajam-se, no Reisado. O envolvimento das mulheres que é/eram essenciais para a manutenção e sobrevivência das práticas culturais da religiosidade popular, assim como o envolvimento masculino.

Angelas Davis (1981) no livro mulheres, raça e classe descrevem a formação da feminilidade das mulheres norte americanas, negras e brancas, diante das tragédias sociais como a escravidão. As lutas e conflitos por direitos sociais, pelo corpo feminino, contra as violências, mesmo se referindo a outra realidade o citado livro nos ajuda a pensar as mulheres negras nos reisados.

As mulheres negras escravizadas trabalhavam nas lavouras, de forma igualitária aos homens, poucas delas tinham tempo para serem donas dos lares. As escravizadas que eram atribuídas para os serviços domésticos, ficavam mais próximas de seus filhos. Os serviços domésticos também eram executados pelos homens sem distinção de atividades. Nas escritas da autora:

> As mulheres do período colonial não eram "faxineiras" ou "administradoras" da casa, e sim trabalhadoras completas e realizadas no interior da economia baseada na casa. Elas não apenas produziam a maioria dos artigos de que sua família precisava, como também eram protetoras da saúde da família e da comunidade: "Era responsabilidade [da mulher do período colonial] colher e secar as

> ervas selvagens usadas [...] como remédios; ela também atuava como médica, enfermeira e parteira em sua própria família e na comunidade" (DAVIS, 1981. p. 217)

O construto da igualdade entre mulheres e homens escravizados iniciava na infância, logo que atingiam idades. As meninas e meninos eram enviados para trabalharem nas lavouras, coletando algodão, no corte da cana, na colheita do tabaco. As questões de sexo eram deixadas de lado, diante da produtividade, força de trabalho e opressão. Porém, as resistências das mulheres caracterizavam pela violação dos seus corpos, o açoite seguido do estupro. Somente no ato sexual forçado as escravizadas eram colocadas como fêmeas.

As forças de trabalho das mulheres e crianças continuavam sendo solicitadas, o cenário do início da industrialização no sul do EUA, completavam com a dualidade entre o trabalho livre e escravo. A proporção de solicitação de homens como mão-de-obra na indústria era igualmente para crianças e mulheres.

Na época era colocada a mulher branca como inferior por desempenhar, apenas as funções de "donas de casa" e "esposas". Esses fatores não chegavam para as mulheres negras. Com as praticas afro-brasileira as mulheres negras são ouvidas e lideram muitas atividades chegando a desenvolver a família matriarcal, devido ao homem branco não assumir sua paternidade, a família tradicional contribuía para inferiorizar homens e mulheres negras diante da sociedade.

As movimentações dos homens negros determinavam estreitos laços familiares e/ou sexuais não caracterizando como integrante da família. No ato de ficar o matriarcado era reforçado, fenômeno esse que contribuiu para a mulher negra liderar nos espaços do trabalho e domésticos. Estes elementos fizeram delas guardiãs dos saberes ancestrais, onde ensinavam e aprendiam com as mulheres da comunidade.

Devido à falta de recursos em determinados anos as folias de Reisado Itagimirense não estavam nas ruas, pois os homens precisavam se deslocar para lugares desenvolvidos para trabalharem e levar o sustento a suas famílias, não tinham como plantar por que foram retirados o direito a terra.

As mulheres de peles negras ou claras, de cabelos crespos ou cacheados, se constituem as lideranças das folias de Reisado, da costa do descobrimento, vindas das labutas do mundo rural. Elas trabalham nos roçados, plantando e colhendo, com saberes diversos, entre eles sabiam as estações dos anos e as quadras das luas para plantar, estes conhecimentos importantes para diminuição de pragas e farturas nas colheitas.

No domínio do preparo dos alimentos, estas mulheres sabiam ordenhar as vacas, faziam queijos e manteigas. O trabalho rural no sul baiano entre o masculino e feminino tinha certas igualdades, pois muitas vezes as meninas acompanhavam seus pais, geralmente com pequenas enxadas, para realizar a capina nas lavouras de feijão, mandioca ou milho, nas caçadas da água e da terra, a beira do rio ou nas canoas. As folias de Reisado nascidas nas comunidades rurais representam aprendizados e ensinamentos para meninos e meninas. Com sonoridade ancestral de comunicações e resistências, nos cantos que falam da dinâmica sócio-cultural do Rio Jequitinhonha a beira mar, nas danças e toque dos instrumentos, nas festividades em geral.

O Cenário urbano em desenvolvimento no sul da Bahia tinha suas atividades marcadas pelo calendário e dinâmica das tarefas rurais, segundo dona Hilda Batista de 62 anos, católica, quando chegou a "manga velha", cidade que na década de 60 foi renomeada para Itagimirim, relatou que "as folias de Reisado de São Sebastião, tinha assim, o negócio [20]do povo, mais era nas roças, era assim que eles faziam".

Os relatos transcritos revelam que as mulheres da comunidade não envolvidas nas folias de Reisado participam da vida religiosa católica, após seus afazeres como donas de casas, tinham a seguinte rotina religiosa, como transcrita, segundo dona Hilda Batista: "Tinham assim, irmã Santana trabalhou muito sobre esse negócio de catequese. Essa coisa foi um baluarte, catequese ela fazia, celebração da liturgia da palavra, existia assim, a gente ia para a igreja no domingo, era assim a liturgia".

Com atribuições totalmente diferentes das mulheres das folias de Reisado, pois as folionas negociam seus mantimentos, arrumam tocadores juntos aos homens cuidam dos afazeres domésticos e da educação das filhas e dos filhos. Comerciam com os fazendeiros. Cuidavam das atividades festivas, das casas de orações, do domínio dos animais da fazenda, e da organização dos festejos internos e dos cortejos pelas localidades. Constituídas como lideranças as mulheres, eram: mães, madrinhas, comadres e esposas, com seus saberes ancestrais, alimentam a comunidade física e espiritual, sempre prestativa quando as procuram.

Dona Maria Silva 65 anos, líder espiritual e foliona, nos apresentar o seguinte aspecto deixando evidente em sua fala: "eu sair da roça por que lá não tinha escola, nós moramos em Salto da Divisa- MG no distrito sobradinho que não tinha água, nem tinha estudo para meus filhos a dona da fazenda não queria que eu saísse, gostava muito de mim para ajudar lá na sede". Os trabalhos rurais nas fazendas desempenhados pelos homens tinham a contribuição

[20]https://www.dicio.com.br/negocio/ [Brasil] Fam. Qualquer coisa cujo nome não se sabe ou não se quer dizer. Acesso 18/10/2019 horário 19h55minuntos.

das mulheres. Elas realizavam as tarefas domésticas, labutas com os animais e roçado para as senhoras proprietária das fazendas, assim a família tinha moradia e baixo salário. No interior das comunidades as lideranças femininas, necessitavam de muita força, que segundo Angela Davis devido à dependência de suas comunidades negras, a autora descreve:

> "(...). As mulheres negras dificilmente poderiam lutar por fraqueza; elas tiveram de se tornar fortes, porque sua família e sua comunidade precisavam de sua força para sobreviver. A prova das forças acumuladas que as mulheres negras forjaram por meio de trabalho, trabalho e mais trabalho pode ser encontrada nas contribuições de muitas líderes importantes que surgiram no interior da comunidade negra" (...) (DAVIS, 1981. p. 220)

As lideranças nas folias de Reisado foram criadas para organizar e administrar, o interior das casas, as atividades espirituais e físicas, os cantos e toques das sonoridades das folias de Reisado, da religião afro-brasileira. Dona Maria Theodora Conceição transmite para as filhas e netas os saberes da Folia de Reisado, ensinada pelo seu Pai e sua Mãe, de geração em geração mantém o fluxo cultural, em sua fala transcrita afirma:

> A mulher aquela que sabe tocar, eu mesmo que toco a caixa. É eu que canto os reis e toco a caixa, meu filho e netos responde as palavras. Eu gosto de cantar os reis tocado sem gaita. A menina já acostumou sem gaita que agente canta trovado, eu falo o começo e ela já responde o verso. (Maria Theodora Conceição, liderança de Reisado, 70 anos de idade)

A foliona "aquela que sabe tocar" como relatado por dona Theodora. A sensibilidade da mulher negra rural é tão intensa diante das resistências e estratégias não somente de sobrevivência, mas para viverem plenamente suas alegrias e conhecer o amor. Em um cenário de pobreza e trabalho ardo nas lavouras e labutas, estarem nos cortejos das folias de Reisado: tocando, dançando e cantado constituindo um espaço de brincadeira e amor coletivos encontrado por mulheres e homens.

A colonialidade em seu processo sempre manteve a tentativa de retirar a feminilidade, gestos de amar das mulheres subalternizadas, porém na coletividade esses fluxos emocionais e materiais sempre estão vivos e presentes alimentando carinhos e esperanças.

Bell Hooks no seu texto "vivendo de amor" descreve as mulheres negras como aquela ao qual se mantém forte para ceifar seus fluxos emocionais, maneira como a colonialidade tentou forjar a feminilidade negra rural, porém a autora escreve sobre o amor e a revelação do

“amor interior” como forma de expressão e afirmação para as mulheres negras urbanas e rurais, para o reconhecimento e da importância de sua vida interior, no texto nos apresenta:

> A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas. (HOOKS, 1994. p. 09)

A comunhão das mulheres folionas do rio Jequitinhonha a beira mar, se constituem em estarem nas folias. Nas festividades, nas cozinhas as salas de estar, na espera do retorno das folionas e foliões ou mesmo no cortejo e trajetórias sagradas do território do Rio ao Mar. Nas vadiagens das sonoridades dos cantos, danças e batuques, elas encontram o amor, alegrias e religiosidade, sentimentos determinantes para contrapor o pensamento colonizador e logo assim manter seus saberes comunicados nas memórias e resistências, seja no calendário das janeiras ou diariamente em seus gestos e atitudes.

As mulheres folionas e lideranças espirituais em seus últimos dias de vida preocupam na continuidade dos saberes. Sabem da necessidade de manter esses conhecimentos nas memórias, como fluxos de sobrevivências, neste sentido sabem da importância dos ensinos e aprendizagem como forma de educação e expressão das crianças e jovens no movimento das folias de Reisado no sul da Bahia.

As duas lideranças de terreiro de Umbanda em Itagimirim-Bahia entrevistadas, afirmavam suas iniciações, após a morte de suas mães sanguíneas. Dona Maria Silva 65 anos e Theodora Conceição de 70 anos de idades, em sua entrevista transcrita relata um diálogo com sua mãe quando estava próximo de falecer, narrando: “ela falava minha filha é assim..., me explicava tudo que eu tinha que fazer, mas sair assim mesmo em festejo ela não saiu mais, eu que tomei a frente”.

Ser inseridas nos cortejos com idade de 12 anos, realizando os cantos, danças e batuques. Nesse movimento e fluxos de ensinos e aprendizagens, do manuseio dos instrumentos, os irmãos de mais idade sempre ficam com a tarefa de orientar e desenvolver as habilidades de meninos e meninas no processo de aprendizagem.

Quando as mulheres tiveram a necessidade de caminhar para o cenário urbano em desenvolvimento na década de 60 do século XX. Elas conseguiram manter seus elementos, e impulsionar conhecimento pelas memórias festivas e rituais. As filhas/filhos dos foliões

trabalhavam nos serviços domésticos, nas construções de resistências ou nas obras de construções da BR 101, e nas Barragens elétricas.

Nas escolas devidas os seus saberes com a musicalidade, algumas adentram as bandas marciais das escolas, tocando os instrumentos percussivos, e no passar dos anos com suas formações em magistério tornam as professoras e os professores. Passando a lecionar na cidade, diante das várias dificuldades enfrentadas na estrutura educacional brasileiras, elas sempre estão engajadas na educação escolar, alfabetizando as crianças, orientando os pais para a importância do letramento, e as participações na vida escolar dos seus filhos e filhas.

Nos descritos de Sueli Carneiro em relação ao "enegrecer o feminismo: e a situação da mulher negra na America latina", em suas palavras concluindo:

> "(...) as mulheres negras brasileiras encontraram seu caminho de autodeterminação política, soltaram as suas vozes, brigaram por espaço e representação e se fizeram presentes em todos os espaços de importância para o avanço da questão da mulher brasileira hoje. Foi sua temática a que mais cresceu politicamente no movimento de mulheres do Brasil, integrando, espera-se que definitivamente, a questão racial no movimento de mulheres. O que impulsiona essa luta é a crença "na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário, tendo como base os valores expressos pela luta antiracista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos". Pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade". (CARNEIRO, 2003. p.05)

As mulheres negras com seus gestos fraternos e solidárias para com a comunidade, construiu uma ideia de sociedade distante do pensamento colonial, estrategicamente foi do movimento delas como parteiras, rezadeiras, folionas que nossa comunicação e resistência ancoram. Sendo assim, as folionas de Reisado do sul da Bahia, mulheres negras e indígenas. Constroem suas feminilidades e identidades aprendendo e ensinando com os batuques, os cantos, as danças e as labutas do ardo trabalho diário nas lavouras, com animais e serviços domésticos. Saberes esses que caminham com as memórias e são comunicados pela oralidade dos povos que viveram/vivem no território do Rio Jequitinhonha a beira Mar.

16. Saberes das folias de Reisado Itagimiriense

As folias de Reisado estão relacionadas com aspetos históricos, socioculturais e econômicos de diferentes regiões do estado da Bahia. As cantorias sejam rezas ou sambas de contradança [21]em forma de rodas também fazem parte das expressões populares do sul baiano. O Reisado é uma manifestação em movimento com musicalidade coreográfica, poética festiva que consegue atrair várias faixas etárias e sexos. Presente em vários estados brasileiro é plural em sua composição e organização, as peculiaridades de cada região tornam as folias de Reisado distintas, plurais, vivas e presentes na contemporaneidade.

Nas contradanças das folias de Reisado Itagimiriense, os foliões, tocadores e cantadores, se posicionam em círculos em que são apresentadas as coreografias cantadas e ritmadas pelos sons dos instrumentos percussivos, dentre eles: o pandeiro; o prato de esmalte; e a viola. Os tocadores ficam juntos fazendo parte do círculo. Os presentes participam do acompanhamento musical com palmas. Cantos estróficos e silábicos em língua portuguesa, de caráter repetitivo. Como na contrança *"O balance, balance, quero ver balancear, nunca vi cordão de ouro no pescoço de iaiá"* ritmados pela sonoridade, o canto repete medio e rápindo de acordo com vibrar das bacadas do tambores.

A estrofe principal, em certos casos, chamada também de contradanças assim como o movimento das danças, pode ser cantada por um ou dois cantores com certo grau de especialização. Enquanto a resposta é ou relativa - trata-se de ternos locais - podendo ser cantada por todos os presentes ou, às vezes, também por dois cantores especializados. As estrofes são relativamente curtas, podendo ser de um único verso, e raramente indo além de oito versos. Há ocorrência eventual de improvisação de versos. Existe um repertório de estrofes conhecidas pelos participantes, que no caso de canto individual, e eventualmente em dupla, podem ser acionadas.

O cantar e o dançar são uma sociabilidade, identidade no movimento da bandeira sagrada. *"É uma festa que eu adorava muito e gostava, para mim era muito importante,*

[21]A contradança é uma nomenclatura dos foliões de Reisado do sul da Bahia, no recôncavo da Bahia é caracterizado como samba de roda. Nascida no porto de Belmonte-BA essa expressão envolvendo a dança, canto e toque de instrumentos. Ritmados pelas cantorias, que expressa as lutas e comunicações de saberes do cotidiano. Um grupo de homens e mulheres formam rodas com oito pessoas, embalados pela sonoridade fazem semicírculos girando em forma de oito. Contornado o folião primeiro a sua esquerda e fechando o oito no giro com a pessoa que estava à direita na formação da grande roda.

quando chegava o mês de janeiro se fosse para ficar o mês todo no Reisado, para mim que era bom". (Sr. Francisco Barnabé Silva, 62 anos, folião de Reisado).

O período festivo ocorre entre 10 e 20 de janeiro, vinte é ápice da festividade dia de comemoração e louvor a São Sebastião, encerando o ciclo do calendário das festas aos santos do final e início dos anos, conhecida também como ciclo natalino. Sendo esperado pelos foliões com muitas expectativas durante o ano.

Os homens arrumam os instrumentos musicais, colocando couro (de bode) no bumba e caixa percussiva (pequeno tambor), outros afinam as gaitas, verificam os vestuários, os cavalos e os jegues (asno) para deslocarem. As mulheres organizam também os centros de Umbandas e os detalhes que efetivam o festejo. As vivências cotidianas e os momentos festivos. Elementos que contribuem para a permanência do Reisado a São Sebastião em Itagimirim, assim como as relações sociais e o processo de transformações na zona urbana, além de abranger a visão de mundo daqueles grupos.

No começo de cada ano, os homens e mulheres enfeitam os salões com fitas de panos coloridos. Assim fazendo com os chapéus de palha rodeando de fitas com cores que são simbólicas aos grupos: o verde representa o pedido de uma boa colheita para o ano que inicia e também pedindo proteção aos guardiões das matas, e cachoeira – o Orixá protetor Oxóssi. O branco, a paz e pureza para o corpo tão cicatrizado do árduo domínio da terra e das plantações, o amarelo o poder do sol e sua força em tempo de secas, e o vermelho o manto de luta e guerra.

No vibrar dos tambores, no tocar das gaitas esta arte das casas de rezas, terreiros, das fazendas, ruas e avenidas e ladeira chamada Reisado, são singulares no rural e urbano, pois os tambores e seus sons que dão o compasso para o movimento dos corpos, o Reisado é um modo de vida de negros, indígenas, esses migrantes ou originários do lugar. Desenvolveu características peculiares no sul baiano.

Estudando a musicalidade nas relações culturais a diáspora dos brasileiros da Costa atlântica africana, Salomão Jovino da Silva (2017, p. 152) destaca: "A música como labor, estético, e também mediadora das relações humanas, surge aqui como forma privilegiada de comunicação em sociedades complexas, tal como são as sociedades africanas e brasileiras". No ritmar da vida afro-brasileira, ou mesmo nos cortejos e modos de devoção viva nas folias de Reisado Itagimiriense, tem uma relação de sonoridades com os tambores e expressões culturais do Guine e Guiné-Bissau, oeste da África. Toda a pluralidade de povos que formam a sociedade nacional, baiana e Itagimiriense.

Neste movimento e sentido que a musicalidade dos grupos de Reisado serviu como instrumento ancestral: de convergência, de comunicação de memórias e identidades. Suas belezas, lutas e sonoridades dos povos populares diante das obrigações e mentalidades coloniais, propiciam outro caminho e vivências no território do Rio Jequitinhonha a Beira mar.

Pertencentes a uma herança cultural, mostrava se sua apropriação das tradições e crenças onde foi transmitida de uma geração a outra. Ao revelar essa expressão significa dizer que a memória familiar e suas práticas devocionais serão mantidas e repassadas para homens, mulheres, jovens e crianças que estão presentes no louvor em homenagem à divindade. Observando quando de pouca idade, ou participando com funções, acima dos 12 anos de idade as crianças vão aprendendo na coletividade os elementos e saberes, criando pontos de lembranças em suas memórias e seus sentimentos de identidades.

O cantar e o dançar: aprendizados e ensinamentos dos saberes nas folias de Reisado

Fotografia -02. Crianças de 11 a 12 anos, no Centro de Ogum grupo de reisado presente: fonte; Jariane Viana de Castro. Ano 2012.[22]..

Nas Folias de Reisado, o significado do cortejo embasado pela fé, festa e festejo presente no movimento da manifestação religiosa, o dançar, o cantar. Na fotografia 01 observam-se, os saberes e habilidades nos toques, danças, cantos e memórias: lembranças das observações, dos gestos e sons dos instrumentos movimentados pelos foliões, conhecimentos que foram aprendidos, sentidos, guardados nas memórias e materializado, a partir da inserção dos adolescentes nos cortejos e manuseio dos elementos do festejar e cultuar. Assim formando identidades na coletividade, alegres, devocionais nos espaços e lugares criadas a partir das suas crenças, sagradas e profanas, um universo de vivências.

[22]Foi utilizada a fotografia 10 do louvor a São Sebastião do ano de 2012, devido a falta de fonte fotográfica, para enfatizaram a transmissão dos saberes festivos, dos costumes e crenças a as novas gerações, garantido a permanência e movimento da manifestação de fé.

As crianças e adolescentes aprendem com a prática de forma alegre, sejam inseridos com idades de 11 a 12 anos, quando lhes dão oportunidade, ou indo escondido para olharem a musicalidade encantadora, neste sentido modela suas identidades, criam memórias de identidades coletivas. As meninas e meninos de poucas idades, acompanhados de seus pais e mães, tem seu processo de aprendizado e ensinando pela observação, fazendo algumas aproximações junto aos instrumentos. Sendo metodologicamente ensinados, ou seja, com olhares atentos nas práticas e nos convívios social e cultural, saberes e conhecimentos, levados por toda uma vivência.

Expressões e representatividade nos signos de identidades para dar continuidade aos cortejos festivos socioculturais. Esse conjunto de experiências com base nas vivências, entre povos com diferentes culturas e religiões, fez surgir uma ideia de sociabilidade de saberes e constituindo a identidade coletiva para formação das relações sociais nesses lugares. Ao apontar a possibilidade do estudo das folias de Reisado, como meios para abordar as relações étnicas e raciais sejam no espaço escolar e não escolar.

Nas festividades dos ternos de Reisado em Itagimirim, também ocorrem reafirmações e negociações, nos aprendizados e ensinamentos, desde a criança que observar o folião na roda de contradança, até quando lhe é dado à oportunidade de inserção nos cortejos, traduz os mesmos movimentos captados pelos olhos atentos. Logo, desenvolve sentimentos de pertencimento na coletividade grupal, reforçando os relatos dos saberes gravados nas memórias. Os valores e conhecimentos sejam das folias de Reisado, do labor com as plantações, das caças terrestres e aquáticas, dos modos de vida em geral, reafirma a eficaz e existência de um "currículo invisível" reforçando as relações e identidade latentes.

Nessas comunidades, formada por grupos étnicos e raciais as relações se materializam no convívio com as diferenças culturais e religiosas, e assim formam uma ideia de sociedade nesses lugares, que possibilita a convergência diante dos conflitos e mazelas, as quais estão expostas. A solidariedade se sustenta com as trocas de saberes e fazeres cotidianos, garantindo assim a memória e o pertencimento cultural.

Ao desenvolver competências e habilidades sociais, políticas, culturais e naturais, usando o canto, danças e sonoridade instrumental percussiva, as folias de Reisado contribuem plenamente para autonomia intelectual coletiva.

A própria dinâmica do terreiro em ensinar as crianças às tradições culturais como tocar um instrumento musical e os rituais do Reisado, contribuem para a continuidade da memória e identidade grupal, sendo passada de uma geração a outra. Pois ser tocador de bumba,

pandeiro, caixa percussiva ou gaitas naquela época era uma forma de sobrevivência e de emprego. Nas festas juninas, realizadas em residências rurais e urbana, eram contratados músicos para animar, no entanto nas festividades de janeiras os foliões participam pela fé, festa e devoção. As festividades em homenagem a um santo, eles socializavam/socializam os mantimentos e animais ganhados durante o cortejo, realizavam/realizam almoços coletivos temperados com batuques.

A música instrumental percussiva, os cantos e danças, os movimentos socioculturais, expressões e costumes criaram signos de identidade que perpetuam e mantêm as diferentes manifestações com a musicalidade, cortejos, religiões, ideias e modos de viver em sociedade. Para Salomão Jovino (2017, p. 167) a musicalidade tem papel na manutenção dessas identidades, " (…) um repertório canônico de cânticos, louvações, poemas épicos e execuções instrumentais ritualísticas realizadas por conjunto musical (…) ". O ato de ensinar com música torna os aprendizados dinâmicos e descontraídos, assim a memória fixa os saberes necessários para vivências e permanências dos grupos socioculturais populares.

17. Tafularia: Comunicações de Resistência na musicalidade das Folias de Reisado.

A palavra "tafularia" em seu sentido dicionarizado[23] quer dizer: arrumar-se, enfeitar-se com cores. A ressignificação desse verbo expressada pelos foliões "tafularia" é a junção do verbo estava com a preposição na e o substantivo folia, formando então a frase "estava na folia". Ao fazer a ligação dessas palavras nos versos cantados oralmente, somente quem dominava os saberes das folias de Reisado consegue compreender a musicalidade e seus segredos nas letras das contradanças.

As cores, sons e movimentos das folias de Reisado começaram a ser socializadas nas canções rurais, bem como nas sonoridades de ruas, ladeiras e avenidas. Saberes percussivos da sonoridade de pretos migrantes. Constituíram as identidades nas fronteiras culturais, povos da oralidade popular que têm seus conhecimentos nas expressões dos movimentos dos corpos, assim compartilharam com o erudito a sua musicalidade e os conhecimentos sagrados.

Deslocando-se para o extremo sul da Bahia a música nas rodas de contradanças tornaram-se cotidiana nos saberes para socializar as memórias dos povos populares. Que

[23] https://www.dicio.com.br/tafular/ acesso em 17 de fevereiro de 2019, horário 22h02 minutos.

estabeleceram do Rio Jequitinhonha a Beira Mar, ou em espaços afastados, territórios da sonoridade afro-brasileiros.

A musicalidade dos ternos de Reisado, com a oralidade popular, conseguia manter conexão com lugares distantes comunicando os conhecimentos importantes para a existência desses povos pelas memórias da palavra falada. Agora com as leis descritas acima, abre-se possibilidade de comunicar saberes/habilidades, nos espaços escolares. Suas conexões ancestrais estavam presentes em cada movimento como descritos do texto "Sons e ruídos, música e identidade" de Salomão Jovino (2016), abordando que:

> Tanto as populações negras urbanas, como comunidades das pequenas cidades e quilombos contemporâneos demonstraram ter na musicalidade repositório e ponto de conexão com as memórias da África e suporte simbólico de redefinição de identidade. Os Congados, Batuques, Ticumbis e Jongos fixados nos calendários das festas-cerimoniais e dos rituais públicos tornaram- se pontos culminantes de percepções e imaginários socialmente constituídos e partilhados. Isso não se deu sem tensões e conflitos com a sociedade dominante e os novos potentados, filhos da casa grande. (SILVA, 2016, p. 05).

Somos uma sociedade marcada pela musicalidade, ouvimos e confeccionamos músicas, em variados espaços cotidianos, porque as sonoridades têm a magia de mexer com nossos sentimentos. Relacionar o corpo e a alma de forma sagrada, o poder das palavras e o ritmar dos corpos no batucar, cantar, dançar e alegrar. Fazem conectar com nosso passado e antepassado. Nossa ancestralidade torna-se presente demonstrando suas resistências e existência no entoar das palavras, no batuque do bumba, na harmonia das gaitas, no vibrar do pandeiro. As sonoridades rurais e urbanas sejam naturais e artificiais tem a mandinga de mexer com a percepção e sensibilidade humana, pois os objetos quando são tocados recebem e doam energias.

Povos que nos silêncios das dores e alegrias construíram e reconstruíam suas identidades criando musicalidade no ritmar dos corpos. Nos sons produzidos por diversos objetos aos seus redores comunicando existências e resistências no labor diário. Os grupos populares convergiram seus saberes e culturas musicais criando o cantar, o batucar e o dançar da oralidade popular, sendo assim recriando identidades e mantendo seus saberes preservados as futuras gerações.

18. Cantorias e batuques: a musicalidade que encanta e faz dançar

Os cantos de pequenos versos transmitem e reafirmavam a beleza e estética das mulheres que participam das folias, descrevendo os cabelos cacheados e/ou crespos. Logo, assim se percebe a participação e envolvimento de mulheres na construção da musicalidade, do ato de sair das cozinhas para sala de estar. Elas participam das contradanças engajadas nos cantos, batuque e na construção do ritmo e palavras versadas nas cantorias.

Lideram os ternos de Reisados, são mães espirituais, esposas, mães, madrinhas, tocadoras e folionas que sempre estão nas tafularias. Nos versos descritos, pelas entrevistas do senhor Jonas Almeida, de 78 anos de idade, folião que domina os instrumentos percussivos do Reisado, filho de migrantes, com suas palavras transcritas, pude sentir o encanto e a magia da beleza e estéticas femininas, expressando na letra da contradança:

Cabelos pretos cacheados[24]

Cabelo Preto cacheados
Anelado, é bom cabelo,
Quero um cachinho do seu cabelo
Para amarrar em minha viola
Vamos despedir de hoje,
que amanhã eu vou embora.(grifos meus)

Na música são descritos os cabelos pretos, cacheados e/ou crespos das mulheres do Reisado ou ainda que vivessem na região dos Reisados. Através da música temos indícios de como seriam essas mulheres da região, incluindo as do Reisado. Nas Folias Reisado, sabe-se que essas mulheres estavam na organização e execução, nos modos de vidas, no jeito de ser, nas alegrias nos aprendizado e ensinamentos, nos salões batucando com os tambores, violas e pratos de esmalte, nas rodas de contradanças, nas ruas, avenidas, no cortejo de casa em casa, do sagrado ao profano.

As mulheres descritas diante das várias dificuldades enfrentadas no sul baiano criam seus filhos, na labuta dos roçados, lavando roupas no rio limoeiro ou riacho da prata, sendo mães e guias espirituais. Elas atraídas para pelo cenário social urbano para propiciar uma

[24]Contradança: Extraída da entrevista realizada com Sr Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.

educação escolar de letramento aos seus. Elas trabalhavam nas residências como empregadas do labor cotidiano, ou tornando-se alunas e professoras. Com os saberes ancestrais algumas adentram a banda marcial/fanfarra do ginásio escolar, e assim brilharam nas percussões.

As músicas também contribuem nos aprendizados e ensinamentos dos "conhecimentos de suas origens e do valor de seus antepassados". Essa estética é expressa no cotidiano, nos vários aspectos da festividade, das folias de Reisado Itagimiriense. Essa estética, bem como a ludicidade também contribuem para manter as meninas e meninos a continuidades das devoções e festejo as sonoridades negras e indígenas, nos cortejos em cada entrar de ano, no calendário festivo das janeiras.

Magicamente as crianças e os adolescentes observando as rodas de Reisados entoando os seus versos, são atraídos pelo caráter afirmativo da musicalidade nas contradanças, nas alegrias das brincadeiras do ser folião de Reisado e, assim formando identidades. Descrevendo e recordando o cotidiano em lugares antes vividos.

Na contradança "Ponta de Areia", cantada e musicalmente com os instrumentos. È narrado através das vozes dos foliões as migrações e circulações nas margens do Rio Jequitinhonha e no próprio Rio. Migrações para buscar um lugar próspero para viver e/ou nas andanças dos canoeiros transportando mercadorias, descendo e subindo o Rio entre Belmonte-Ba e o norte de Minas Gerais, sentimento que expressa na leitura de mundo, materializado na sonoridade da música popular do extremo baiano:

Ponta de Areia[25]

Convidei meus companheiros para fazer sociedade,
para roubar dessa cigana o amor da eternidade,
Oh cigana éééérr.
Quem quiser comigo é hora, éééérr,
Adeus ponta de areia,
La vai a cigana embora, éééérr.

Na fronteira entre Minas Gerais e o território baiano, ocorreram rotas de comércio desde 1771, [26]que no balanço das águas, canoeiros subiam e desciam o Jequitinhonha, ao

[25]Contradança: Extraída da entrevista realizada com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.

[26] " Na carta de 10 de maio de 1771, os degradados foram tratados como "homens comumente viciosos, que só se lembram ou de fugirem ou de perturbarem aos outros" e que, por isso, "mais mereceriam ir para a forca" (AHU, doc. 8446). Afinal, quem eram estes "vadios e ociosos" que "pela lei da polícia" tinham que ser transportados de Salvador ou do Rio de Janeiro para viverem com os índios em Porto Seguro? Que tipo de comportamento habitual realizavam no seu local de origem? Qual era a sua etnia e condição sócio-econômica?. Algumas destas respostas foram alcançadas nas correspondências entre o Ouvidor José Monteiro e o Marquês de Lavradio. O anexo 1 revela o perfil comportamental de sete indivíduos que foram degredados durante o ano de 1776. Os crimes que cometeram podem ser encaixados em três modalidades: primeiro, desvios religiosos

movimentar com metais preciosos, gêneros alimentícios e utensílios, com pontos de paradas nas freguesias ribeirinhas. Impulsionando o mercado econômico e cultural demonstrando assim à importante e contribuição dos negros, indígenas e migrantes no território do Rio Jequitinhonha a Beira Mar. Nos versos da contradança "Ponta de Areia", nas marés baixa no rio Jequitinhonha surge verdadeiro caminho de areia, esses ligavam as terras mineiras ao porto baiano, com esse fenômeno ambiental o deslocamento das folias de Reisados em cortejo era facilitado em certos momentos, mas o percurso nas canoas tornava-se cansativo o giro pela região.

Esses trânsitos de idas e vindas dos foliões canoeiros, expresso nas saudades dos lugares de paradas ou comunidade ribeirinhas, durante o percurso das navegações eram efervescentes a movimentação de mercadoria, identidade cultural e relações sociais entre uma comunidade criada do território do Rio Jequitinhonha a beira mar.

Em um trecho transcrito na contradança descreve a presença da cultura cigana nos cultos das religiões afro-brasileira: "*La vai à cigana embora",* relacionando uma entidade da umbanda, a cigana a qual aborda os caminhos do amor e paixão, cantada pelas lideranças das folias de Reisado Itagimiriense.

Os tropeiros, homens que deslocavam pelas matas com mercadorias usando a força animal (asno, besta e jumentos). Eles também socializavam a alegria das folias de Reisado, estes eram migrantes pretos e indígenas que chegaram a locais distantes como o Rio de Janeiro[27], no entoar da contradança "*Apeia moço para descansar*" podemos entrar no que foi

(curandeirismo e feitiçaria); segundo, desobediência civil (desordem); e, terceiro, atentado à tradição (trajes inadequados). Outra evidência interessante é a identificação étnica dos degradados. Entre os enviados havia duas negras, uma parda e outros cinco com etnia não declarada – que, seguindo a regra dos documentos coloniais, têm grande chance de serem brancos. Por fim, a maioria absoluta era feminina, sendo um único degredado homem. (...)" A presença de não-índios nas vilas de índios de porto seguro: relações interétnicas, territórios multiculturaise reconfiguração de identidade – reflexões iniciais. Francisco Cancela. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 42-61, jul./dez. 2007.

[27]Analisando o período colonial do século XVIII ao XIX e a dinâmica da capitania de Porto Seguro de projeto a processo de colonização reformista Cancela (2012) destaca que: "Datado do início da década de 1760, o projeto reformista destinado à colonização do território porto-segurense se baseou tanto no movimento de secularização em curso na sociedade portuguesa, quanto no fortalecimento das práticas mercantilistas nos domínios coloniais. Ao tentar construir um modelo alternativo de administração para a antiga donatária, o reinado josefino transformou a capitania numa ouvidoria subordinada ao governo geral da Bahia e nomeou um magistrado régio para ministrar a justiça, instituindo mecanismos mais sofisticados de fiscalização e centralização do poder. Com vistas a integrar a região ao sistema colonial (...). Atuando no mundo do trabalho, seriam obrigados a abrir roças de mandiocas e a prestar serviços compulsórios aos colonos lusos brasileiros. ". Ao abrir canais de comunicações terrestres na capitania de Porto Seguro segundo Francisco Cancela (2012) os poderes econômicos da capitania; "(…) determinou sua transformação num pólo produtor de gêneros alimentícios para abastecer os principais centros urbanos da colônia, fomentando a dilatação da ocupação territorial, a expansão das atividades agrícolas e extrativistas e a construção de canais de comunicação terrestre com o Rio de Janeiro (…)". CANCELA, Francisco Eduardo Torres. DE PROJETO A PROCESSO COLONIAL: ÍNDIOS, COLONOS E AUTORIDADES RÉGIAS NA COLONIZAÇÃO REFORMISTA DA ANTIGA CAPITANIA DE PORTO

esse universo de rotas comerciais e culturais pelas matas fechadas, migrações forçadas pela revolução dos anos 30 e o regime militar da década de 60 que assolou o Brasil, se "*Na ladeira desceu um moço, ele é vem cansado"* dos conflitos armados, agora é hora "*Apeia moço para descansar",* abaixou as marés de conflitos, por isso vamos vadiar.

Apeia moço para descansar [28]

Ô a primeira vez que eu vim vadiar...
Na ladeira desceu um moço, ele é vem
cansado. Olha besta dele como vem suada.
A peia moço para descansar, tem café
coado para nós tomar, eu não quero café não,
sua dona.
Eu tano mais os meninos e os meninos
tano mais eu, se haver revolução, nem os
meninos corre, nem eu.
Eu vou lhe contar um causo que se deu lá
na chapada, que mataram Zé Maria e deixou a
besta amarrada a viúva quando soube, deu uma
grande gargalhada, bateu palma e deu viva eu
sou é da rapaziada.

Indo de encontro aos aprendizados que tive de transmitir as cantigas pela oralidade, pois sou filho e neto de folião de Reisado, e também um folião. Fiz a transcrição da contradança acima. Passando do formato da oralidade para o formato de texto escrito (letramento). Na primeira linha do verso "*Ô a primeira vez que eu vim vadiar*", dentro de um

SEGURO. (1763-1808). SALVADOR. 2012. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Orientadora: Profa. Dra. Maria Hilda Baqueiro Paraíso.
-Grifos meus - Sendo assim fazendo surgir uma atividade chamada de tropeiros, homens que percorria o vasto território brasileiro. Por dentro das matas e no lombo dos cavalos e asno levando os diversos produtos agrícolas, panos e sal, os tropeiros também foram determinais para o caminho cultural das folias de Reisado, em louvor a São Sebastião, suas comunicações e expressões de fé chegaram a lugares mais distantes como a capital do Rio de Janeiro.

[28] _Contradança: Extraída da entrevista realizada com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.

ambiente prazeroso vadiar é uma desconstrução, que proporciona equilíbrio ao corpo, com movimentos atentos e sincronizados dentro da dança e sonoridade exposto, um caminhar entre as linhas profanas e sagradas, um êxtase espiritual. Vadiar é saber fazer as leituras visuais as quais transmitem comunicação, respeito, é um saber impor diante da tensão, é sequências de sentimentos.

No Reisado a frase expressa essas lembranças dos foliões quando percorrem a região. Fazendo a trajetória do cortejo festivo da folia de Reisado, nas brincadeiras e, comunicações no entoar dos cantos, e toque dos tambores o nosso vadiar, ritmando a sonoridade afro-brasileira.

Nos Versos *"Eu tano mais os meninos e os meninos tano mais eu, se haver revolução, nem os meninos corre nem eu"*.

Devido o intenso fluxo de migrações realizadas em decorrência da revolução de trinta, onde os grupos populares do nordeste de mineiro e sul da Bahia foram forçados a movimentar no território do Rio Jequitinhonha a beira mar, resistindo contra o trabalho árduo imposto pelos coronéis que ocupavam as fazendas, os rios, os vales e as serras.

Jequitinhonha a Beira Mar, pelos povos da oralidade contra os jagunços, os pistoleiros armando dos grandes fazendeiros, também endossada pela revolução de 1930, que diretamente liga ao Estado mineiro. "O apoio dos poderosos cafeicultores paulistas, que controlavam o processo eleitoral por meio de práticas tais como fraude, suborno, coerções etc".[29].

Do povo tupinambá da serra do padeiro na região de Ilhéus-BA, aos Aimorés de Itagimirim e Pataxós de Porto Seguro Bahia, bem como os negros e migrantes utilizam o cantar e dançar do Reisado como forma de comunicação e movimento de resistência, convergindo em lutas e continuidades dos grupos pelas memórias faladas e cantadas, palavras mágicas que formam identidades e sentimentos coletivos.

Nos anos sessenta da centúria passada, os indígenas estavam em conflitos com os coronéis/fazendeiros e pistoleiros da região sul da Bahia. Estes povos foram obrigados a abandonar seus estilos de vidas nos roçados não podendo ver: o milho brotar pelo chão, o

[29] Página inicial – Revolução de 1930, acesso em 28/05/2019 as 22h48 minutos https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-1930.htm□.O cenário político do biênio 1929-1930 foi um dos mais conturbados não só para o Brasil. Os candidatos em questão, para disputar as eleições de 1930. https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-revolucao-1930.htm. Acesso em 21/03/2019 as 03h05 e minutos.

feijão se enramar, a mandioca florir, as ovelhas berrarem, as galinhas juntarem os grãos de milho no terreiro, a costura, o cozinhar, a musicalidade do Reisado.

Para ter uma renda, esses povos aos sábados e domingos migravam em rotas para as cidades urbanizadas. Nas feiras livres vendem seus gêneros alimentícios excedentes. Os diversos gêneros alimentícios das plantações, assim como animais e o pescado. Era uma grande movimentação de pessoas, um lugarejo étnico e racial onde as relações eram marcadas pelo trabalho, respeito e alegrias. Mas tinham os conflitos e disputas que a efervescência da modernidade produzida.

Nesses encontros e andanças por essas feiras livres nos deparavam com os conjuntos musicais, que animavam as relações culturais e comunicavam as resistências e demandas do território do Rio Jequitinhonha a Beira Mar. Na contemporaneidade a maioria desses lugares é conhecida como "território da Costa do Descobrimento". A musicalidade dos batuques era maravilhosa, quem vinha pela estrada de chão no lombo do animal ou a pé, ouvia cantos ritmados e harmônicos, as melodias levadas pelo vento, somente de ouvir de longe sentíamos uma presença mágica, uma romaria de batuques e, cantos celestiais.

Os povos indígenas ainda eram vistos como "selvagens e bárbaros" pelo Estado brasileiro, logo assim estes tiveram que migrarem por esse território que as folias de Reisado compreendiam, ou constituíam um viver no meio urbano e reconstruir suas resistências para viver suas identidades.

Os migrantes que eram negros e negras do nordeste de Minas Gerais subiam o Rio Jequitinhonha nas canoas ou, passavam pelas matas a pé ou no lombo dos animais. E assim atravessam as fronteiras, e no lado baiano as promessas dos coronéis eram de trabalho nos roçados. E em determinados aspectos a facilidade em adquirir a posse da terra e extração dos recursos naturais, entre eles até mesmo a retirada de madeiras nativas, porém na maioria das vezes os conflitos com os indígenas é o que caracterizava o interesse e a atração dos coronéis para com os migrantes. No Livro Itagimirim minha vida é aqui, descrito por Othoniel Ferreira dos Santos, um migrante vindo do oeste da Bahia em 1959, coletor Estadual que se tornou prefeito de Itagimirim-Ba, relata que:

> "Um dia Juca de Vicente chamou Gregório Teixeira, elogiou sua valentia e dedicação e ofereceu-lhe um pedaço de terra como recompensa pelo seu trabalho. Desse jeito, sem demora, ele subiu o Jequitinhonha e no lugar determinado encostou a sua canoa. Ali iniciou um plantio de cacau, casou, teve quatro filhos e, num ato impensado, matou um índio nas proximidades de sua casa. A partir daí, a tribo passou a atacá-lo com frequência, não mais lhe dando sossego. Um sobrinho de sua mulher, que morava com ele, morreu

> com uma flechada na Barriga. Gregório era bom de pontaria e sabia reza braba para defender dos pistoleiros, nas tocaias, mas precisou temer pela vida dos seus filhos. Vendeu tudo, comunicou sua decisão a Juca de Vicente e se mudou para a sua roça abandonada na terra dos jacarandás, na beira do riacho que batizou de Limoeiro. "Entretanto, os índios seguiram os seus passos e continuaram a persegui-lo. " (SANTOS, 2017, p. 36 a 37)

No trecho descrito às estratégias do coronel Juca de Vicente, que atraiu o negro migrante do norte de Minas Gerais, neste caso, Gregório Teixeira para o lado baiano, oferecendo terras e confronto contra os indígenas de etnia Aimoré. Outro confronto acontecia se o migrante que aceitava a oferta desistisse, teria que enfrentar os pistoleiros dos coronéis, a serviço de uma mentalidade subjugadora do Estado Brasileiro da época.

No relato do folião de Reisado Sr Jonas Almeida de 78 anos de idade, sobre as relações conflitantes do sul da Bahia, no último verso da contradança "Apeia moço para descansar", ele expressa através do canto, "*Eu vou lhe contar um causo que se deu lá na chapada, que mataram Zé Maria e deixou a besta amarrada a viúva quando soube, deu uma grande gargalhada"*. Na letra da cantoria está fazendo analogia ao Estado brasileiro e rapaziada aos coronéis e seus jagunços com suas estratégias de dizimar os grupos populares.

As ações da natureza e a relação humana nesse ambiente serviram como inspirações, para os cantadores e cantadoras comunicar o cortejar, as labutas e a festividade, sendo assim convido o a sentir a musicalidade, na contradança transcrita abaixo:

Ribeirão cheio[30]

Ribeirão estar cheio ta de monte a monte,
Não tem canoa e nem ponte.
O meu Deus o que faço nesse ribeirão sem ponte,
nesse ribeirão sem ponte o lêlêêêê....
Rocha baiana eu cheguei da mata agora!

Ao inverter a composição de análise da contradança transcrita no trecho "Rocha baiana eu cheguei da mata agora", apresentam as movimentações dos tropeiros na região, durante a circulação das mercadorias, por dentro das matas, atravessando rios e riachos, levando a economia e cultura no lombo dos animais equinos. Os tropeiros eram grandes comunicadores das folias de Reisado, de norte a sul do Brasil.

[30]Extraída da entrevista realizada com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.

No cortejo os ternos de Reisado quando saiam de Cachoeirinha tinham de atravessar o Rio de canoas de ambos os lados, tanto na saída da bandeira, quando na chegada. O fenômeno das enchentes no Jequitinhonha também proporcionou o afastamento dos foliões da beira do Rio. Esses estabeleceram suas moradias nos lugares urbanos em desenvolvimento como a cidade de Itabepi-Ba e Itagimirim-Ba. Determinados grupos de Reisado seguiram em direção oeste da cidade de Itagimirim, fixando moradia na cidade Salto da Divisa-MG. Às vezes seguiam para o sul da cidade de Itagimirim, indo para o maior povoado da Bahia, Eunápolis-Bahia.

Lembrando que os ternos fazem o giro passado por outras cidades do sul da Bahia. O trajeto dos foliões teve as seguintes mudanças, deixou de iniciar no povoado de Cachoeirinha, porque o lugar foi devastado pelas enchentes e na atualidade estar submersas pelas águas do Jequitinhonha represada por uma Barragem hidrelétrica.

19. Contradanças: movimento e sonoridade dos ritmos de devoção viva

O batucar com os tambores das folias de Reisado de Itagimirim garantem a energia dos foliões e folionas nas rodas de sambas ou contradanças, para o labor dos roçados, a fé e dedicação propiciam boas colheitas com chuvas em ambulâncias.

Grande tambor conhecido como Bumba das folias Reisado do extremo sul da Bahia.

Fotografia 3; Registro realizado junto à entrevista realizada com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019. Fonte: Jairo Viana de Castro, folião e pesquisador.

Tambor Grande. Nas folias de Reisado de Itagimirim é conhecido como Bumba. Confeccionado de uma tora de madeira, em que os foliões vão à mata e cortam um pedaço de cedro, tamburi ou mulungu, essas madeiras que proporciona uma boa sonoridade.

Com um formão de ferro vai abrindo para tirar o miolo e fazendo um oco no pedaço de tronco, acompanhado o bojo da madeira de um lado a outro. Com a medida da circunferência coloca o pedaço de couro geralmente de caça um animal chamado mateiro/Guatapará, hoje utiliza o couro de bode cabra, com um cipó redondo costurava o

couro a madeira. Depois com a mesma madeira fazia dois arcos, que recebe a corda de arrocho. E assim a pea de arrocho (corda que aperta) faz vibrar os sons grave.

Pequeno tambor, conhecido também como caixa, pelos foliões e folionas do Extremo sul da Bahia.

Fotografia 4: Registro realizado junto à entrevista realizada com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.Fonte: Jairo Viana de Castro, folião e pesquisador.

Pequeno Tambor. Nas Folias de Reisado conhecido como caixa- percussiva. Seguindo o mesmo processo de criação o tambor mínimo acompanha o bumba e faz vibrar os sons agudos. Confeccionando de uma tora de madeira, aonde os foliões vão à mata e corta um pedaço de cedro, tamburi ou mulungu. Essas madeiras que proporciona uma boa sonoridade. Com um formão de ferro vai abrindo para tirar o miolo e fazendo um oco no pedaço de tronco, acompanhado o bojo da madeira de um lado a outro. Com a medida da circunferência coloca o pedaço de couro geralmente de caça, um animal chamado mateiro/Guatapará, hoje utiliza o couro de bode cabra, com um cipó redondo que costurava o couro a madeira. Depois com a mesma madeira fazia dois arcos, que recebe a corda de arrocho. E assim a peã de arrocho (corda) faz a sonoridade.

O triângulo de Ferro ou metal é um instrumento também utilizado para ritmar a folias de reisado, com seu som, agudo, bem fino, garante a beleza da musicalidade.

Fotografia 5. Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador.

Agogô instrumento de metal ou ferro com toques ritmados e agudos, proporciona a beleza compassada e harmônica, garantido molejo nos movimentos corporais.

Fotografia 6. Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador.

Pandeiro das folias de Reisado de Itagimrim-Bahia. Antigamente os foliões no percurso de ir à mata, também retiravam um pedaço da madeira denominada jenipapo.[31] No trabalho com a madeira, ou fraquejar como diz os foliões, para formar um arco com pedaço do jenipapo. Logo após o formado arredondado, cortava- se pedaços de latas de ferro para fazer os chocalhos, encaixando na circunferência da madeira. Em seguida colocavam o couro de uma caça chamada: cutia.

Matava o animal esticava o couro, deixando alguns dias ao sol, depois prendia o couro ao arco do pandeiro e, assim sons do instrumento afinado acompanhavam o batucar harmônico do Tambor pequeno e tambor grande.

.

Fotografia 7. Jairo Viana de Castro. Folião e pesquisador

A viola, instrumento do Reisado Itagimiriense.

Fotografia 8. Viola acervo Jairo Viana de Castro, folião e pesquisador.

[31] Registro realizado junto à entrevista com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.

A viola era feita de uma tora de madeira, geralmente o cedro. Confeccionada ou fraquejada á facão de ferro (por não existir ferramentas de marcenarias), cortava a madeira cedro artesanalmente. Antigamente comprava os rolos de arame fino, para encordoar a viola. As tarraxas na época eram chamadas de caveira, geralmente feita da própria madeira, esticadas produz afirmação às cordas de arame, minuciosamente lapidada. Hoje é comprada das fábricas de marcenarias.

Gaitas feitas de cano de PVC, típica das folias de Reisado, instrumentos harmônicos das folias de Reisado do Sul da Bahia: feito de taquaruçu uma planta, um tipo de bambu-bravo. Com a contagem correta de tamanho e espaço para perfurar os buracos. Para ajudar na afinação e sobro labial, dentro das gaitas de taquaruçu cortada nas medidas utiliza cera de abelha, na quantidade equivalente para garantir assim a sonoridade e o ritmar desejado. Estas com as mesmas medidas e perfurações garantirá melodia. Nos dias de hoje essas gaitas são feitas com canos de PVC, de 20 mm ou ½ ” de polegadas.

Fotografia 9. Registro realizado junto à entrevista realizada com Sr. Jonas Almeida de Castro em 21/01/2019.Fonte: Jairo Viana de Castro, folião e pesquisador.

CONSIDERAÇÕES

Quando os tambores sentem a pancada das baquetas no couro do instrumento, se propaga pelo ar ondas de sonoridade do batucar e melodias de fé. Assim magicamente e harmonicamente a musicalidade das folias de Reisado comunica e, mantém uma memória de saberes que resistiram ao longo do tempo. Estas viajaram no balanço do mar, navegaram nas canoas, enfrentou matas e bichos, no lombo de animais ou a pé, tornam-se presente com uma devoção viva nos corpos cicatrizados pelos ritos e labutas.

Uma característica visual é o uso das vestimentas com coloridos, tanto em uma festividade quanto na outra. Cores fortes rasgando os silêncios ocultos, impulsionando a personalidade, as habilidades musicais, ensinando a vivenciar os caminhos com prazer e alegria.

Nos relatos orais de cada folião devoto a fala é a mesma, "o reisado conheci com meus avos é um divertimento, uma paixão a São Sebastião um santo guerreiro que livrou o povo das pestes e das aflições". As práticas, as memórias, o cantar e o dançar do movimento dos foliões é tão presente e vivo, desde sempre. Nesta perspectiva de evidenciar esses belos e agradáveis conhecimentos sobre o festejo, que nasceu o interesse e a ideia de construir esse artigo, tratando das expressões desses grupos populares para serem trabalhados dentro das salas de aula dos espaços escolares de ensino.

Este trabalho apresenta como se constituiu as identidades impulsionadas pelas memórias de saberes festivos de musicalidade, danças, cantos e batuque. Outros elementos que podem ser reforçados da coletividade são: os conhecimentos das vivências cotidianas e do labor; pescar, caçar, costurar, cozinhar, lavar e crer, plantar e colher, dentre todos esses movimentos que proporcionam ritmos as vidas.

Possibilitando conhecimento com esses saberes e a importância de serem estudados em salas de aulas, deve-se estar exposto a aceitações e rejeições de profissionais. Ao recusarem trabalhar as relações étnicas e raciais, acredito ser devido à falta de preparos com esses conhecimentos/saberes para desenvolver uma proposta junto aos alunados, ou seja, por suas concepções sociais, religiosa e mesmo devidos os cursos de formações aos quais não contribuíram com leituras relacionadas à temática.

Nascida a partir das memórias originaria dos povos Tupinambás, Aimorés, Pataxós e nos cortejos aos reis negros, não de uma forma importada, mas uma reconfiguração "nas Áfricas no exílio", sendo recriada com signos de identidades de encontros e ecos culturais.

Um instrumento de reconstrução do mundo para seus foliões e adeptos, com os saberes mágicos que faz perceber os períodos de chuvas, espantam as pragas, elementos filosóficos que traduz um conceito e divulga uma sabedoria que possibilita o amor, o prazer, o paladar, diante desses vários modos de vidas e possibilidades que se encaixam as folias de Reisado festivo a São Sebastião em Itagimirim Bahia.

21. Lista de entrevistados/Registros

1- Brandina Souza Cruz , entrevista realizada em sua residência em 04/05/2014.

2- Florisval Cunha Menezes, 73 anos, entrevista realizada em sua residência em 04/05/2014.

3- Amanda Batista, 77 anos, entrevista realizada em sua residência em 04/05/2014.

4- Manoel Morais, 57 anos, entrevista realizada em sua residência em 30-05-2014.

5- Pedro Bragantino Pereira, entrevista realizada em sua residência em 04-05-2014.

6- Jonas Almeida de Castro, 73 anos, entrevista realizada em sua residência em 11/05/2014.

7- Maria Theodora Conceição, 69 anos, entrevista realizada em sua residência em 04/03/2014.

8- Maria Silva, 60 Anos, entrevista realizada em sua residência em 11/05/2014.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta. **Cultura popular***:* um conceito e várias histórias. In: Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Martha Abreu & Rachel Sohiet (orgs). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBUQUERQUE, WlamyraR. de. FRAGA, Walter Filho – **Uma história do negro no Brasil**. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALBERTI, Verena. **Alguma estratégia para o ensino de história e cultura e afro-brasileira.** Ensino de história e cultura afro-brasileira e indígenas/ Amilcar Araujo Pereira, Ana Maria Monteiro (org) –Rio de Janeiro. Pallas 2013. Pg 27/56.
ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. – 3 ed. – Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.

BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence. **O raciocínio etnográfico**. A pesquisa sociológica/ Serge Paugam, (coordenador); tradução de Francisco Morás. –Petrópolis RJ: Vozes, 2015 – (coleção Sociologia).

BERNARDT. Jean-Claude. **O que é Cinema**. Editora Wolfgang Knapp. Jornalismo/Clóvis Rossi _ primeiros passos.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de lima reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1998.

CASTRO. Jairo Viana de. SANTOS, Angelo Bento Leite dos. **A PELÍCULA E A PÉROLA: RELAÇÃO DO CINEMA E A HISTÓRIA NO FILME MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA**. / Laboratório de ensino de história- campus XVIII da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2011.

Conselho Nacional de Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CONSELHEIROS: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora), Carlos Roberto Jamil Cury, Francisca Novantino Pinto de Ângelo e Marília Ancona-Lopez. Brasília-DF, 10 de março de 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **AS PEQUENAS CIDADES NA CONFLUÊNCIA DO URBANO E DO RURAL.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 30, pp. 05 - 12, 2011
FELINTO, Renata Aparecida; SILVA, Salomão Jovino da. Especialização em Política de promoção da igualdade racial na escola. Módulo 3 – Educação e relações étnico-raciais: ações e intervenções. Unidade 1. **Sons e ruídos, música e identidades**UNIFESP- São Paulo. 2016.

JUNGE, Peter. HUG, Alfons. **Arte da África**. Centro cultural Banco do Brasil -Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo. 2003/2004.

GEEVERGHESE, Manoj. **O VALOR EDUCATIVO DA CAPOEIRA.** Dissertação de mestrado em educação. Universidade de Brasília faculdade de educação. Brasília, julho 2013

Guimarães, Átila silva senas. **Canto negro: as músicas do bloco afro ilê aiyê para inclusão da história e cultura africana no currículo escolar** / átila silva sena Guimarães. - Salvador, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural pós-modernidade** / tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro – 11º Ed. – Rio de Janeiro: DP& A. 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição Viva**. Capítulo 8 - Pgs. 167- 212. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário** – NUPPAG – núcleo de pesquisa e produção Audiovisual em Geografia – IGCE UNESP/Rio Claro

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Conferência foi transcrita e traduzida por moniqueaugras. A edição é de dora rocha. *Estudos históricos, rio de janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.*

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina**. Buenos Aires. 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Educação e Diversidade cultural**. Cadernos Penesb10/ Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas/ _ Revista do programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira faculdade de educação – UFF. 2010.

MOURA, Glória. **O Direito à Diferença**. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Othoniel Ferreira dos. **Itagimirim: Minha vida é aqui**. – Othoniel Ferreira dos Santos, - Goiana: Kelps, 2017.

SILVA SANTOS, Cristiane Batista da. **CACAU NA CANOA, NEGROS NO RIO E CONTAS NO PESCOÇO: Labutar, Festejar e Crer no Camamuzinho – BA entre 1960 e 1990**. Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional – UNEB. – Santo Antonio de Jesus – Bahia. Dezembro – 2008.

1SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E. **Aprender, ensinar as relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil**. - Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set. /dez. 2007.

2SILVA, Salomão Jovino da. **As culturas musicais dos retornados, ou brasileiros da Costa atlântica africana.** Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017.

PESSOA, Jandir de Morais. **Aprender e ensinar nas festas populares** – Proposta pedagógica. Salto para o futuro / TV escola SEED - MEC – Boletin 2, abril 2007.

3 SILVA. José Carlos Gomes da. **Territorialidades negras na cidade de São Paulo: lugares de memórias, sonoridades, tempos e pessoas**. Cultura afro-brasileira: temas fundamentais em ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / organização José Carlos Gomes da Silva, Melvina Araújo. - 1. ed. - São Paulo: Alameda, 2017.

SIMSON. Olga R. de Moraes von. O **SAMBA PAULISTA E SUAS HISTÓRIAS**. (Textos, depoimentos orais, músicas e imagens na reconstrução da trajetória de uma manifestação da cultura popular paulista.). Centro de Memória/UNICAMP

SCHVARZMAN, SHEILA. **Tendências e perceptivas do documentário contemporâneo: um olhar histórico retrospectivo**. - Sobre fazer documentários/ vários autores – São Paulo: Itáu cultural, 2007. 124 p

SCOTT, Joan**. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. -**tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila. - Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses.Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. Capítulo 7 - Pgs. 139- 166. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010

23. ANEXO III - ROTEIROS DE DOCUMENTÁRIO

24- ROTEIROS DO DOCUMENTÁRIO

Tem-se como propósito no documentário mostrar as pedagogias do ensinar e aprender dos saberes das folias de Reisado, em forma de dança e cantoria. Expressa nos costumes, nos vestuários, na culinária e, na feitura de instrumentos com objetos da natureza.

DOCUMENTÁRIO: DO RIO JEQUITINHONHA A BEIRA MAR: A DEVOÇÃO VIVA DA FOLIA DE REISADO.

A folia de Reisado presente no território do sul baiano apresenta uma maneira peculiar das movimentações de mulheres e homens que dominam diversos saberes como a musicalidade e a dança através de manuseios de instrumentos percussivos, que servem para expressar a fé e alegria dos seus foliões e folionas. Os reisados são movimentos culturais, com suas lutas e estratégias; constituídos por: idosos, crianças, mulheres e homens que caminharam/caminham, nas zonas rurais e urbanas de casa em casa, em ruas e avenida, nas ladeiras da vida, entoando rezas cantadas de forma religiosa ou profana. Além dos cortejos também há a contradança quem constitui em uma roda com oito ou seis pessoas com movimentos coreográficos, elemento que constitui a característica do Reisado do Rio Jequitinhonha a beira mar. Os batuques instrumentais do bumba, pandeiro, caixa (pequeno tambor), gaitas, agogôs, pratos de esmalte, proporcionam a sonoridade musical. Outra característica na festividade é a religiosidade e a reverência à bandeira com a imagem de São Sebastião, ao qual demonstram a devoção viva ao Santo. As folias de Reisado é um movimento cultural presente em diversas cidades brasileiras e baianas é composto por uma variedade de elementos como o canto, a dança e o batuque, que envolvem a religião e a religiosidade, aspectos étnicos e raciais dos povos que formaram e impulsionaram as identidades do sul e extremo baiano. Sendo filho e neto de folião de Reisado, com formação em licenciatura em história e mestrando em Ensino e Relações Étnicas e Raciais, compreendi que essa manifestação cultural evidencia uma história sociocultural, com seus ensinos e aprendizagens. Esses conhecimentos e saberes populares fazem-se necessários adentrar as escolas e conteúdos programáticos, possibilitando um estudo étnico e racial sobre a história e memória dos povos que formam o sul da Bahia. Sendo assim, na confecção do audiovisual usaremos uma linguagem sonora e visual, em que as crianças e jovens possam compreender a linguagem e objetivos do documentário que foi pensando para as disciplinas de História e

Artes e para além do público escolar. Os aprendizados das folias de Reisado nas escolas são necessários devido a tantos Itagimirienses que negam ou desconhecem suas histórias. Um instrumento pedagógico que possibilite que as novas gerações conheçam as diferentes relações socioculturais e religiosas na formação da sociedade regional e local.

25- O começo: Tambores e Silêncio

O som do grande tambor ou bumba abrirá o documentário, na sequência quatro foliões em suas residências aparecerão cantando separadamente uma contradança favorita deles, eis os foliões e folionas: senhora Maria Silva de 65 anos de idade, senhor Jonas Almeida, 77 anos de idade, uma terceira foliã conhecida como Nega, 66 anos de idade e Genivaldo, 38 anos de idade, negro. Após essas canções, será exibida a folia de Reisado caminhado pela rua e adentrando uma residência com sua sonoridade ancestral, apresentando o lado profano do cortejo, que é a contradança, e também demonstrado os momentos de devoções e a reza do Terço para São Sebastião.

Primeira transição de cena
As transições de cenas deverão ser constituídas pela musicalidade dos próprios foliões de Reisado, um texto ou palavra falada pelos protagonistas do Reisado.

"As folias de Reisado conheci na casa dos meus avós e avôs", a minha escola de iniciação foi se constituindo no ato de observar e ouvir as palavras, as danças, os cantos e toque dos instrumentos.

Em seguida, será apresentada uma entrevista realizada na residência da foliona, em que a senhora Maria Conceição Rodrigues, 68 anos de idade, descreve o caminho das folias de Reisado originado em Cachoeirinha, vilarejo formado às margens do Rio Jequitinhonha, que liga o nordeste do Estado de Minas Gerais e o lado baiano. Onde as navegações de canoagens foram fundamentais para o fluxo econômico e sociocultural do sul da Bahia. Deixaremos a imagem dela no início e em seguida utilizaremos somente o áudio da entrevista. Durante a fala serão apresentadas imagens: de mapas da Bacia do rio Jequitinhonha e localização das cidades mineiras e baianas, de fotografias e pinturas e/ou desenhos do vilarejo ribeirinho de Cachoeirinha de 1811 a 1970, atualmente, suas ruínas estão submersas por uma

hidrelétrica. As imagens estarão em movimento de slides e, dentre essas são: a capela da antiga freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Baixo Jequitinhonha, ou popularmente conhecida Cachoeirinha, de casebre em ruínas; o porto dos canoeiros; os tropeiros adentrando as matas no lombo dos animais; os povos originários de etnia Aimoré e o retrato do coronel Juca de Vicente. Através da entrevista será descrito as origens da cidade Itagimirim, serão mostradas as fotografias do lugar, além das citadas as dos tradicionais desfiles em 23 de abril da década 60 a 90, comemoração da emancipação política da cidade. Ressalto que a cidade ficou emancipada de Belmonte de 1962. Através das imagens será possível perceber o desenvolvimento urbano, alguns casebres de pau a pique. Outro elemento ficará visível é a influência da sonoridade percussiva dos tambores para formação da banda marcial do Colégio Municipal de Itagimirim. Por fim, as imagens e o áudio desaparecem (fade out)...

Segunda transição de cena:

O encantamento e quando iniciaram e tornaram-se foliões e folionas. Tafularia: estava na folia...

26. Entrevistas

As entrevistas das folionas e os foliões expressam como ocorreram seus aprendizados e ensinamentos nas folias de Reisado. Momentos em que os entrevistados: três foliões e três folionas abordaram as cidades de onde migraram e a dinâmica da cidade de Itagimirim, bem como seu surgimento aparece em seus relatos, através dos caminhos culturais das folias de Reisado. As perguntas das entrevistas deram enfoque para mostrar alguns elementos do Reisado, e como eles se formaram foliões. Outras questões foram quais os motivos e idade que iniciaram no domínio dos saberes, apontando os lugares, quais contextos contribuíram e contribuem para aceitarem e engajarem nos Reisados, nas comunicações de resistência pelas memórias festivas e devoções religiosas. Nessas entrevistas busca-se destacar os aprendizados, bem como a fase etária que eles ocorreram, seja enquanto crianças e/ou adolescentes e consoantes ao gênero. A entrevista desaparece (fade out).

Terceira transição de cena

Confecção dos instrumentos e a Sonoridade percussiva...

Em seguida, será mostrada a imagem de um Folião o Sr. Jonas Almeida, 77 anos de idade, tocando e batucando, na sequência, o mesmo explicando como aprendeu a manusear e confeccionar os instrumentos: o bumba (Grande tambor), a Caixa percussiva (Tambor pequeno), o pandeiro, a viola e as gaitas. Focando nos gestos e habilidades, na mesma seção o folião Jonas Almeida transmitirá esses saberes, ensinando um jovem a afinar o bumba de dupla face. Durante o ensaio na casa de Maria de (Nilo) a e o planejamento, bem como no decorrer da execução do cortejo festivo é o momento que ocorrem os ensinamentos e observações das crianças e adolescentes.

Outra entrevistada é a foliona e porta bandeira conhecida como: Nega, 66 anos de idade, que, abordará os significados da imagem sagrada do santo São Sebastião no manto, os movimentos e a reverência, antes e durante o cortejo. No decorrer de sua fala surgirá à imagem da Bandeira no cortejo, os cantos, as danças de consagração do manto sagrado. Deixaremos apenas o áudio e assim uma voz explicará os elementos como: as cores e seus significados. No mesmo plano o narrador descreve as vestimentas dos foliões, faz uma análise das letras musicais, da coreografia da contradança, quando foram criadas.

Quarta transição de cena

Contradanças: cantorias, dançar e batuques.

Na transição da tomada de cena, surgirá o momento da contradança, no formato de circulo os foliões e folionas manuseiam os instrumentos das folias de Reisado, contribuindo para os aprendizados das crianças e dos jovens que além de participarem com cantos e danças, fixam seus olhares em um determinado folião e no instrumento que encanta seus olhos e a sonoridade que toca sua alma.

A nova geração de foliões representada pelo entrevistado Gabriel, 17 anos de idade, negro e tocador, descreverá seus aprendizados e como os impulsos de identidade fizeram parte de seu desenvolvimento sociocultural.

A fala de um neto e filho de foliões e pesquisador, Jairo de Castro abordando sobre o festejo, o surgimento, os aspectos religiosos da manifestação e o movimento cultural regional do cortejo, nas ruas, casas e avenidas. Dessa forma evidenciando as expressões de fé e festejo, além dos modos de vidas e sonoridade, como “estratégia para o ensino de história e cultura

afro-brasileira, para o ensino de história das religiões e religiosidades do sul e/ou extremo sul da Bahia."

Em outra cena, evidenciará os momentos sagrados das folias de Reisado, a foliona senhora Maria Silva acendendo uma vela para iniciar o momento de rezas. Após, isso será mostrado o batuque/ contradança, fixando a imagem nos instrumentos, assim enfatizando a sonoridade.

A câmera durante os ritos focará nos olhares das crianças e jovens sempre atentos aos gestos e ações dos foliões, despertando um sentimento de identidade coletiva, através do cantar e dançar, em balados pelos conhecimentos que a musicalidade aborda e suas letras ritmadas, nas falas cantadas e nos batuques dos instrumentos. A observação também é uma maneira de aprendizado, pois as crianças e jovens está memorizando os elementos e, quando estiverem oportunidades, farão os mesmo movimentos e batuques com os instrumentos.

Na sequência de encerramento: foco nas crianças e adolescentes interagindo com os instrumentos aprendendo com saberes das folias de Reisado, dentre esses: os cantos, danças, a sonoridade.

27. Localidade de produção

O documentário será produzido a partir de imagens realizadas na cidade de Itagimirim – Bahia, com duração de 25 minutos e terá como protagonista os próprios foliões/folionas e adeptos das Folias de Reisado. Demonstrará os espaços da cidade como a interferência dos grupos de folias de Reisado seus batuques e cantorias, em cada transição de cena uma musicalidade cantada pelos próprios grupos, às entrevistas coletivas e individuas farão parte do dialogo narrativo.

O audiovisual será produzido tendo como objetivo central criar um material didático para ser trabalhado em salas de aulas do nono ano do ensino fundamental II, enfatizando o ensino de história e possivelmente de artes. [32]Mas não inviabiliza a utilização no ensino médio. Os elementos e saberes elencados no documentário das Folias de Reisado, contribui para o nono ano, o que engloba os conteúdos de politicas públicas direcionados para a questões de igualdade étnico racial, de gênero, idoso, criança e adolescentes, outro tema de aula que essa pesquisa proporciona é sobre trabalho e comunidade. E estas politicas públicas

[32] "Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organização na exibição de um filme para a classe, articulação com o currículo (...)" Marcos Napolitano. Como usar o cinema em sala de aula . 4. Ed.3. reimpressão –São Paulo: Contexto, 2010.

serão pensadas no viés dos conhecimentos das folias de Reisado e a história de Origem da cidade, os movimentos socioculturais.

28. Parte técnica

Utilizaremos Câmera Digital DSLR Canon EOS Rebel T3 com adequação para filmagem e microfones embutido. Um estabilizador de imagens para cenas em movimento, com um bastão para celular como grua para registrar as fotografias/imagens em movimento das folias de Reisado. Os arquivos serão editados para formatos MP4 vídeo, o qual será realizado revisão de ortografia, digitalização e estratégia.

29. Ideias: o argumento do roteiro fílmico

Fazendo um trabalho etnográfico participativo, foram realizadas diversas filmagens e contribuindo com o cortejo do Reisado tocando o pandeiro, um momento de grande aprendizado. Sendo um folião a magia dos toques sempre desperta os sentidos para construção de um material didático, mediante os ensinamentos proporcionados por foliões e folionas. Também estava construindo um olhar para os saberes sonoros: os batuques, as danças e os cantos, despertam os sentidos corporais, ativa e rememora as memórias ancestrais; conhecimentos e elementos desde sempre impulsionado as identidades. Na construção do roteiro, seguir um caminho que abordasse as evidências e influências das folias de Reisado para dinâmica sociocultural do extremo sul da Bahia. No texto introdução ao documentário de Sergio Puccini, percebi a importância de um argumento e tratamento coerente na montagem do diálogo fílmico, direcionado o público alvo, neste sentido alunos e professores escolares a uma abordagem histórica, em que envolva as relações étnicas e Raciais. Para isso o texto escrevendo um documentário de Barry Hampe, contribuiu para utilização de elementos como: mapas, fotografias, vídeos, neste sentido possibilitando um enriquecimento do documentário.

30. PROJETO DE DOCUMENTÁRIO

DO RIO JEQUITINHONHA A BEIRA MAR: A DEVOÇÃO VIVA DA FOLIA DE REISADO

Proposta de Documentário

O documentário abordará os toques, os cantos, e as danças, um movimento cultural no viés da convergência de expressões de negros e indígenas, musicalidade e saberes esses importantes para impulsionar as identidades local e regional, um universo social de pessoas envolvidas nas Folias de Reisado, com sociabilidade e festividade ocorrida em louvor a São Sebastião e que ocorre no intervalo de 10 a 20 de janeiro (vinte de janeiro comemora o dia de São Sebastião) na cidade de Itagimirim-Bahia.

As Folias de Reisado faz parte da socialização sociocultural na região do extremo sul da Bahia, idosos acima dos noventa anos descreve suas habilidades aprendidas desde pequeno nessas atividades, além da existem em determinado período de cinco grupos de folias de Reisado, somente na cidade Itagimiriense. Hoje apenas dois grupos de Reisado estão alegrando e impulsionando saberes e uma coletividade de conhecimentos, seja pelas: sonoridades, cores, sabores, saberes e agriculturas.

As relações dos foliões e folionas, na economia e culturas, sejam com a canoagem ou as tropas de animais para o escoamento de mercadoria e diversidade sociocultural. A contradança é um movimento de dança e canto peculiar do território do Rio Jequitinhonha a Beira mar, nascida no porto de Belmonte-Bahia. Danças e ritmos subiram o Rio e atravessou as matas e assim estabeleceu em Itagimirim saberes e memórias presente em cada gesto e expressão desse povo.

O fato da História de origem de Itagimirim está entrelaçado com a história das Folias de Reisado na costa do descobrimento, demonstra que as folias migraram da zona rural para zona de urbanizações, o que permite sugerir ainda relações entre a construção social do espaço e o "lugar" que ocupam os diferentes grupos na sociedade de classes brasileira.

Principais Personagens do Documentário

Foliões e folionas, pesquisador e historiador adeptos das folias de Reisado.

Genivaldo da Silva Bomfim, 41 anos, depoimento cedido em sua residência em 30-05-2018.

Gabriel Bispo dos Santos, 17 anos, depoimento cedido em sua residência em 04-05-2018.

Jairo Viana de Castro, 34 anos, depoimento cedido em sua residência em 10/09/2019.

Jonas Almeida de Castro, 73 anos, depoimento cedido em sua residência em 11/05/2018.

Maria Conceição Rodrigues, 69 anos, depoimento cedido em sua residência em 04/03/2014.

Maria Silva, 60 Anos, depoimento cedido em sua residência em 11/05/2018.

Nega, 60 anos, depoimento cedido em sua residência em 04/05/2018.

Abordagem

A proposta é estar com um grupo de Reisado de Itagimirim e realizar gravações nos ensaios em meses que antecede as sociabilidades para o cortejo e comemoração no dia do Santo. Captaremos as atividades de ensino e aprendizagem entre adultos e jovens, em situações e cotidianos grupais, o que nos remetem a questões de expressões de saberes.

Em janeiro acompanharemos os foliões e folionas pelas Ruas e avenidas, em uma imersão, em uma "pesquisa de campo", em uma definição etnográfica. Como sou participante era o olhar do folião e pesquisador.

Entrevistas individuais: Foi entrevistado o Senhor Jonas Almeida, Nega, Genivaldo Silva, Maria Souza, Maria da Conceição, Gabriel Bispo. Lideranças femininas e os foliões quem tocam os instrumentos percussivos. Um folião e pesquisador Jairo Viana de Castro. Organizadores e executores da festividade. Personagens centrais das folias de Reisado, demonstrando cantos, histórias entrelaçadas com fases de aprendizados, socioeconômica regional, relações com Rios e meio ambiente, um universo cultural.

Entrevistas Coletivas: Durante o cortejo captou-se as relações dos envolvimentos diante dos símbolos, bem como os ensinamentos, no qual realizou coleta de materiais audiovisuais com essas histórias, e também de fotografias, em um trabalho posterior transcrevi os cantos, além de fazer um levantamento da história da cidade e evidenciando as expressões culturais.

Filmando o cortejo: Capturamos a dinâmica de socialização urbana dos foliões e folionas, suas vestimentas, cores, sonoridade, aceitações e rejeição. No caminhar evidenciou alegrias, e

acolhimento, identificamos uma relação coletividade, muitas amizades e longas datas, pessoas que mantém o movimento cultural.

Outras estratégias de abordagem:

Fotografia:

Para produzir um contraste ou um diálogo entre presente e passado as fontes foram também necessárias, sendo assim retiramos as fotografias do Livro Cachoeirinha: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeirinha do Baixo Jequitinhonha. Assim demonstraremos fatos ou idéias presentes no off ou na fala das personagens; uma visualidade poética das personagens, ouvindo e visualizando o passado como lembranças suas ou dos personagens da história, etc.

Encenação:

Os foliões e as folionas descreverão através de depoimentos os caminhos das folias de Reisado no sul baiano, seus aprendizados quando crianças. Nas cenas eles e elas, surgirão caracterizados durantes os cortejos e também nas contradanças. Nas festividades de São Sebastião do calendário das janeiras, demonstraremos: os ritos, e as musicalidades que impulsiona identidades. A nova geração de foliões especificará seus aprendizados, rememorando as pedagogias que assim contribuíram para modela-los no Reisado.

Observação:

Tentativa de fazer o público vivenciar a dinâmica sociocultural da costa do descobrimento no viés das Folias de Reisado.

Tratamento:

Abertura

Imagens em close do grande tambor e ou Bumba sendo tocado no momento do cortejo em casa de Itagimirim. Mostraremos um folião e duas folionas cantando suas contradanças favoritas. O áudio desta abertura será uma mistura do som direto local.

Situação 1

O grupo de Reisado sendo convidado adentrará uma casa e iniciando os cantos, bem como uma contradança, movimento em circulo manuseado os instrumentos. A cena seguinte detalha um momento de sagrado para o grupo.

Perguntas para os foliões e folionas:

Qual é seu canto e/ou batuque favorito?

A musicalidade é um elemento que unifica gerações de foliões, em que os saberes e as memórias estão em intenso diálogo.

Situação 2

D. Maria Conceição Rodrigues, uma liderança do Reisado, nos fala de sua relação familiar e como foi instruída para liderar o grupo, descreve a relação com o Rio, e as socializações culturais e econômicas do Rio Jequitinhonha a Beira Mar, a importância das folias de Reisado para surgimento do lugar onde denomina Itagimirim. Acompanhamos a foliona em sua casa, onde possui seu centro de Umbanda chamado São Jorge.

Perguntas para a liderança foliona Maria Conceição Rodrigues

Como era a vida na região naquela época?

Gostaria que a senhora me explicasse depois de vocês instalados aqui em Itagimirim como foi o envolvimento, a organização do festejo?

Situação 3

Os Foliões e folionas descreverão as fases de aprendizados, bem como elementos e instrumentos que propiciaram seus saberes e identidades. O folião Jonas Almeida em sua entrevista abordará a maneira de confecção dos instrumentos das folias.

Qual idade conheceu as folias de Reisado e iniciou seus aprendizados?

Qual seu foi seu primeiro instrumento e como é confeccionado?

Situação 4

No ensaio um folião mais experiente transmitindo seus ensinamentos a um folião adolescente. Também durante um ensaio ensinamentos e aprendizagem na roda de contradança.

Situação 5

Em uma entrevista um folião da nova geração, Gabriel Bispo descreve interesses e os caminhos na sociabilidade cultural de Reisado. Também incorporadas ao documentário à fala do folião pesquisador Jairo de Castro, especificando elementos da pesquisa e a dinâmica sociocultural dos adeptos das Folias de Reisado, no século XX, na costa do descobrimento.

Caminho para finalizar, movimento sagrado, musicalidade com ensinamentos e aprendizados. Uma câmera registrar o som e os vídeos do cortejo grava os depoimentos e registrar situações.

Fontes de Pesquisa

BRITTO, Larissa Novais. **Festa de São Benedito**: O Sagrado e o profano nas festas religiosas de origem africana em Porto Seguro- BA. Monografia apresentada a UNEB, Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Ciências Humanas e tecnologias Campus, Eunápolis, 2009.

CASTRO, Jakson Viana de. **Educação patrimonial um instrumento de ensino para História local.** Monografia apresentada a UNEB - Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Ciências Humanas e tecnologias Campus, Eunápolis, 2009.

GUERRA, Teoney Araujo. **Dados e informações para Estudantes**. Itagimirim-Ba, 2000.

IBGE. ***Censo demográfico***: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. – Rio de Janeiro: IBGE, 1982 – 1983. 26 V. : tab. – (Recenseamento geral do Brasil 1980, 9. V. 1, t. 4) pg. 21. 86- 87.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: www.ibge.gov.br acesso dia 06-05-12 às 13h00min.

IBGE.http://**cidades**.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=291530&search=||infogr %E1ficos:-dados-gerais-do-munic%EDpio acesso 11-11-2014, as 00h: 42 horas.

KAHÊ, Carlos. **Sangue na rua das flores**. 2002

NASCIMENTO, Nilson do Carmo**. Cachoeirinha:** Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeirinha do Baixo Jequitinhonha– Brasília, 2010.

ROCHA, Frederico Bahia. **O BOI DURO:** BELMONTE, CULTURA POPULAR FOLCLORE E PATRIMONIO. Monografia apresentada a UNEB - Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Ciências Humanas e tecnologias Campus, Eunápolis, 2013

SANTOS, Othoniel Ferreira dos. **Itagimirim: Minha vida é aqui**. – Othoniel Ferreira dos Santos, - Goiana: Kelps, 2017.

SOUZA, Ana Cristina de. **Mulheres do Jequitinhonha:** um diálogo entre arqueologia, história e antropologia, 2006.

Elaborados a partir das entrevistas transcritas com os foliões e folionas, Um memorial com dois anexos sendo um artigo e um roteiro descritivo, a obra intitulada **Do Rio Jequitinhonha a Beira mar: Aprender e Ensinar com o Reisado Itagimiriense**, do autor Jairo Viana de Castro. Universidade Federal do Sul da Bahia – Programa de pós-graduação em Ensino e Relações Étnicos Raciais. 2020.

31. Cronograma para Produção de Documentário[33]

TOTAL DA ETAPA (EM SEMANAS) ano 2017/2019

ATIVIDADE	Janeiro 2ª a 3 ª semana				Setembro 1ª a 4ª semana				Outubro 1ª a 4ª semana				Dezembro 1ª a 4ª semana			
PESQUISA																
Pesquisa Prévia		X	X		X											
Conversa com os depoentes em potencial							X	X	X	X					X	X
Projeto Escrito	**1ª Versão 16/03/2017**				**Versão p/ avaliação 1º bimestre 30/03/2018**											
PRÉ PRODUÇÃO Preparação da filmagem: equipamento e definição da equipe técnica. Ano 2018																
Agenda com depoentes							X		X	X	X			X	X	
Reserva de equipamentos de filmagem (câmeras, microfone, etc)	X	X	X	X												
Detalhamento da Pesquisa													X	X		
Melhorias no Projeto Escrito					X	X	X	X								
PRODUÇÃO Início das filmagens propriamente ditas. A produção confunde-se com a própria ação de fazer cinema. Ano 2018																
Filmagem	X	X	X	X			X		X	X	X			X	X	
PÓS PRODUÇÃO Subentende duas ações; a des-produção do set de filmagem e também a finalização do filme. Ano 2019																
Decupagem do material filmado					X	X	X		X	X					X	X
Edição de Imagens													X	X	X	X
Edição de Som													X	X	X	X
Tratamento de Imagens e Sons													X	X	X	X
Data limite p/ Entrega do filme													**03/02/20**			

[33]Referência: http://www.tvcultura.com.br/DocTv/acessado em 23 de dezembro de 2019 às 23h: 00 minuto.

32. Edição e montagem do documentário	
Vídeo	Áudio
Close no grande Tambor sendo tocando durante o cortejo, tocando por Gabriel Bispo, folião.	O som e vibrações dos toques estão atrelados em microfone embutido à máquina de filmagem.
Dona Nega, Senhor Jonas e Maria Silva, foliona, folião e liderança feminina, cantam um batuque favorito.	Som atrelado às filmagens
Cortejo do grupo de Reisado de Maria Silva (Maria de Nilo) recebe um convite em uma casa.	Som original vinculado às imagens
A roda de contradança sendo realizado dentro de casa.	Som original ao vídeo
Momento sagrado para os foliões e folionas, rezas e cantos do terço a São Sebastião, na casa D. Maria Silva.	Som original vinculado às imagens
Entrevista com D. Maria Conceição Rodrigues, descreverá os caminhos socioculturais das folias de Reisado Itagimiriense.	Som original vinculado às imagens
Em movimento fotografias do Rio Jequitinhonha, mata atlântica, porto dos canoeiros e igreja e São Sebastião.	Em off, a fala de D. Maria Conceição Rodrigues, enriquecerá as imagens descrevendo a vivências na região.

Vídeo	Áudio
Entrevista com D. Maria Conceição Rodrigues, descreverá a relação entre folias de Reisado e origens da cidade de Itagimirim.	Som original vinculado às imagens
Em movimento fotografias do inicio da comunidade, o processo de urbanização e as relações sendo tecidas com caminhos culturais.	Em off, a fala de D. Maria Conceição Rodrigues, enriquecerá as imagens descreverá dinâmica da comunidade no século vinte.
Entrevista com Senhor Jonas, Genivalde, e Maria Silva trazendo em sua fala: fases de aprendizados e sociabilidade nas folias.	Som original vinculado às imagens
O folião Jonas Almeida apresentará os instrumentos e maneira de confecção dos instrumentos das folias de Reisado	Som original vinculado às imagens
No momento do ensaio o folião Jonas Almeida, ensina o Jovem folião Gabriel a afinar um grande tambor.	Em Off, o canto de Dona Maria silva liderança da folia.
A foliona Nega, explicando os significados da Bandeira e porta bandeira no Reisado. Entrevista/vídeo do cortejo	Som original vinculado às imagens Em off, a fala de nega, quando evidenciar a bandeira durante o cortejo.
Momento da contradança ensaio, ensinamentos e aprendizados dos foliões, folionas e adeptos.	Som atrelado às filmagens

Vídeo	Áudio
Gabriel Bispo, jovem folião, descreverá seu interesse pelas folias de Reisado.	Som original vinculado às imagens
O folião e pesquisador Jairo Viana de Castro abordará os resultados e perspectiva das pesquisas sobre o Reisado.	Som original vinculado às imagens
Ritual sagrado nas folias de Reisado, no dia de São Sebastião (20 de Janeiro) reza do terço.	Som atrelado às filmagens
Sobe o olhar de um folião experiente, dois jovens folião, executa suas aprendizagens afinando o grande tambor. Créditos Fim....	Em off, a sonoridade das folias de reisado Itagimiriense, o batuque “vou me embora” Fim...

33. Link do documentário das folias de Reisado de Itagimirim-Bahia confeccionado: https://www.youtube.com/watch?v=aC-A-nAn7aI&t=5s

34. MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação
Título do Projeto:
Pesquisador Responsável:
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade do Estado da Bahia
Telefones para contato:
Nome do entrevistado:
Idade:
R.G:
Responsável legal (quando for o caso): _____
R.G. Responsável legal: _____

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa

Especificar, a seguir, cada um dos itens abaixo, em forma de texto contínuo, usando linguagem acessível à compreensão dos interessados, independentemente de seu grau de instrução:

•

OBJETIVO GERAL

OBJETIVOS ESPECIFICOS

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.
Ou
Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Itagimirim/BA, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do paciente ou seu responsável legal
_____

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento
_____

_____ _____
Testemunha Testemunha

Informações relevantes ao pesquisador responsável:

Res. 196/96 – item IV.2: O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;

b) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e

c) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

Res. 196/96 – item IV.3:

d) nos casos em que seja impossível registrar o consentimento livre e esclarecido, tal fato deve ser devidamente documentado, com explicação das causas da impossibilidade.

Casos especiais de consentimento:

6- Pacientes menores de 16 anos – deverá ser dado por um dos pais ou, na inexistência destes, pelo parente mais próximo ou responsável legal;

7- Paciente maior de 16 e menor de 18 anos – com a assistência de um dos pais ou responsável;

8- Paciente e/ou responsável analfabeto – o presente documento deverá ser lido em voz alta para o paciente e seu responsável na presença de duas testemunhas, que firmarão também o documento;

9- Paciente deficiente mental incapaz de manifestação de vontade – suprimento necessário da manifestação de vontade por seu representante legal.